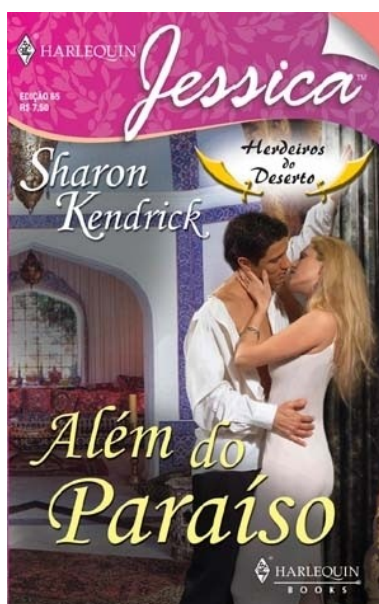


Além do paraíso

Sharon Kendrick

3º livro da Trilogia Herdeiros do Deserto



O sheik precisa de uma rainha, mas ela tem de ser pura...

Como sheik de Kharastan, Malik não tem tempo para distrações. Mas quando Sorrel, uma inglesa sob sua tutela, resolve enveredar pelas descobertas e prazeres do Ocidente, ele decide ser o homem a lhe ensinar as artimanhas da sedução!

Malik quer Sorrel, mas não irá desonrá-la. Como sheik, espera-se que ele se case e que sua noiva seja pura. Poderia Sorrel tornar-se sua rainha?

*Digitalização: Simone Ribeiro
Revisão: Bruna*



CAPÍTULO UM

— MALIK, eu... — Houve uma ligeira pausa, enquanto Sorrel se esforçava para pôr as palavras para fora. Ela limpou a garganta e tentou novamente, forçando um sorriso, como se isso partisse seu rosto em dois. — Eu deixando você — disse ela, desejando pegar as palavras de volta, imaginando por que diabos teriam saído assim, Malik desviou os olhos do documento que estava lendo e uma centelha de descontentamento surgiu neles, como se fosse um predador prestes a atacar sua presa indefesa.

— O quê? — questionou ele, impacientemente.

— Quero dizer... — Sorrel encarou o sheik de pele morena, sentado com seu robe de seda, junto à escrivaninha. Ele mal notara que ela havia entrado na sala e quase não a olhava agora, e a preocupação de como suas palavras teriam sido interpretadas era, obviamente, uma completa perda de tempo, já que ele nem estava escutando!

— Que estou deixando Kharastan — concluiu ela. A sobancelha de Malik se levantou, pois ele estava preocupado demais com os assuntos de Estado para tê-la ouvido. A verdade era que ele não tinha qualquer desejo de se incomodar com os afazeres internos do palácio. Será que ela não sabia disso?

— Agora não, Sorrel — resmungou ele. *Agora* não? Sempre que Sorrel precisava de uma confirmação de estar fazendo a coisa certa, isso vinha com uma resposta temperamental do sheik. Ele falava como se ela fosse uma mosca irritante que tivesse entrado voando em seu imenso escritório, a quem ele estivesse pronto a espanar.

A luz dourada entrava pela janela, transformando o cômodo suntuoso e iluminando o homem sentado diante da mesa, como uma gloriosa estátua. Como sempre, só em vê-lo, o coração de Sorrel ficava desejoso, porém, quanto mais rápido ela se livrasse disso, mais rápido se recuperaria do impacto de seu charme. Em vez disso, Sorrel se empenhou em ignorar seus atributos físicos e o olhou fixamente, com expressão interrogativa.

— Então, quando? Quando podemos discutir a respeito, Malik?

— Olhe! — Impaciente, ele acenou a mão na direção de uma pilha de papéis que aguardavam o selo real e sua assinatura. Ao lado, havia uma agenda lotada de compromissos seguidos. — Você sabe que há um assunto importante quanto à fronteira de Maraban que precisa ser resolvido rapidamente, e eu tenho que dar as boas-vindas a um embaixador ainda de manhã. Não consegue ver o quanto estou ocupado?

— Sim, Malik — disse ela, com um suspiro. — Claro que posso ver. — Só o fato de ele perguntar já magoava, pois, certamente, ele deveria saber que ela sempre via seus interesses como prioridade. Houve uma época em que ela cuidou dele sozinha, nos dias em que Malik não era nada além do mais valioso assistente do sheik. Mas agora todos os olhares estavam sobre ele.

No palácio real, nas terras das redondezas e muito além, ele era o centro do universo. Ser um rei do deserto era algo considerado irresistível aos olhos do mundo. Se Malik dissesse 'pule', todos obedeceriam, em geral, com um sorriso estampado no rosto.

Claro que nem sempre fora assim. Malik tivera um início tardio no jogo real, pois nem imaginava ser filho ilegítimo do sheik, até a notícia bombástica ser revelada, dois anos antes. O velho governante havia morrido e Malik fora coroado, passando de assistente a rei, numa cerimônia simples, mudando de alguém comum à realeza. No entanto, Malik pareceu ter se adaptado a esse novo status como um falcão que alçava o primeiro vôo solo no céu do deserto.

A expressão arrogante se abrandara, mas agora ele demonstrava uma certa distância em relação aos outros. O lado prático da personalidade de Sorrel reconhecia que ele precisava de distância para, literalmente, deter qualquer um que se aproximasse demais, tomando seu bem mais precioso: o tempo.

Ainda assim, no fundo, será que Sorrel não tinha a expectativa de que, no caso dela, ele abrisse uma exceção? Será que ele não percebia que ela estava aflita para lhe dizer sobre sua decisão e seguir adiante, fazendo algo de sua própria vida, em vez de apenas existir, como um satélite invisível? Não, claro que não.

Desde que Sorrel conhecera Malik, ele era um homem profundamente dominador. No entanto, ao herdar o Reino de Kharastan, o orgulho e a arrogância se tornaram ilimitados. Seus desejos eram sempre supremos e mais nada importava além do que o que sheik quisesse; e Sorrel chegara à triste conclusão de que simplesmente não havia mais lugar para ela em sua vida.

Tudo havia mudado — ele e ela também. De repente, ela já não se sentia como se pertencesse à terra onde vivera a maior parte da vida.

Então, onde é seu lugar? A pergunta a assombrava por muito tempo, apesar das tentativas de ignorá-la, porque, toda vez que se permitia pensar a respeito, sentia um grande vazio em seu futuro.

Os olhos negros de Malik agora percorriam as páginas da agenda e, sabendo não ser visto por nenhum de seus empregados, ele fez uma careta. Não seria Sorrel quem viria acrescentar mais ao seu fardo.

— Não há nada marcado em minha agenda para que eu a veja. — Ele franziu o rosto, depois ergueu os olhos. — Você marcou?

Houve uma época em que Sorrel teria desabado em lágrimas ao ouvir uma colocação tão fria, vinda de um homem a quem idolatrara

desde o dia em que conhecera. O homem que, na realidade, a 'resgatara', se tornara seu guardião legal após a súbita e trágica morte de seus pais, permitindo que ela permanecesse em Kharastan, em vez de ser levada de volta à Inglaterra. Mas o novo comportamento ríspido dele a magoava mais do que ela achara possível; e, mesmo se esforçando para dizer a si mesma que ele não estava sendo insensato, não era fácil.

— Não, eu não marquei um horário — respondeu ela, de pronto.

Os olhos de Malik se estreitaram. Qual seria o problema dela, ultimamente? Sorrel deixara de ser alguém com quem ele podia conversar e relaxar, para se tornar... *irresistível*.

— Bem, seja breve — disse ele, impacientemente, olhando o relógio moderno que contrastava com o robe esvoaçante que vestia. — O que é?

Sorrel pensou no que Malik diria se ela disparasse que ele havia se tornado *um porco arrogante e insuportável*. Será que a mandaria prender por traição?

Ela passou a língua nos lábios subitamente secos.

— Eu quero ir para a Inglaterra — disse Sorrel.

— Inglaterra? — Malik franziu o rosto. — Por quê?

— Porque... — Por onde ela começava? Não seria pela verdade, isso era certo.

Porque estou apaixonada por você. Sou apaixonada há anos, Malik, e você nunca reparou em mim como mulher.

Não, a verdade o estareceria. Sorrel não tinha experiência com homens, mas a biblioteca do palácio estava repleta de excelente literatura e ela já lera romances suficientes para perceber que perdia seu tempo com o sheik de Kharastan, dono de olhos negros e coração de aço.

— Porque agora tenho 25 anos.

— Não, Sorrel — ele negou. — Você está brincando!

Essa era o tipo de afirmação que Sorrel julgaria doce e divertida, mas agora soava quase como se ele a tivesse insultado. E, de certa forma, ele o fizera, pois o fato de não saber sua idade combinava com a forma como a tratava, como se tivesse seis anos de idade.

— Eu acho que, se há alguém que sabe a minha idade, esse alguém sou eu — disse ela, chegando ao limite do sarcasmo na forma como falava com Sua Majestade, nesses dias.

— Sim, claro. — repetiu Malik, pensativo, até cruzar com seu olhar, diretamente. — Como pode ser?

Sorrel paralisou diante da súbita expressão distante nos olhos cor de ébano. Um olhar triste, quase sonhador, como se tivesse se perdido no passado.

O que acabara de provar o quanto ela se tornara fantasiosa e sentimental, como se Malik sentisse falta da época em que era assistente do sheik, sem ser o sheik em si.

— Os anos se passam com mais velocidade do que qualquer um de nós consegue notar — disse Sorrel, percebendo o quanto soara aferada. Mas esse era o problema: ela *estava* sendo afetada. Os anos voavam e, junto com eles, a sua juventude, que ela estava desperdiçando esperando por um homem que nem sequer a via. Bem, não como mulher.

Um dia, provavelmente não no futuro distante, Malik começaria a olhar em volta em busca de...

— E não posso continuar aqui para sempre — concluiu ela.

— Mas você não conhece a Inglaterra — rebateu Malik. — Você nem morou lá nos últimos anos.

— Não, desde que estive no colégio interno — concordou Sorrel. — E mesmo nessa época não fiz o que se podia chamar de *morar* lá. Ter permissão para gastar os trocados do bolso não conta como viver no meu país de origem!

A boca contraída de Malik relaxou, ligeiramente. Ele a conhecia desde criança, uma boneca loura, como seu pai a costumava chamar. E ele estava certo. A pequena e alegre Sorrel encantou a todos.

Seus pais eram diplomatas, acadêmicos inteligentes, ávidos por novas experiências, o que acabou sobre os picos montanhosos de Maraban, na fronteira com o lado oeste do país. Lá, numa noite tempestuosa, seu avião e seus sonhos se despedaçaram no chão, e Sorrel, a menina de 16 anos, ficou órfã.

Talvez, se fosse mais nova, não poderia se recusar a regressar ao país natal e ser criada por um parente distante. E, se fosse mais velha, não teria havido necessidade de um tutor. Mas ela precisava de alguém, e Malik, um grande amigo e confidente de seu pai, o embaixador, foi indicado como seu tutor no testamento.

Ele era mais de uma década mais velho e, num país mais liberal do que Kharastan, talvez fossem feitas perguntas sobre o quão apropriado seria esse acordo, entre uma garota adolescente e um homem solteiro, de sangue nas veias. Mas não foram feitas perguntas. A reputação de Malik era impecável quanto ao que dizia honra e dever. Ele inspecionara sua formação com olhos atentos, bem mais severo do que qualquer pai, embora Sorrel jamais o tivesse dado motivo de preocupação, nem mesmo sinal de rebeldia. Até agora.

Ele a encarava. Sorrel estava quase toda coberta de seda clara, como os costumes de Kharastan ditavam. Portanto, era quase impossível saber como era sua silhueta. Porém, a julgar pelo caimento do tecido e pelo rosto oval perfeito, era fácil reconhecer que sob o pano ela era uma jovem esguia e saudável.

Apenas uma mecha loura pendia da renda prateada que lhe cobria os cabelos e a única cor aparente era o azul brilhante dos olhos e o tom rosado natural dos lábios dele. Pela primeira vez, Malik começou a perceber que, em algum ponto do caminho, ela se tornara uma mulher e ele sequer havia notado. Será que devia deixá-la partir?

— Você não pode apenas passar umas férias na Inglaterra? — perguntou ele, temperamental. — E depois voltar?

Sorrel suspirou. Ele não estava entendendo, Mas ela não podia lhe contar, podia?

— Não. Malik — disse ela, pacientemente, sabendo que, diante do estreitar de seus olhos, pouca gente lhe dizia não, desde sua súbita elevação de status. — Eu passei minha vida toda tendo férias na Inglaterra. Não morei lá de forma apropriada. Até fui para a universidade aqui, em Kumush Ay...

— Que tem uma ótima reputação ao redor do mundo! — interrompeu ele, com orgulho voraz. — E o que a possibilitou ser uma das únicas mulheres ocidentais a falar um kharastani fluente. Ora, você fala quase tão fluentemente quanto eu!

— Obrigada. — Sorrel se curvou rápido, sabendo que o sheik acabara de lhe fazer um elogio e não reconhecê-lo seria descortês. Mas isso também era um exemplo do quanto as coisas haviam mudado desde sua elevação na hierarquia real.

Houve uma época em que ela o teria provocado de forma brincalhona, ou talvez o desafiasse sobre quem estava certo, ou errado. Não mais. *E quanto mais tempo você ficar, pior será*, disse a si mesma.

— Eu não quero ser uma estranha em minha terra natal, Malik — falou ela, com fervor. — E se eu deixar passar muito mais tempo, serei. Eu me tornarei uma daquelas pessoas cujo conhecimento a respeito de seu próprio país limita-se a vagas lembranças. Os olhos dele cintilaram ao balançar a cabeça. — Sim — cedeu ele. — Os laços à nossa terra natal são os instintos mais fortes conhecidos de um homem, pois eles nos ligam à nossa própria história.

Sorrel ficou com tanta raiva que seria capaz de chutar a perna da escrivanhinha. Queria lhe dizer para não ser tão irritantemente pomposo, mas ela também não podia fazer isso. Ele podia falar com ela como se tivesse 103 anos de idade, mas o que dizia fazia sentido e, ao menos, falava de coração. A descendência era de imensa importância para ele. Por isso, ele entenderia naturalmente que ela também quisesse investigar suas próprias raízes.

Afinal, não era culpa dele que ao longo dos anos ela tivesse alimentado uma fantasia tola quanto compartilharem um futuro...

— Sorrel?

A voz dele irrompeu em seus pensamentos e Sorrel piscou, com o coração disparando como acontecia, quando ele pronunciava seu nome daquela forma tão meiga.

— Sim, Malik?

— O que exatamente você está pensando em fazer na Inglaterra?

Tentar começar uma vida nova. Fazer o que toda mulher de 25 anos já teria feito, a essa altura, caso não estivesse tão envolvida, tentando se encaixar num lugar onde não pertence. Talvez encontrar um namorado no caminho.

— Vou procurar um emprego. Houve uma pausa.

— Um emprego? Que tipo de *emprego*? — perguntou ele, exigente, incrédulo, como se ela tivesse falado algo surreal.

— Posso fazer muitas coisas.

— É mesmo? — Ele se recostou na cadeira e entrelaçou os dedos longos sobre a túnica de seda, com um olhar negro perfurante. — Tais como?

— Sou ótima administradora.

— Até aí é verdade — admitiu ele, pois ela vinha coordenando as atividades do palácio desde que se formara. Nenhum banquete real jamais fora concluído sem que Sorrel estivesse nos bastidores comandando a engrenagem do evento, evitando que egos delicados se chocassem.

— E também sou bem articulada e tenho diplomacia.

Malik estava vendo o rumo da conversa e lembrou a si mesmo o quanto ela era protegida e inocente.

— Se acha que poderá ingressar diretamente num emprego sem qualquer treinamento está enganada, Sorrel, — Altivo, ele tamborilava um dedo sobre a superfície polida da escrivaninha. — Entretanto, eu posso falar com algumas pessoas em seu nome. Talvez eu possa providenciar para que fique com uma família. Sim, isso pode ser a melhor solução à vista.

— Uma família?

— Por que não? As garotas sempre fazem isso. Garotas, ele havia dito. Não mulheres, mas *garotas*. Aquilo já era demais! Pela primeira vez, depois de adulta, Sorrel olhou ao redor daquele cômodo do palácio de teto alto, não como um lugar mobiliado com antiguidades inestimáveis e lustres cintilantes, mas como um tipo de gaiola de luxo. Exceto pelo fato de que até mesmo um passarinho preso numa gaiola podia ser visto, enquanto ela ficava escondida, como um tipo de segredo. Impedida de se relacionar livremente com homens, coberta dos pés à cabeça com robes desenhados para ocultar sua silhueta de todos os olhos. Ela nunca havia se importado com a camuflagem que era o traje nacional, mas, ultimamente, vinha olhando as páginas de moda na internet com uma avidez que a surpreendia.

— Eu não sou uma ga... garota — retrucou ela com uma voz trêmula de emoção, que não tinha certeza se podia identificar mesmo se estivesse com humor para análise. — Sou uma *mulher*, não uma

adolescente estrangeira que precisa de acompanhante para ser cuidada.

Os olhos de Malik foram capturados pelo súbito tremor de seus lábios e suas pupilas dilataram, como se ele nunca os tivesse visto antes. Pareciam pétalas. Provocativamente rosados. Será que Sorrel tinha alguma idéia do que os homens ocidentais poderiam fazer quando confrontados por lábios como aqueles? Ele a encarava.

— Eu me sentiria mais feliz sabendo que você está em boas mãos — teimou ele.

Não era fácil, porém Sorrel sabia que precisava começar a se impor, se quisesse algum tipo de vida independente.

— Por mais estranho que pareça, isso não tem a ver com você, e sim comigo e minha vida. Estamos lidando com a sua vida ininterruptamente, desde que você se tornou sheik, não é?

Por um instante, ele paralisou, com algo alertando-o de que ele não estava acostumado a isso, ao menos, nunca com Sorrel, e alguma coisa estava em dissonância. Os olhos negros reluziam. Ela estaria se atrevendo a criticá-lo? Ou querendo dizer que não estava feliz com sua sorte?

Ele contraiu a boca numa expressão implacável de raiva que Sorrel já vira antes, mas nunca direcionada a ela.

— Bem, perdoe-me se você ficou entediada — disse ele, num tom arrogante que disfarçava o ódio que sentia. Ocidentalzinha ingrata! Acolhera Sorrel, garantindo que ela tivesse uma boa educação e um lar seguro, e agora ela lhe atirava a proteção na cara, como uma criancinha mimada!

Como ele gostaria de ensinar-lhe uma lição! Mas, ao sentir o sangue correndo quente pelas velas, Malik se levantou de sua mesa rápido, temporariamente confuso por sua reação, como se aquele estado jamais existisse para um homem desacostumado à dúvida pessoal. Ora, num instante atrás...

Sabendo que ela o seguia com o olhar, Malik caminhou até a janela, de postura ereta, olhando o jardim bem cuidado do palácio, e reprimiu um suspiro. Quando havia sido a última vez em que tivera a chance de vagar por aquele esplendor perfumado, sem qualquer preocupação nesse mundo?

Não mais, desde os últimos dias como um homem livre, antes da notícia de que ele era o mais velho dentre os três filhos do falecido sheik. Antes que a coroa de Kharastan fosse posta em sua cabeça.

De várias formas, Malik havia sido bem preparado para os encargos pesados e específicos do reinado, pois fora o assistente fiel do Sheik Zahir durante muitos anos, e era bem entrosado com os hábitos da corte de Kharastan. Mas saber algo como um consultor, independente do quanto fosse favorecido, era muitíssimo diferente de se tornar o governante, principalmente com tão pouco tempo de aviso

prévio. Malik sabia que as mudanças seriam bem mais sutis e abrangentes do que a mera troca de papéis.

O estado relaxado que ele simplesmente subestimava havia terminado. Fora arremessado em um mundo onde já não podia expressar uma opinião sem primeiro analisá-la com cuidado. Pois suas palavras seriam tomadas, distorcidas ou analisadas com um significado que não teria sido sua intenção. Ele pôde recorrer a Fariq, seu assistente pessoal, e elevar sua posição para a de assistente do sheik, mas Malik ainda se sentia como se estivesse sendo julgado. Como se tivesse que provar para todos, sua gente, o mundo, e ele mesmo, que era capaz de assumir essa imensa responsabilidade de poder.

Somente com Sorrel ele não precisava se dar ao trabalho, porém, agora mais uma mudança viria, e Sorrel queria partir.

Ele se virou novamente e a viu de olhos atentos. E algo naquela expressão assustada o balançou, parecendo focalizar subitamente toda a realidade. Como se a hesitação nos imensos olhos azuis dela enfatizasse, mais do que qualquer coisa até hoje, o quanto a vida de Malik se tornara diferente.

Sorrel, que jamais o olhara sem uma expressão de serenidade e um sorriso de aceitação, agora o examinava como se ele fosse um sultão cruel, saído das páginas de *Noites da Arábia*. Ele, Malik, que não lhe dera nada além de gentileza!

Bem, deixe-a ir! Deixe-a desfrutar de uma existência anônima na Inglaterra!

Mas ele viu uma ligeira névoa em seus olhos e se compadeceu, dando a ela uma última oportunidade de ter bom senso.

— Um cargo pode ser visto para você na embaixada de Kharastan — disse ele.

— Eu... imagino.

Ele percebeu a relutância em sua voz, e com qualquer outra pessoa eliminaria mais perguntas, mas, pelo amor de Deus, era Sorrel, que lhe trouxera, ainda criança, uma caixinha coberta de conchas, de um lugar chamado Brighton.

— Você não quer assistência alguma? — perguntou ele, orgulhoso.

Sorrel hesitou, pois a última coisa que queria era insultá-lo. Os costumes kharastani eram incrivelmente complexos, e ela precisara de muito tempo para entender que a possibilidade de uma oferta é sempre sugerida antes que esta fosse feita. Sendo assim, a sugestão poderia ser declinada, não a oferta em si, assegurando que ninguém sáísse de orgulho ferido.

— Eu apenas acho que será melhor se fizer sozinha. Caminhar com minhas próprias pernas, pela primeira vez em minha vida. — Ela ergueu o olhar ao dele, que era frio como pedra. — Você consegue compreender isso, Malik?

— Acho que está enganada — respondeu ele, cruelmente. — Não é meu papel entender um dos meus súditos, nem ser sugerido que o faça!

Ele ergueu os ombros e lançou um olhar gélido e Sorrel poderia ter caído em lágrimas, pois ela jamais poderia imaginar que Malik demonstraria sua autoridade contra ela. E ela era um de seus súditos? Talvez fosse, tecnicamente, ao menos.

Mais uma vez, a sensação de estar presa e encurralada a tomou.

— Não, claro que não — rebateu Sorrel, contraída, baixando o olhar, por um momento, nem tanto como uma submissão debochada, mas para que ele não visse sua fúria, chegando a esboçar um leve sorriso. — Então, tomarei as providências necessárias.

— Está certo — disse ele, com voz gélida, pegando a caneta de ouro num gesto que obviamente demonstrava sua intenção de dispensá-la.

Mas Sorrel não estava disposta a ser posta de lado, não mais. Pois o próprio Malik acabara de demonstrar como recompensava a lealdade e o afeto: com desdém e menosprezo.

— Acho que há algum dinheiro guardado deixado para mim pelo meu pai, não?

Ele a olhou, inclinado a usar seu poder de tutor do patrimônio do pai dela. Deixá-la ver quanto tempo sobreviveria no mundo se tivesse que ganhar a vida como outros mortais. Só então ela talvez fosse grata pela vida mimada que tinha nas dependências do palácio !

Porém, Malik não era tolo, e não negaria a Sorrel algo que era legitimamente seu, pois assim ele a manteria no palácio, lugar do qual ela com certeza se entenderia. Apenas alguns momentos antes, ele mesmo se arrepiara diante da sensação de estar encurralado, portanto, por que faria isso com outra pessoa? Por que sentiria sua falta?

Ele contraiu a boca. Talvez, por um instante, não mais que isso, da forma como se sente a falta de um cavalo favorito, quando se vive na cidade e já não é mais possível montar. Mas, sem dúvida, Sorrel visitaria Kharastan de tempos em tempos. Ele a veria desabrochar ao ingressar na nova vida, e era assim que deveria ser.

— Sim, Sorrel — disse ele, surpreso pelo peso súbito na voz. — O dinheiro que seu pai deixou para você foi investido pelos consultores financeiros do falecido sheik. — Ela parou para dar ênfase, para deixar que as palavras fossem assimiladas, mas também para captar sua atenção. — Portanto, a quantia que ele deixou aumentou consideravelmente. — Ele viu os olhos dela se arregalarem e percebeu que precisava agir rápido para eliminar quaisquer sonhos mal fadados que ela pudesse ter. — Isso não significa que você agora seja uma mulher rica, mas há uma boa provisão. Eu a aconselho a gastar com prudência, com muito cuidado, até que esteja habituada a lidar com dinheiro.

Sorrel o encarou. O que ele pensava que ela iria fazer? Gastar tudo em centenas de pares de sapatos, ou começar a comprar diamantes?

— Obrigada pelo conselho — agradeceu ela, retraída.

Malik relaxou um pouco. Então ela estava preparada para ouvi-lo!

— Devo pedir a alguém que converse com você e lhe apresente todas as possibilidades de orçamento?

Por um instante, Sorrel ficou tentada, depois, uma ponta de rebeldia surgiu do nada. Por toda a vida, as pessoas a 'guiaram' e ajudaram-na a tomar decisões e isso não acontecia com outras pessoas de sua idade. Quantas outras jovens jamais haviam pago aluguel, nem feito supermercado, ou preparado seu próprio jantar? E elas tinham o benefício de um consultor financeiro do palácio?

Além disso, que conselho poderiam dar que fosse proveitoso na Inglaterra? Mal podiam dizer à ela como economizar na conta do aquecimento central!

— Obrigada, Malik, mas não. Prefiro caminhar sozinha.

Os olhos dele se estreitaram.

— Como você é teimosa, às vezes, Sorrel — disse ele, suavemente.

— Não é teimosia, Malik, chama-se independência.

Ele hesitou, depois fez a pergunta sabendo que estava quebrando o protocolo.

— Você não quer a minha ajuda?

Sorrel sacudiu a cabeça e ao fazê-lo sentiu o véu incomodar sobre os ombros. Ela o usava havia bastante tempo e logo ele seria erguido e removido. Sua cabeça ficaria desnuda de uma forma que ali era impossível. Isso seria a liberdade, em vários aspectos, e o mais importante de todos era seu desejo de se libertar daquela adoração de mão única que sentia pelo sheik.

— Quero fazer do meu jeito. — Ela deveria ter sentido empolgação, mas, naquele instante, sentia um aperto em seu coração ao ver os olhos negros de Malik, percebendo que, apesar de tudo, ela queria sua bênção, a garantia de que suas atitudes não prejudicariam a amizade dos dois. Que após tirá-lo por completo da mente, uma afeição permaneceria. — Pode ser?

Ele deu de ombros, visivelmente desdenhando.

— Faça como quiser, Sorrel — disse ele, frio, pegando os documentos nos quais estivera trabalhando, num gesto que demonstrava dizer de modo claro *eu lavo as minhas mãos quanto a você*. — Mas, se não se importia, acho que liquidamos o assunto, não acha? Estou um tanto ocupado.

Sorrel o encarou. Ela fora dispensada como se fosse uma serviçal. Teve de conter a raiva e a mágoa, quando ele literalmente se debruçou sobre o trabalho. Ainda assim, de alguma forma, ela se manteve em silêncio, de cabeça erguida, ao caminhar rumo aos seus aposentos, dizendo a si mesma que aquela reação à notícia, depois da amizade de uma vida inteira, era nada menos que vergonhosa.

Bem, ela mostraria uma coisa ao sheik todo-poderoso Malik! Ela partiria e viveria a vida como deve ser!

Então, por que seu coração parecia tão pesado ao entrar no suntuosos aposentos e olhar ao redor? Os móveis delicados e as pinturas emolduradas em dourado... As prateleiras, uma acima da outra, cheias de livros herdados do pai diplomata... A vista dos jardins do palácio... Os gramados esmeralda que levavam ao retângulo de água, com um chafariz que se via a distância...

Em contraste com a superfície prateada, ela via as plumas cor de rosa dos flamingos, pássaros tão fantásticos que quase pareciam irreais. Patos e gansos selvagens pousavam, às vezes, em sua rota rumo ao Mar de Balsora. Inúmeras vezes Sorrel vira os rostos incrédulos de visitantes, como se simplesmente não pudessem imaginar que uma variedade de vida selvagem existisse numa terra de deserto predominante. No entanto, Kharastan era uma terra de surpresas constantes; sua beleza, riqueza e complexidade se entranhavam até os ossos, e ela sentiria saudades.

Sorrel se afastou da janela e olhou o conjunto de fotografias expostas sobre o piano. Em meio à coleção de fotos em preto-e-branco, havia uma do casamento dos pais e outra, tirada depois, dos três juntos, rindo, numa visita a Balsora, pouco tempo antes do acidente fatal.

No entanto, um porta-retrato sozinho dominou sua visão e ela o pegou, tragando a imagem, enquanto o coração batia acelerado, ao olhar o dia da coroação oficial de Malik, seu amado rosto, tão austero e determinado, sob o peso imenso de sua coroa e de seu destino.

Lágrimas traiçoeiras ameaçavam surgir, e um estranho sentimento de apreensão pareceu querer sufocá-la. Sorrel rapidamente colocou a foto de volta sobre o piano e desviou o olhar.

CAPÍTULO DOIS

— NÃO SERÁ como você imagina. E as pessoas irão tratá-la de forma diferente por lá. Volte a mim, se algum dia tiver problemas, Sorrel.

Aquelas palavras ecoavam nos ouvidos de Sorrel. As últimas palavras que Malik havia dito pouco antes da porta da limusine escura se fechar e separá-la dele.

Para sempre?

Agora ela estava simplesmente sendo ridícula! Claro que o veria de novo. E ela não teria feito todo o trajeto até a Inglaterra e mudado toda a sua vida para ficar pensando em Malik, não é?

O problema era a dificuldade de não pensar, sem ficar comparando a nova vida na Inglaterra, tão diferente daquela em Kharastan. Depois de um mundo enclausurado de um colégio interno inglês e sua vida limitada na corte, pela primeira vez na vida estava experimentando a liberdade.

Só que essa liberdade parecia ter um preço... Reconhecendo ter sorte por possuir capital para alugar algo, ela começou a procurar. Desistiu de Londres por ser muito grande e movimentada, mas não queria cair na obscuridade de um pequeno vilarejo inglês.

Acabou escolhendo Brighton, pois era uma linda cidade costeira, e ela se recordava de ter passado ótimas férias ali, quando criança.

Encontrou um apartamento de frente para o mar, com imensas janelas do chão ao teto, que deixavam entrar uma luminosidade fabulosa. Era um dos vários imóveis pertencentes a Julian de Havilland, artista local muito famoso que só alugava para pessoas que tivessem uma 'boa vibração'. Sorrel achou que os poucos móveis do apartamento não seriam o mais atraente à maioria, mas foi, de longe, o melhor imóvel que ela havia visto.

— Eu fico com ele! — disse ela, sua atenção capturada pela luz do sol dançando sobre o mar, do lado de fora das vastas janelas.

— Receio que não haja cortinas — disse ele, passando a mão nos cabelos pintados com henna indiana.

— E quem precisa de cortinas? — retrucou Sorrel, suavemente, pensando em mudar de roupa no banheiro, que tinha uma imensa e barulhenta banheira.

— Você está trabalhando em Brighton? — perguntou ele, com curiosidade, olhando-a correr os dedos pela borda de mármore da lareira,

— Não, eu não tenho emprego — respondeu ela, vendo a curiosidade se acentuar em seu rosto, sem querer parecer uma garotinha rica, o que não era, e percebendo que só trabalhando é que conheceria pessoas. Ela deu um sorriso largo. — Ainda não, mas vou começar a procurar.

— O que você faz?

Ah, essa era a questão. O que ela fazia? Sorrel fez uma careta e apresentou um de seus maiores atributos.

— Falo francês e alemão.

— Fluentemente?

— Oh, sim. — Ela estava decidida a não utilizar seu conhecimento de kharastani. Sorrel já decidira que não tornaria seu histórico público, principalmente porque não seria justo com Malik. Ele era poderoso, um

rei, e poderiam pensar que ela estivesse fantasiando até quanto ao fato de conhecê-lo. E não podia esquecer que poderiam querer abordá-lo por todos os motivos. E ela jamais tomaria a liberdade de usar a amizade para apresentar pessoas.

Amizade? Mas que amizade!

Malik nem se incomodara em responder seus e-mails e não telefonara uma vez sequer. Nem dera sinal de vida quanto aos cartões-postais que ela havia mandado, em proposital tom alegre, como se estivesse tendo a maior diversão do mundo, com sua liberdade recém-adquirida. Como se não estivesse sentindo sua falta, ou de sua vida no país exótico e complexo que era Kharastan. Mas ela sentia.

Morria de saudades. Do amanhecer dourado e do entardecer ardente e da beleza pungente do deserto. Do ar perfumado do jardim. E não é que ela sentia falta de seu estilo de vida excepcionalmente privilegiado, para ser honesta? Será que ela não havia se tornado acostumada demais aos empregados que atendiam a todos os seus pedidos? Em ter suas roupas lavadas e suas refeições preparadas? Ora, ao deixar Kharastan, Sorrel tinha sua própria assistente!

Mais que tudo, ela sentia falta de Malik. Da visão do rosto zombeteiro nos banquetes de Estado, do som de sua voz ressonante ao fazer um discurso de boas-vindas às autoridades. Ela sentia falta da expectativa de dar de cara com ele. Pensava que ele poderia aparecer a qualquer momento, pelos vastos corredores de mármore do palácio, com seu robe de seda esvoaçante, seguido por uma legião de assistentes.

Mas será que isso não demonstrava o quanto seu desejo por ele era inútil? Se ela analisasse a verdadeira essência de seu relacionamento, não era nada. Alguns olhares diários, como membro de um público adorador, enquanto ele apresentava um discurso, não era um relacionamento de verdade. Ela parecia mais uma tiete qualquer do que um semelhante. Pois jamais seria sua semelhante. Agora não.

Durante os anos que antecederam a chegada da notícia bombástica de que ele era o verdadeiro herdeiro do sheik, havia esperança de que pudesse retribuir seu amor. Mas ele jamais o fez e nunca faria. Talvez, no fundo, Malik sempre tivesse pressentido a verdadeira magnitude do destino, e Sorrel tinha de aceitar o seu. E o seu estava ali. Agora. E tinha de aprender a se adaptar a essa forma de vida inteiramente diferente.

Seria um choque, porém necessário, se ela quisesse alcançar algum nível de progresso e contentamento, pensou ela, ao assinar um cheque e entregá-lo a Julian.

Ele o pegou, dobrou e colocou no bolso traseiro do jeans.

— Bem, se você precisa de um emprego e fala línguas, então, por que não procura o Departamento de Turismo? — perguntou ele, vendo sua expressão interrogativa. — São especializados em locais de interesse que fogem aos lugares comuns, tanto quanto as atrações

habituais, mas recebem muitos turistas estrangeiros que não falam inglês. Eles têm um pequeno escritório de imenso movimento ao fim da rua, de frente para o mar.

— E estão à procura de alguém? Julian sorriu.

— Sempre estão procurando alguém! Não pagam muito, mas o ambiente é bem tranquilo.

E era aquilo mesmo. O escritório ficava localizado bem perto de seu apartamento, entre uma loja de roupas e uma casa de vinhos. Havia plantas na janela, café grátis e pilhas de revistas dos mais variados assuntos, além da música que vinha de um aparelho de som, num canto.

Uma pergunta relativamente fácil em francês foi feita a Sorrel e ela ganhou o emprego no ato, período matinal, sábado sim, sábado não. Ela ia trabalhar com Jane, que acabara de sair da faculdade e não conseguia resolver o que fazer, e um rapaz bem bonito, chamado Charlie, que disse a ela estar "descansando" atualmente.

— Ah, você está sempre "descansando"! — acusou Jane, com uma risadinha.

Foi um alívio e tanto estar num ambiente amistoso, com gente de sua idade, que Sorrel se viu relaxando, pela primeira vez, desde que seu avião decolará do Aeroporto de Kumush Ay.

O trabalho era tão fácil que ela achava poder fazê-lo de olhos fechados, mantinha as plantas regadas e lia tudo o que podia sobre Brighton, pois estava decidida a se sair bem.

E quando Jane e Charlie perguntaram, ela disse apenas que havia trabalhado no Oriente Médio, mas queria algo novo, o que era verdade. Foi um belo ingresso ao mundo profissional, no entanto, Sorrel se sentiu incredivelmente nervosa, pois apenas alguns meses antes ela estivera lado a lado com líderes políticos e rainhas. Para onde teria ido aquela Sorrel serena e imperturbável? Ela parecia tê-la deixado para trás.

Achou que a ansiedade era por algo além de estar se fixando em sua própria terra, que parecia um país estrangeiro. Era como se ela tivesse que obter uma nova identidade para lidar com a nova vida.

De cara, teve que sair e comprar novas roupas, adequadas aos novos compromissos. Sensação estranha, aquela! Não tinha que seguir o código indumentário rigoroso de seu país de adoção, que se tornara sua segunda pátria.

Sem os trajes de seda do pescoço aos pés, ela se sentia quase... nua, apesar de não estar. Com certeza não, e de forma alguma, se comparada aos outros. Comprou umas saias longas, um jeans que tinha um cós perturbadoramente baixo, e camisetas que ficavam coladas aos seios de uma forma que não estava habituada. Mas era a Inglaterra, lembrava a si mesma, não Kharastan!

Na verdade, as roupas que usava eram um tanto modestas, principalmente levando-se em conta que o clima era muito quente, pois a Inglaterra estava passando por uma onda louca de calor que Sorrel jamais poderia prever. Apesar de deixarem a porta da frente escancarada, o escritório parecia um forno, e durante as noites sem vento, deitada na cama, Sorrel se via desejando o frescor do ar-condicionado do palácio, em Kumush Ay.

— Você não está cozinhando, vestida assim? — perguntou Jane, numa manhã, largando a bolsa sobre uma das mesas. — Agora você não está no Oriente Médio, não é? E esses vestidinhos são bem mais frescos!

— Sim, parecem mais frescos — concordou Sorrel, com um leve desejo na voz, ao ver as coxas nuas de Jane. — Mas minhas pernas são muito brancas, ao contrário das suas.

— Você não tomava banho de sol em... Kharastan? — perguntou Jane.

— Não era muito apropriado — respondeu Sorrel, meio de esguelha.

— Bem, meu bronzado não é real — confidenciou Jane, e quando ela viu o olhar vago de Sorrel, caiu na gargalhada, e começou a esfregar as mãos. — Oba, eu sempre quis fazer uma transformação em alguém!

Foi uma experiência que Sorrel jamais esqueceria. Primeiro, foi o salão de beleza, onde fizeram bronzamento artificial nela. Quando viu, ela deu um gritinho diante das manchas na pele, até que lhe garantiram que a cor iria igualar. Depois, fez as unhas dos pés e das mãos, que lhe pintaram de rosa-choque.

— Você nunca esteve na manicure? — perguntou Jane, perplexa.

— Nunca — disse Sorrel, combatendo seu sentimento de dúvida, ao tentar imaginar o que Malik diria se pudesse vê-la agora, deitada num sofá de couro, aguardando como se fosse passar por um exame médico, enquanto o esmalte secava. Ele provavelmente nem se permitiria um comentário. Sorrel tomara o caminho que havia escolhido e agora era uma mulher ocidental que podia fazer o que quisesse, sem estar mais sob sua proteção ou controle. E ele também seguira adiante, eliminando-a por completo de sua vida, o que supostamente seria o motivo por nem ter a cortesia de lhe retornar.

As lágrimas começaram a ameaçar seus olhos e ela piscou para afastá-las, querendo que aquilo não magoasse.

Mas doía, e Sorrel se desprezava por sentir uma dor que não tinha qualquer justificativa, na realidade. Porque nada acontecera entre ela e Malik, absolutamente nada, exceto no terreno fértil de sua imaginação. Nem um olhar sequer e, com certeza, jamais um beijo, ou um toque. Sorrel engoliu. Era verdade. A menos que contasse as vezes em que ainda era criança e estava aprendendo a montar, e ele a erguera para

colocá-la sobre o cavalo, gentilmente encaixando seus pés nos estribos, Malik *jamaís a tocara*.

Nem mesmo nos casamentos de seus dois meio-irmãos, quando houve oportunidade, ele nem dançou com ela. Na maior parte do tempo, estivera ocupado, como ela, com as atribuições da organização de dois eventos tão elaborados, mas quando estava mais calmo... Não. Ela franziu o rosto ao lembrar.

Na verdade, ele não dançara com ninguém, embora algumas das damas mais atiradas o tivessem rodeado, da forma como ela vira fazerem os abutres, ao redor de um leopardo vencido, nas areias escaldantes do deserto.

Então, por que ela estava deixando que ele povoasse seus pensamentos? E por que continuava a ter esse sonho, que deveria estar se distanciando a cada dia, em vez de se reproduzir em technicolor em sua mente?

Era hora de seguir em frente e havia maneiras práticas de fazer isso. Ela havia encontrado o apartamento e o emprego. Talvez fosse hora de deixar de ficar de lado, em seu próprio país natal, para abraçar a cultura, como faria qualquer outra mulher solteira de 25 anos.

Ela olhou para Jane, que estava vendo o mostruário de cremes hidratantes.

— Podemos ir fazer compras depois do trabalho?

— *Podemos?* — Jane riu. — É claro!

Sorrel nunca tinha ido fazer compras com um cartão de crédito. Seus pais não eram muito de gastar e eram enfáticos ao desencorajar o que chamavam de *frenesi consumiste*. Após a morte deles, ela simplesmente nem pensara em fazer compras. Enquanto esteve no palácio, todas as suas roupas foram pagas pelo sheik e ela descobriu que um salário muito generoso vinha sendo depositado em sua conta, durante todos aqueles anos.

Portanto, por que ela não deveria esbanjar um pouquinho? Vestidos de lojas de departamentos não iam exatamente falir a conta bancária, iam?

E Jane era como uma criança solta no provador de roupas.

— Experimente isso!

— Não! Não fico bem de vermelho — protestou Sorrel.

— Como sabe se não experimentou?

Verdade. Como? Para surpresa de Sorrel, Jane estava certa. O vermelho não ficou apenas bom. — O vestidinho de algodão com umas miçangas alaranjadas ficou ótimo! Seria a última coisa que ela vestiria em Kharastan. Mas isso certamente era uma boa coisa. Nova vida, lembrou ela, a si mesma. Nova mulher.

Ela acabou comprando quatro vestidos, uma minissaia jeans e alguns tops legais, com alcinhas bem finas, outros tomara-que-caia, e um par de sandálias anabela que faziam suas pernas parecerem quase indecentemente longas.

— Você terá a chance de mostrá-las essa noite — disse Jane.

Sorrel piscou. Será que teria deixado de notar algo?

— O que vai acontecer essa noite? — perguntou ela. — Você — disse Jane, firmemente. — Não estou fazendo perguntas, já que você obviamente não quer falar a respeito. Mas posso ver, só pela expressão em seu rosto, que está tentando esquecer algum cara. A única forma de fazer isso é arranjando outro, e é exatamente isso que faremos!

O primeiro impulso de Sorrel foi se retrair, horrorizada, diante da sugestão. Contestar que estivesse procurando um homem foi a última coisa em sua mente, até que começou a se preocupar quanto a realmente haver algo de errado com ela. Tinha de haver, se estava se opondo com tanto ímpeto. Em vinte e cinco anos, jamais tivera um namorado, nunca havia beijado um homem. E o que podia ser mais triste? Mas há coisas que não se conta a ninguém e, por mais que gostasse de Jane, essa era uma delas.

Ela precisava romper o ciclo de dependência emocional pelo homem que tinha por ela uma afeição baseada em sua obrigação de tutor.

Engolindo o pânico, ela concordou.

— Aonde iremos?

— Ao bar de vinhos. Hoje à noite, às sete.

Sorrel se aprontou, sentindo-se confusa e uma farsante, porém, sabendo que deveria tentar a experiência de sentir a empolgação que imaginava na maioria das mulheres de sua idade, ao vestirem roupas novas para sair despreocupadamente numa noite de verão. Mas ela sentia como se estivesse fora de seu próprio corpo, olhando a si mesma com a visão imparcial de um observador interessado, em lugar de ser a participante.

Algo lhe dizia que o vestidinho super transado estava bonito, e que seus cabelos louros jamais estiveram tão claros ou brilhosos, pendendo em cascata até a cintura. E que suas pernas bronzeadas estavam um espetáculo, principalmente ao usar sandálias que exibiam as unhas feitas.

Foi um momento extraordinário quando ela entrou no bar lotado e todas as cabeças viraram em sua direção. Ela olhou para trás, achando que alguma celebridade vinha a seguir. Mas não, eles olhavam para ela.

— Por que estão todos olhando? — perguntou ela a Jane, passando o dedo sob um dos olhos, depois sob o outro, conferindo se o rímel à prova d'água tinha feito jus às promessas na embalagem.

— Ora, vamos! — censurou a amiga. — Você está um arraso, é por isso. Charlie, arranje um drinque para Sorrel, pode ser?

Sorrel aceitou a taça de vinho que Charlie colocou em sua mão e deu um gole. E ali havia outro problema. O álcool não era consumido livremente em Kharastan, embora sempre fosse providenciado para os convidados estrangeiros do palácio. Mas Sorrel só experimentara champanhe nos casamentos reais de Xavier e Giovanni, meio-irmãos de Malik, e ela nem tinha gostado tanto assim. Fizera-a se sentir muito sonhadora em duas ocasiões perigosamente românticas, e ela vira Malik olhando e largara a taça apressadamente.

Bem agora não tinha mais isso! Por que não poderia tomar um drinque como qualquer outra pessoa do mundo civilizado? Não era o caso de virar goela abaixo como faziam alguns dos amigos de Jane.

Porém duas taças grandes de vinho estavam fazendo um efeito profundo em alguém que não era habituado a beber, nem comera nada desde o almoço. O bar começou a ficar quente e cheio, com fumaça entrando do lado de fora, onde todos os fumantes estavam reunidos, e Sorrel se sentiu ligeiramente tonta.

— Você está bem? — perguntou Jane.

— Eu preciso comer algo — disse Sorrel, meio alta.

— É, eu também. Vamos fazer o seguinte, compramos um curry e comemos na sua casa.

Parecia grosseiro se opor, principalmente porque Jane se empenhara para ajudá-la a comprar roupas, e Sorrel nem reclamou quando vários outros que estavam conversando resolveram ir junto. Eles pareciam um grupo legal, talvez meio barulhento, mas ela teria que aprender a receber, cedo ou tarde.

No fim, doze pessoas foram para seu belo apartamento, levando quentinhas de curry para a cozinha, junto com arroz de açafrão e frango com molho, além de uma imensa quantidade de pão. Não havia pratos suficientes para todos, então, algumas pessoas comeram em cumbucas de cereal, e serviram vinho em canecas. Depois que comeram, alguém achou uma rádio com música ininterrupta e começou algo que Sorrel descreveria como dança.

Jane se balançava com os braços agarrados no colo de alguém, cujo nome Sorrel achava ser Scott, mas não tinha certeza, enquanto outro casal se espalhou no sofá e começou a se beijar de maneira escandalosa. Sorrel passou a querer que todos fossem embora para que ela pudesse dormir. E o que era aquele cheiro enjoativo da fumaça que vinha da varanda ela havia dito que não queria ninguém fumando?

Deveria ter sido maravilhoso, principalmente porque a lua começava a iluminar o céu e passar pelas janelas descortinadas. Mas foi o oposto de maravilhoso. Especialmente quando Scott veio cambaleando até Sorrel e tentou puxá-la para seus braços.

— Venha dançar comigo — balbuciou ele.

— Não posso, Scott, por favor, me largue. Estou segurando um prato de curry. — E a campainha tocou. Sorrel sentiu um misto de alívio e apreensão, diante do toque disparado. Alívio porque isso significaria que ela poderia se livrar dos braços de Scott e apreensão por não estar esperando ninguém. Ela não *conhecia* ninguém.

Exceto o proprietário!

Com o coração disparado e mãos suadas, Sorrel largou o prato e seguiu rumo ao corredor. Ao abrir a porta, seus joelhos ameaçaram dobrar.

Porque ali, em meio a uma pequena legião de guarda-costas, estava a figura, belíssima e reprovadora, de Malik.

CAPÍTULO TRÊS

POR UM instante, Malik e Sorrel apenas se encararam e por mais alguns momentos, ela quase não reconheceu o sheik, sem saber exatamente a razão. Mas não havia tempo para lidar com aquilo, já que teria de encarar o olhar negro e faiscante de ódio que ele emanava. Seu olhar estreito varria-lhe a imagem desgrehada e ela pensou como devia estar sua aparência.

— O que é isso? — perguntou ele, numa voz incrédula, que ela jamais o vira usar.

— Malik...

Mas ele a calou com um aceno de mão imperioso, e uma ordem em kharastani, enquanto olhava por cima de seu ombro, vendo a cena que se desenrolava ao fundo, se encolhendo como se alguém lhe tivesse dado um soco.

— Que cena de absoluta baixaria é essa? — ele congelou, ultrajado.

Ele não pareceu querer uma resposta à pergunta, pois disparou mais algumas ordens em sua língua nativa e os brutamontes que o acompanhavam logo adentraram o apartamento e assumiram o controle.

É como assistir a soldados entrando em território inimigo. Sorrel pensava, enfraquecida, enquanto olhava um dos guarda-costas marcharem até o som e desligá-lo. Com a interrupção da música, todos sala paralisaram, olhando, incrédulos, o bando — homens de pele morena e olhos negros que pareciam estar em grande vantagem sobre os que estavam na festa.

— Que diabos é isso? — quis saber Scott, em direção a Sorrel, e ela queria gritar para que ele parasse e fosse embora, para não ser aniquilado pela força e o poder de Malik.

— Quer uma ajuda, benzinho? — disparou ele. Sorrel pôde sentir o ódio saindo pelos poros de Malik, em sua postura marcante, ao adentrar o corredor.

— Livre-se dele — disse ele, entre dentes.

Ela sabia que não fazia sentido discutir com ele, e torceu para que Scott e companhia tivessem o mesmo bom senso.

— Agora! — rugiu Malik.

Scott recuou como um inseto que acabara de ser descoberto sob uma pedra.

— Será que vocês todos poderiam ir embora, por favor? — disse Sorrel, rapidamente, vendo que eles não precisaram de um segundo pedido, pois já pegavam suas bolsas e pertences espalhados pelo chão do apartamento e começavam a debandar.

Apenas o casal que estava fumando a substância de cheiro enjoativo na varanda parecia alheio ao turbilhão que tomara o apartamento e os olhos de Malik se estreitaram na direção deles, antes de acenar brevemente a um de seus seguranças.

Se já não estivesse entrando em pânico quanto ao que Malik faria, seria cômico, pensou Sorrel, vendo o guarda indo na direção deles, arrancando o baseado da mão da mulher e o esmigalhando.

— Chame a polícia! — ordenou Malik, imperiosamente.

— Não, Malik, por favor...

— Você está usando drogas? — perguntou ele, furioso.

— Não!

— Então está bebendo?

— Duas ou três taças, só isso.

— Só isso? — Com esforço, Malik se recompôs, inalando uma golfada de ar, evitando pegá-la nos braços e... e... Ele olhou o restante dos homens de aparência patética saindo do apartamento como carneirinhos, depois brandiu uma ordem aos guarda-costas. Hipnotizada, Sorrel os olhou desaparecerem, até que ela e Malik ficaram sozinhos.

— Feche a porta — disse ele, calmamente.

— Malik...

— Eu disse feche a porta!

Havia algo nele que a fazia se sentir um tanto diferente, mas não era um tom de discussão. Naquele exato instante, Sorrel se sentiu como se tivesse 16 anos outra vez. Até ver a escuridão de seus olhos e notar que Malik jamais a olhara daquela forma quando Sorrel tinha 16 anos. Olhava com uma combinação de fúria e algo mais que ela não se atreveria a analisar, pois só ameaçava piorar seus confusos pensamentos.

Então ela fechou a porta e ficou em pé, olhando para ele, com uma expressão esperançosa no rosto. Talvez ele tivesse terminado de extravasar sua indignação, e agora pudesse perdoá-la.

Mas não havia nada mencionando perdão em seu rosto rude, com as sombras sobre o impressionante físico, nem o mais leve brilho nos olhos negros. Sua feição era como uma máscara de pedra, e Sorrel percebeu o que o fazia parecer tão diferente quando ela abriu a porta.

Ele estava de terno!

Sorrel engoliu. Ela jamais o vira vestindo algo além de seus robes tradicionais, que mais pareciam uma extensão dele, e levou um tempo até que se acostumasse a esse novo Malik. Vê-lo com trajes tradicionalmente ocidentais de algum modo a deixava desconfortável, e ela não sabia identificar o motivo. A calça verde-claro não estava propriamente justa, mas realçava a musculatura de suas coxas, assim como o paletó enfatizava os ombros largos, afilando até a cintura e quadris estreitos.

Uma camisa aberta no colarinho deixava pista; dos pêlos escuros no peito e Sorrel se sentiu fraca ao perceber o que a estava deixando tão desconfortável. As roupas ocidentais acentuavam sua masculinidade de uma forma que seus robes kharastani jamais haviam feito. Eles apenas indicavam o que havia oculto por baixo, mas agora, pela primeira vez, ela podia literalmente ver.

— Olhe para você — disse ele, suavemente, e os olhos de Sorrel se arregalaram, pois pareceu que ele foi arrebatado pela aparência dela, como ela se sentira em relação a ele. Será que ele iria elogiá-la? Pensou ela, ouvindo o tom rouco em sua voz. Porém, pelo olhar atravessado era impossível saber.

Ele deixou o olhar percorrê-la, de uma forma que jamais fizera antes. Mas ela também nunca o instigara a tal. No entanto, a roupa que ela vestia aquela noite gritava *olhe para mim!* Portanto, quem podia condená-lo por isso?

Não era uma Sorrel que ele reconhecia, usando vestido e com pernas bronzeadas, que cintilavam sedosas, e abaixo do tecido fino ele podia ver o contorno delicioso dos seios. O brilho de seus cabelos parecia ouro claro, caindo feito uma cachoeira, descendo pelas costas. Mas não era só a exibição de seu corpo que o fazia encarar, mas também a maquiagem que realçava a beleza de seu rosto.

Sim, o rímel escuro realçava a curva dos cílios, deixando os olhos azuis enormes no rosto debochado. O brilho do batom deixava a maciez de pétalas de seus lábios ainda mais provocadoras. Mas para onde teria ido sua beleza inocente? Teria sumido?

Malik sentiu o coração disparar no peito e um sentimento entre raiva e desespero o tomou, fazendo com que aproximasse o rosto do dela.

— Então, Sorrel, você alcançou o seu objetivo? — perguntou ele, hesitante.

— Que objetivo? — perguntou ela, de volta. As batidas do coração dele se acentuaram.

— Você se vestiu como uma... *vagabunda* para perder sua virgindade para o primeiro homem que a quisesse?

Perder a *virgindade*? Sorrel ficou tonta. Só que dessa vez não foi por causa do vinho, mas pela angústia da incredulidade por Malik ter a capacidade de dizer palavras tão amaldiçoadas de crítica contra ela, com tanto desprezo.

Ela mordeu o lábio ferozmente, e a dor a reergueu. Que direito ele tinha de açoitá-la de tal forma? Ele fora seu tutor, e um tutor muito bom, por sinal, durante vários anos. Mas os anos haviam se passado e o pequeno pássaro voara do ninho. Ela não seria insultada daquela forma apenas por agir como qualquer outra jovem da mesma idade.

— Eu não estou vestida como uma *vagabunda*! — ela se defendeu.

— Mesmo? Isso é uma questão de opinião. — Ele via a forma como seus seios balançavam quando ela se movimentava, como uma maldita dançarina do ventre! Controlando a raiva com um empenho monumental, ele lançou um olhar de desdém. — E você não respondeu a minha pergunta!

Ela o encarou e ele também, numa troca silenciosa entre os dois olhares que colidiam. O dele, negro e acusador. O dela, de um azul indignado. Mas nem morta ela aceitaria que ele a interrogasse quanto a sua inocência.

— E nem pretendo!

Malik inalou o ar, furioso. Será que sua recusa representava uma admissão de culpa? Mas ele não podia forçá-la a responder, ali em pé, vestindo...

— Apenas vá mudar de roupa, Sorrel.

Por um instante, ela realmente achou ter entendido mal.

— Perdão?

— Não, Sorrel, é tarde demais para pedidos de desculpas — disparou ele. Isso era ainda pior!

— Eu não estava me desculpando! — bufou ela.

— Simplesmente não posso acreditar que isso esteja acontecendo. Você entra como um tufão, fazendo perguntas pessoais, depois ordena que eu vá me trocar, como se eu tivesse cinco anos de idade e tivesse espalhado tinta pelas paredes!

Ah, se tivesse cinco anos novamente não estaria em posição de desafiá-lo! Que tolinha ela estava sendo, pensou ele, irritado. Será que ela não percebia que suas pernas nuas e aquela saia curta o fazia que-

rer... querer... Horrorizado pela progressão de seus pensamentos, Malik engoliu em seco.

— Não faça joguinhos comigo, Sorrel — disse ele, hesitante. — Será que você não percebe o poder que uma mulher exerce sobre um homem ao exhibir seu corpo? É isso que quer? Que eu tenha dificuldade em me concentrar no que vim dizer, já que você está vestida, ou melhor, despida... — ele moderou a entonação das palavras — ...de forma tão provocante.

Sorrel piscou. Será que Malik estava mesmo admitindo que a notara? No entanto, será que ela podia culpá-lo por sua censura? Ele a estava julgando segundo os padrões de Kharastan, bem mais rigorosos do que aqueles que ela encontrara aqui. E, para se_t franca, o vestido era um tanto curto, como tinha achado antes, mas Jane a convencera do contrário.

Pela primeira vez, desde que ele entrou, Sorrel curvou a cabeça ligeiramente, em respeito a seu título e status.

— Muito bem — disse ela, baixinho. — Vou vestir algo mais... adequado. Sinta-se em casa, Malik. — Só quando ela saiu da sala que percebeu como havia sido ridículo dizer aquilo. Como se o lugar fosse em qualquer aspecto semelhante ao seu palácio.

Depois que Sorrel se foi, Malik relaxou, liberto da sensação de tentação física inesperada que a imagem dela havia provocado, de forma dramática. Ele sacudiu a cabeça, perplexo, um estado que não lhe era fácil de aceitar, mas a sensação logo passou. Só podia ter sido pelo cansaço, em virtude do peso dos deveres que recaíam sobre ele. No entanto...

Sem ser visto pelos olhos que habitualmente o seguiam, Malik se permitiu passar a língua nos lábios secos, porém desejou não tê-lo feito, pois a ação fez seu corpo contrair. Tentava vorazmente apagar a imagem de Sorrel ali, em pé, seios e pernas, com os cabelos sedosos esvoaçantes, mas não era fácil.

Em sua mente, ela sempre fora uma criança, depois apenas uma adolescente simpática. De alguma forma ela fizera uma transição para mulher, quase sem que ele notasse. Era óbvio que os trajes que ela usava ajudaram a disfarçar seus atributos, mas não era essa a finalidade? Para não colocar a tentação desnecessária no caminho dos homens?

Malik não podia ser visto com uma mulher que tivesse aquela aparência e, por um momento, questionou a proposta que estava prestes a fazê-la. Sorrel havia acatado seu pedido para que trocasse de roupa, mas será que havia mudado? Será que Sorrel já abraçara a sua nova liberdade com paixão, e se tivesse mudado, assumindo um comportamento que ia além do esperado por aqueles que se relacionavam com o Sheik de Kharastan?

Malik suspirou. Era outro exemplo do quanto havia mudado desde que ele descobrira sobre o "acidente" que subitamente o faria mudar de

assistente real a governante de uma vasta nação do Oriente Médio com todos os prazeres e fardos que vinham com a responsabilidade.

Seu falecido pai, Zahir, desfrutara de um longo casamento dinástico, mas a esposa não pudera ter filhos. Muitos no lugar de Zahir teriam optado por outra esposa. Em vez disso, ele tivera amantes e cada uma delas lhe dera um filho. O mais novo, Xavier, era metade francês. Giovanni, metade italiano. Somente Malik, o mais velho, tinha o puro sangue kharastani, e sua mãe, uma mulher nobre, falecera em seu nascimento.

Malik fora uma criança solitária e sem mãe, que se tornara o braço direito do sheik. No entanto, lhe foi negado um pai, pois já era tarde demais para desfrutar. Era hora de voltar a mente para os deleites da carne. Não com *ela*, naturalmente, mas com uma bela moça que fosse ávida por ser sua amante, alguém que não fosse lhe fazer exigências. Pois ele permitira que o prazer se tornasse uma lembrança distante. Agora ele reconhecia que não faziam nada além de trabalhar, desde a solene e gloriosa coroação. Não era de se admirar que houvesse uma brecha em sua armadura, permitindo que pensamentos inadequados sobre Sorrel aflorassem.

Desde sua ascensão, ele não se atrevera a relaxar nem por um instante, temendo não ser querido pelas pessoas ainda vacilantes pela morte de seu amado sheik. E ele tampouco queria falhar, decepcionando o povo de alguma forma. Então, depositou todo o empenho em assumir aquele reinado.

Não era o tipo de papel para o qual se está preparado, não importando o quanto se esteja habituado às atividades. Pois ia muito além. Era um meio de vida exigente, que demandava um perfil de personalidade extremamente ímpar. Não era de se admirar que não tivesse havido tempo para pensar em mulheres...

— Assim está melhor? — perguntou Sorrel, suavemente.

Bem melhor, ele queria dizer, mas, com a determinação de aço que faziam seus inimigos admirá-lo, Malik baixou os cílios negros, em parte para ocultar o brilho em seu olhar.

— Há algum cômodo que não seja exposto? — exigiu ele — Algum lugar mais privativo?

O coração de Sorrel disparou, pois não era isso que ela sempre desejara desde sempre? As sombras misericordiosas da noite, com apenas o brilho romântico da lua do lado de fora, e Malik ali, com ela. Somente ele e ela...

Ela estava com medo. Até mesmo aterrorizada, e seu estômago se contraiu com a convicção de que isso era que ela queria.

— Malik? — disse ela, ofegante. — Você tem certeza?

— Claro que tenho! — Malik franziu o rosto. — Você acha que podemos conduzir essa conversa numa sala que sequer tem cortinas sobre as imensas janelas? Permitindo que alguém possa me fotografar?

Graças aos Céus pela luz fraca que ocultou dele o seu rubor de vergonha. Como ela podia ter entendido tão errado?

— Oh, Malik... — sussurrou ela, com o coração apertado ao pensar em seu egoísmo comparado ao perigo mortal que ele mencionou. Será que Sorrel teria se tornado tão fútil e egoísta? — Acha que isso é... provável?

Ele sacudiu a cabeça, impacientemente.

— Não é uma probabilidade — disse ele — mas sempre é uma possibilidade.

— Por favor — disse Sorrel. — Sei aonde podemos ir.

Tendo exigido um lugar mais privativo, ele não poderia voltar atrás, mas rezou para que não fosse um quarto. Para seu alívio e perplexidade, não era — O banheiro? — perguntou ele, em descrença quando ela ligou o interruptor que iluminou ao redor do espelho de estilo de camarim.

— Sei que não é... convencional.

— Com certeza não é — disse Malik, mas, pela primeira vez em semanas, um ligeiro sorriso estampou seus lábios.

— Mas veja, não tem janela, nem observadores. — E ela precisava consertar o estrago de antes, colocando o relacionamento deles de volta nos trilhos. Para tentar se convencer de que se sentiria calma com ele como antes.

— Sim, é. — Malik olhou em volta, vendo a desordem da intimidade feminina que seria o habitat da maioria dos homens casados, mas jamais seria a sua. Ele percorreu o olhar em tudo, para guardar na memória, vendo os frascos, as velas e um vidro com algo verde, que imaginou ser para o banho dela.

O banho dela.

Malik engoliu era seco outra vez, assombrado por aquele impulso insistente, que latejava em sua têmpora e agora despontava também na virilha. Por que diabos ela o teria levado *ali dentro*!

Porque estava seguindo suas ordens!

— Não consigo falar aqui dentro — disse ele, com um gesto rápido encobrindo sua inquietação por ter se envolvido numa situação como aquela. — Você comeu?

Comida era a última coisa em sua mente, mas a verdade era que ela não havia comido nada, já que ele invadira o lugar com seus guardacostas antes que ela conseguisse dar uma garfada no curry. Sorrel balançou a cabeça e Malik pegou o telefone no bolso, digitou um número e deu uma instrução rápida a quem atendeu, imediatamente.

— Traga o carro, por favor — ordenou ele, com os olhos negros fixos no rosto dela. — E reserve uma mesa para dois, para o jantar.

CAPÍTULO QUATRO

SORREL havia esquecido como era pertencer à realeza e ser conduzida por sua engrenagem suave e eficiente. Não há sobressaltos quando se está com um rei. E mesmo se houvesse, estaria protegida.

Os carros seguiam sem transtornos, engarrafamentos jamais atrapalhavam, já que as ruas eram desobstruídas para abrir passagem. Aviões decolavam no horário, os trens corriam antes do tempo programado, e mesas se tornavam disponíveis em cima da hora, não importando a exclusividade do local nem sua lotação.

No exato instante em que Sorrel e Malik saíram do apartamento, uma limusine de vidros escuros freou. Ela se movia com toda a imponência e o peso de um veículo a prova de balas, demonstrando a Sorrel o aspecto negativo da uma vida real e privilegiada.

Sorrel não fizera qualquer objeção quando Malik sugeriu que fossem comer fora. Não apenas porque seu estômago estava vazio, mas porque ela sabia que seria inútil discutir com ele naquele estado de espírito. E talvez por ver seu lado, já que não era de se esperar que o monarca de Kharastan tivesse uma conversa dentro de um banheiro!

Ele ainda não havia dado qualquer pista sobre o que queria falar com ela.

— O que você deseja falar comigo? — perguntou Sorrel forçando um tom casual, bem distante do que tava sentindo ao entrar no carro e sentar ao seu lado.

Os olhos negros de Malik demonstraram um brilho de alerta. Será que ela sempre falara com ele tão abertamente, ou teria ele simplesmente esquecido? Com certeza não havia nenhuma outra pessoa na corte que se atrevesse a se dirigir a ele de uma forma tão despreocupada. E desde que ela deixara Kharastan, ele pareceu perceber a imensa formalidade de sua vida, como nunca antes.

No entanto, Malik foi momentaneamente distraído pela leve silhueta da perna dela, sob o tecido fino da saia e pelo perfume sutil que ela estava usando. Então, se recostou no banco para olhar em diagonal, sem que Sorrel visse.

— Não tenho a intenção de discutir isso aqui e agora — avisou ele, friamente. — Você tem de esperar até que estejamos no restaurante.

Ah, não diga? Sorrel poderia ter se irritado com o jeito pomposo que ele se dirigia a ela, mas ainda estava inquieta, tanto pela forma como a olhara quanto pela surpresa de sua aparição. E agora estavam juntos, na traseira de uma limusine e, de repente, aquilo pareceu *diferente*. Estranho. Como se a velha tranquilidade que havia entre os dois tivesse sido substituída por algo mais sombrio. Algo que ela não reconhecia.

Engolindo os nervos, ela começou a puxar conversa, como fizera inúmeras vezes com os diplomatas em visita ao palácio, mas nunca com Malik.

— Aonde estamos indo? — perguntou ela, pois a conversa a distraía do calor másculo que ele emanava e de seus cabelos negros.

— Faz diferença? — perguntou ele, indolente.

— Aposto que é no *Etoile de la Mer* — disse Sorrel, em resposta ao olhar interrogativo. — É o melhor hotel de Brighton.

— Imagino que você já tenha ido...

Ela hesitou, pensando se poderia transmitir o quanto sua vida era diferente ali, daquela existência privilegiada que desfrutava em Kharastan.

— Não está dentro do meu orçamento.

— Não? Aposto que deve haver muitos homens ávidos em levá-la para um jantar caro, Sorrel — murmurou ele, suavemente.

Suas palavras deixaram bem claro o que ele pensava que aqueles homens poderiam receber como recompensa de um jantar caro, e Sorrel percebeu o insulto em sua afirmação. No entanto, ela também tinha consciência de que seria uma quebra imperdoável de protocolo correr o risco de deixar o motorista ouvi-la dando uma resposta ao sheik. Portanto, ela apenas se permitiu um sorriso enigmático.

— Sim — concordou ela, em tom sonhador. — Uma fila que dá a volta no quarteirão.

— Isso é verdade? — esbravejou Malik.

A expressão que ela exibiu foi de puro desafio cintilando nos olhos azuis.

— Espere até chegarmos ao restaurante — respondeu ela, suavemente — não tenho a intenção de discutir isso aqui e agora.

Houve uma rápida pausa de incredulidade enquanto ele assimilava sua insolência, e Malik sentiu o sangue ardendo nas veias, com um calor incomum. Ele se sentia enrijecer, numa pontada doce e dolorida de desejo e, em silêncio amaldiçoou por Sorrel tê-lo levado àquele estado numa hora tão inconveniente.

Se fosse qualquer outra mulher, ele teria passado a mão por baixo de sua saia. Teria batido no vidro da cabine do motorista, avisando que havia mudado de idéia e já não estava com fome. Bem, não por comida. Mas aquela não era nenhuma outra mulher. Era...

— Malik!

A voz suave irrompeu os pensamentos eróticos e ele soube que tinha de retomar o controle antes que fizesse algo imperdoável, como beijá-la.

— Sim? — disse ele.

Como ele é temperamental!, pensou Sorrel. Era uma lembrança conveniente, apesar de doer um pouco. Mas, no fim, era melhor estar fora da vida dele, vivendo a sua própria vida do outro lado do mundo.

— Chegamos.

A limusine parou diante do hotel e foi como Sorrel havia previsto: a placa dizia “Etoile de la Mer”.

— Bravo, Sorrel! — aplaudiu ele, com entusiasmo.

Como sugeria o nome, o Etoile de la Mer ficava de frente para o mar, e era o tipo de lugar que recebia políticos e astros em temporada nos teatros locais. Um membro da família real vinha mantendo um caso secreto ali, por trás das paredes luxuosas. Era discreto, requintado e muito caro.

Do lado de fora havia uma tranquilidade impecável, ao lado de duas árvores, junto às quais se perfilavam inúmeros porteiros atentos, próximos à porta giratória, prontos a manter os indesejáveis a distância. No entanto, do lado de dentro, era evidente *porque* que o Etoile de la Mer conquistara sua fama. A vista do restaurante era de tirar o fôlego, com uma visão vasta do Canal da Mancha, cuja água refletia o luar. O pessoal de Malik obviamente entrara em ação antes da chegada deles, e Sorrel sabia que a intenção era garantir a segurança, com o menor espalhafato possível. Pouca gente lá dentro saberia quem acabara de entrar, até que o sheik fosse conduzido à melhor e mais bem servida mesa da casa.

Mesmo que fossem notados era muito improvável que fossem incomodados. Restaurantes como aquele contavam com uma clientela bem articulada e famosa o bastante para ser diplomática com os vizinhos *de mesa*. Certamente não haveria gente grosseira o suficiente para ir até o banheiro ligar a uma coluna social, anunciando que o Sheik Malik de Kharastanej tava jantando sozinho com uma loura!

Fariq, um dos assistentes mais próximos de Malik e homem conhecido de Sorrel desde sua infância aguardava para cumprimentá-los. Ele deveria agora estar com quarenta e tantos anos, calculou Sorrel mas seu sorriso instintivamente amistoso congelou no rosto ao se deparar com o aceno frio e perfuram do consultor kharastani.

— Como vai, Sorrel? — perguntou ele, com grau de formalidade, como se a tivesse conhecido há apenas alguns minutos.

— Estou bem, obrigada — respondeu.

— Se me permite, vou conduzi-lo à mesa, Majestade — disse Fariq, em kharastani, supostamente para não ser compreendido pelo maitre, que acabava de se materializar ao seu lado, com um ligeiro ar de empolgação. — Organizei tudo para seu conforto.

Eles seguiram em direção à mesa, e Sorrel arregalou os olhos ao passarem por um espelho que refletia o mar atrás. A camiseta rosa e a saia cigana eram apresentáveis para um lugar como aquele, embora não tivessem o peso de uma etiqueta sofisticada para acompanhar a

realeza num jantar. Mas foi sua expressão que, por um momento, a surpreendeu. Os olhos azuis pareciam bolas gigantes no rosto claro e a boca exibía um 'ó' de ansiedade.

Seria por estar nervosa quanto ao que Malik tinha para lhe dizer, ou por ter tomado ciência de sua altura imponente, e a promessa de seu corpo sensual e musculoso?

Dois garçons surgiram como se cronometradamente, para puxar as cadeiras, e os cardápios foram trazidos. A carta de vinhos recebeu um aceno de dispensa e o garçom se apressou em trazer uma lista de bebidas para o sheik escolher.

Fariq também desaparecera e Sorrel enlaçou as mãos sobre o colo, como uma criança obediente, apesar de que, no caso, era pra evitar que Malik visse o quanto tremiam. Não era para menos. Não era fácil sentar ao lado dele, e tentar não olhar a expressão majestosa das maçãs de seu rosto, e os cílios negros ao redor dos olhos cintilantes. O coração batia como se tivesse acabado de chegar de uma corrida e ela sabia que precisava se recompor. — Então, Malik? — disse ela.

Por um instante, ele não disse nada. Aprendera a ganhar tempo. E esperar pelo momento preciso de atacar. Exatamente como o falcão fazia, sobrevoando, numa corrente de ar quente, no deserto... circulando... até que sua presa estivesse tolamente iludida de estar em segurança. Então ele atacava.

Malik observou seu rosto de forma imparcial. Seus lábios estavam abertos, exibindo a língua junto aos dentes, e ele se viu obrigado a engolir um bolo que ameaçava obstruir a garganta.

E, de repente, já não era tão fácil pensar estrategicamente como o falcão. Ele estava pensando como um homem, e isso não era apropriado, não com Sorrel. Pela primeira vez, desde que concebera a idéia, começou a questionar a respeito. E, no entanto, quem era ele, se não um homem de força e determinação? Se estava sexualmente frustrado, teria uma amante temporária, e não seria a inocente ansiosa sentada à sua frente.

— Você sente saudades de Kharastan? — perguntou ele.

Sorrel hesitou, mas sabia que precisava responder com honestidade, pois qualquer outra coisa seria uma traição de todo o amor e afeição que tinha por seu lar.

— Sim, sinto — respondeu, baixinho. — Às vezes me sinto como se houvesse um espaço vazio em meu coração.

Ele conteve seu suspiro de triunfo.

— E gosta de seu emprego aqui em Brighton? — perguntou ele, com ar casual, como se não fizesse diferença, porém Sorrel sabia que Malik jamais desperdiçava as palavras.

— É bom — disse ela, com sinceridade. — Muito diferente do que eu fazia no palácio, é claro!

— Eu compreendo — rebateu Malik, friamente.

— Parece que você cuida das necessidades dos mochileiros. — Ele pronunciou a última palavra com um certo veneno.

Sorrel sentiu que precisava defender a parte majoritária, que não vivia em palácios.

— Temos uma clientela bem variada, que apenas quer ver as coisas de forma diferente.

— Não é o tipo de emprego que dê futuro — desprezou ele.

Ela sabia disso, vendo que seria insensato dizer algo que ela não sentisse, pois a língua afiada de Malik deceparia o argumento.

— Em longo prazo, não. — admitiu Sorrel.

Malik levou o copo aos lábios e deu um gole no refrigerante, depois o colocou sobre a mesa, sem tirar os olhos do rosto dela.

— Não a quero trabalhando mais lá — disse ele, secamente. — Em vez disso, quero que você me acompanhe pela minha turnê européia.

O coração dela estava disparado dentro do peito, mas, estranhamente, a reação de Sorrel diante da sugestão de Malik foi de indignação por ele falar num Uma ordem, não um pedido. Ela imaginava haver uma diferença entre alguém que quer e alguém que gostaria, mas Malik nunca tivera que se preocupar com a forma mais diplomática de dizer algo. Tudo o que Malik quisesse, ele conseguia.

Tentando ganhar tempo, ela o encarava.

— E por que você ia querer que eu fizesse isso? Ele achou que não ter ouvido bem.

— Por quê? Você se atreve a me perguntar *por quê*?

— Isso mesmo.

Malik franziu a testa. Ele estava acostumado à submissão. Subserviência. Sorrel já tivera o que queria quanto a esse pedido ridículo para ter liberdade na Inglaterra, embora ele tivesse sido forçado a salvá-la daquela gente de má reputação, mas ainda não parecia ter aprendido a lição. Mesmo ele às vezes pensando que era tedioso nunca ser desafiado, agora percebia que podia estar enganado. Quando será que ela aprenderia que ele estava *sempre certo*?

— Não é suficiente que seu sheik lhe dê a ordem? — perguntou Malik com delicadeza.

Por um instante, ela não respondeu, pois, apesar de seu tom, Sorrel era mulher o bastante para responder àquela solicitação. *No entanto, seria errado reagir dessa forma à sua arrogância*, ela lembrou a si mesma. *Você sabe que seria.*

— Na verdade, não, Malik.

Ele pensou que Sorrel estivesse brincando, pois, por que outro motivo hesitaria diante da oportunidade estava oferecendo a ela?

— Quer dizer que está declinando minha oferta? — disse Malik, ultrajado pelo atrevimento.

Desde que haviam entrado, pela primeira vez Sorrel sorriu, pois esse era Malik, na sua melhor forma imprevisível. Como ele sempre fazia tudo parecer tão preto e branco! Mas os homens de Kharastan não eram assim? Principalmente os que mandavam? De certa forma, isso ia de encontro à forma seria como Fariq havia se portado com Sorrel. Ela duvidava que ele aprovasse o fato de Malik tê-la ao seu lado.

— Você me considera uma mulher inteligente? — perguntou ela.

— Inteligente? — Os olhos dele faiscavam ao observá-la. — Você não estava demonstrando isso em seu apartamento, agora a pouco, com aquele bando de... — os lábios dele se franziram. — *Bêbados*.

— Isso é um sim, ou um não, Malik?

Malik encarou os olhos azuis tranquilos. Ela havia se formado pela Kumush Ay University e recebera um convite para um posto de pesquisadora ali. Ninguém podia negar que Sorrel tinha um cérebro e sabia usá-lo. Mas ter um cérebro era diferente de ter bom senso.

— Sim — admitiu ele, rabugento, embora não conseguisse ver o que isso teria a ver com a pergunta inicial.

— Obrigada — disse ela, de forma sarcástica. — Assim como acho você um homem inteligente.

— Ora, obrigado! — rebateu ele, e, pela primeira vez em muito tempo, Malik percebeu que estava se divertindo. Estava impaciente para que o garçom deixasse os pratos de frutos do mar e os coquetéis de framboesa na mesa, para que pudessem continuar com a disputa verbal, tão rara para um homem de sua posição.

— Portanto, se eu tivesse de oferecer a você uma posição em minha vida, como homem inteligente que imagino que seja, esperaria que me fosse todo tipo de pergunta antes de concordar.

Malik estava atônito.

— Tudo isso para apresentar um ponto, Sorrel?, disse ele, baixinho.

Sorrel balançou a cabeça.

— Tudo isso para fazê-lo ver sob o *meu* ponto de vista — corrigiu ela. — Portanto, será que você poderia me dizer o que quer de mim?

Por um instante, ele quase disse, até que se recompôs, lembrando a si mesmo que fora o frisson da discórdia que aguçara seus ímpetos sexuais. Malik se flagrou olhando-a como se ela o provocasse de propósito. *Será que ainda queria ajuda?* Pensou ele. Valeria a pena arriscar?

E sua mente foi desviada à turnê que os consultores haviam organizado e ele soube. Sim. Valeria.

Ele inclinou ligeiramente a cabeça.

— Quero que você fique nos bastidores me ajudando, como fazia com meu pai, o sheik.

— Mas você tem consultores apropriados para fazer isso — contestou Sorrel.

Como ele começaria a explicar que Fariq, velho e formal, e seus outros assistentes, apesar de jovens pareciam robôs? Que ele já não tinha o fascínio juvenil pelas cidades grandes como Paris, que o haviam impressionado tanto quando garoto. Agora não. Eram apenas assinaturas de papéis e reuniões cansativas. Apesar de cercado por hordas de gente ávida para atender a todos os seus pedidos, ele estaria sozinho no sentido mais verdadeiro da palavra.

— Sim — disse ele, com um tom mais grave do que pretendia, depois estreitou os olhos negros como se tivesse aberto uma brecha em suas defesas, que poderia ser usada contra ele. Mas Sorrel não era manipuladora, nem tinha tanta experiência de vida para aprender a manipular. E não era essa uma das razões para ele a querer por perto? — Não estou achando que você subitamente assumirá o papel de consultora política — disse ele, testando.

— Bem, e qual seria o meu papel? Malik ficou pensativo.

— Um tipo de ... acompanhante — respondeu ele, com cuidado.

— Que parece o tipo de emprego que você poderia oferecer a uma mulher de cinquenta anos! — Sorrel o encarava. — Você se importaria em explicar melhor, por favor?

Ele tentou pensar em outra mulher, ou um homem, que se dirigisse a ele da mesma forma, mas não conseguiu.

— Terei compromissos a comparecer. Longos jantares, coquetéis. Tardes nas corridas. Visitas a museus. Cerimoniais de guerra. Seria bem mais interessante se eu tivesse alguém conhecido para me acompanhar. Alguém com quem eu pudesse conversar após os eventos. — Ele abriu os olhos um pouquinho mais, feito um gato que desperta de um sono demorado, — Alguém que possa impedir que as pessoas se aproximem muito de mim. Principalmente as mulheres.

Sorrel ignorou a gabação implícita, apesar de ter sentido uma pontada de ciúme.

— Um tipo de porteiro, você quer dizer? — perguntou ela, calmamente. — Isso mesmo.

— Fatiq também pode fazer isso. — Fariq não é tão agradável aos olhos das pessoas. Por um instante, Sorrel não soube se havia ouvido direito. Malik, dizendo que ela era *atraente*! Ela o olhou, desconfiada.

— E o que isso quer dizer?

Malik baixou o tom de voz, embora os dois estivessem falando em kharastani.

— Ora, vamos, Sorrel — murmurou ele, reprovando com deboche. — Não banque a ingênua, pois isso depõe contra a inteligência que você

tanto preza! Cabelos louros e olhos azuis numa bela mulher são marcas registradas, como você sabe.

Desafiadora, ela espetou uma vieira e comeu, em parte, para abrandar a irritação diante daquelas afirmações, e também para ganhar tempo e responder ao elogio que ele acabara de fazer soar como um insulto! Bancando a ingênua, pois sim! O que Malik sabia?

Sorrel podia preencher todos os requisitos que os homens pareciam querer, mas o exterior nada tinha a ver com o que ela estava passando por dentro. E ela estava confusa. Não tinha namorado. Nem um amante que a tranquilizasse quanto a ser linda, embora não devesse ter que recorrer a um homem para incentivar seus sentimentos de auto-estima. Talvez precisasse buscar mais fundo dentro de si.

— Então quer uma mulher de fachada? — perguntou ela.

Malik fez uma cara feia.

— Tão pouco tempo na Inglaterra e já falando nesse tom! — acusou ele.

— Faz parte da minha educação para adentrar um mundo moderno, Malik. Não posso continuar vivendo num pedestal para sempre.

— E que tipo de compreensão educativa você está buscando? — quis saber ele, falando de modo agressivo.

— Quem sabe? — Ela viu os olhos dele sombrios de ódio e com mais alguma coisa que não soube identificar e, subitamente, Sorrel se sentiu fortalecida por seu próprio senso de liberdade. — Isso é problema meu — respondeu ela, com as palavras pendendo devagar, como gotas de orvalho numa teia de aranha.

— Meu também — disse ele, com palavras igualmente suaves.

Os olhares se cruzaram. O dela questionava o tom certo do dele.

— Você acha? — perguntou Sorrel.

— Eu *sei!* Não posso abandonar a postura de uma vida inteira, lavar minhas mãos, como se você tivesse deixado de existir — disse Malik.

— É por isso que está me oferecendo o trabalho? — perguntou ela, exigente. — Para ficar de olho em mim?

— Posso lhe garantir que meus motivos são bem mais egoístas que isso, Sorrel. — Inclinou-se à frente, para que ela pudesse ver o brilho em seus olhos

— Você pode ser muito útil para mim nessa viagem já que me conhece melhor do que qualquer pessoa.

Em outra época, ela teria concordado. Malik não sabia da identidade do pai até pouco tempo antes de sua morte e sua mãe falecera no ponto. Portanto, sim Sorrel havia sido bem próxima *dele*

enquanto crescia. Mas isso foi antes que ele herdasse a coroa de Kharastan, acontecimento que agora parecia ter sido há muito tempo...

Porém, ela se surpreendeu ao perceber que só dois anos haviam se passado. Sorrel mordeu o lábio e uma imensa onda de tristeza a tomou, pois odiava as mudanças inevitáveis que o tempo trouxera.

O que ele acabara de dizer? Que ela podia ser muito útil para ele? Mas que afirmação terrível! Um carro a prova de balas era algo útil, assim como um travesseiro sobre o qual se deita a cabeça, à noite. Mas Sorrel gostaria de ter ouvido algo mais lisonjeiro que se aplicasse a ela. E aí que estava o problema, ela era uma tola quanto a Malik. No fundo, esperava muito além do que ele jamais estaria disposto a lhe dar.

Se aceitasse seu pedido e fosse com ele a todos os destinos glamourosos, então, ela não seria engolida novamente pela vida de Malik? E dessa vez, não seria ainda mais difícil reunir coragem para dizer adeus?

— Estou vendo que você ainda me faz esperar por uma resposta — observou Malik, os olhos brilhando pela expectativa de uma vitória certa.

Juntando toda a determinação que possuía, Sorrel olhou nos olhos dele e congelou, diante da beleza hipnotizadora.

— Não posso, Malik — sussurrou ela.

— Não pode, ou não quer?

— Não é a mesma coisa?

Um músculo se contraiu no rosto dele.

— Você se importaria em me dizer o motivo?

E Sorrel subitamente percebeu que teria de arranjar algo contra o qual não houvesse argumento. Para que ele não tentasse dissuadi-la. Algo verdadeiro, mas chocante. Para que Malik se arrependesse por ter perguntado. Mas ela reconhecia que, ao abrir a boca para dizer, ele mudaria de opinião a seu respeito. E nem morta ela temeria olhos puritanos.

— Preciso de um amante, Malik, — respondeu ela, com a voz rouca — Por isso.

CAPÍTULO CINCO

POR UM instante, Malik não conseguiu acreditar no que escutara e a encarou por um longo tempo. Sorrel sua alegre protegida, porém sempre inocente, acabara de comunicar que queria um amante! Algo tão inconcebível quanto o sol nascendo verde.

— *O que você disse?* — perguntou ele, hesitante, Sorrel jamais ouvira a voz trêmula do sheik soar tão perigosa, tão proibitiva, tão...

assustadora. Mas ela disse a si mesma que era uma adulta, livre para fazer o que bem quisesse, e não tinha de responder. Contudo, ela recuou, em vez de repetir as palavras diante daquela presença formidável sentada à sua frente, revolvendo em fúria. — Você sabe o que eu disse.

— Que quer um *amante*! — rosnou Malik. — Como pode ser isso?

Eles falavam em kharastani, e as vozes eram tão baixas que até os guarda-costas, sentados a uma certa distância, não poderiam ouvi-los. Mas o veneno na acusação de Malik deve ter percorrido o ambiente, pois vários deles ergueram as cabeças e olharam, aos poucos voltando a atenção novamente a seus jantares.

A acusação ardia voraz em seus olhos negros a queimava feito fogo, mas Sorrel sabia que não podia deixá-lo intimidá-la psicologicamente. Pelo amor de Deus, ela era uma mulher, não uma boneca para ser apresentada em ocasiões específicas!

— O que há de errado nisso? — disse ela, de forma mais casual do que realmente se sentia por dentro.

— Errado? *Errado!* — Malik quase não se lembrava de ter sentido um ódio tão forte. Queria explodir. Queria...

Seus dedos longos e morenos se curvaram, e ele fechou os punhos sobre a toalha branca de linho. Será que podia mesmo ser Sorrel a dizer isso? Sorrel, sua protegida, a jovem a quem ele guardara feito um falcão. A doce Sorrel, de cabelos louros, que corria pelos jardins do palácio, mimada por todos que cruzassem com seu sorriso radiante. Sorrel, a inocente... a...

Ou essa presunção estaria distante demais? Como aquelas que havia feito sobre sua inquestionável obediência e lealdade a ele, como seu sheik? Será que o desejo dela por um homem significava que Sorrel já teria experimentado os desfrutes da intimidade? Dos prazeres da carne, de forma que a deixara ávida por mais? Algo parecido com dor ficou preso em sua garganta, que foi suprimido pela raiva. Ela já negara uma vez, mas isso não significava ter dito a verdade!

— Você não é mais virgem? — perguntou ele.

Sorrel sentiu o rubor surgindo e queimando as bochechas. Como era bizarro que ele se sentisse no direito de perguntar algo tão íntimo e pessoal dentro de um restaurante!

Mas será que ela mesma não teria pedido isso? Zombava uma voz em sua cabeça. Ao alegar seu desejo de encontrar um amante?

Lembrando a si mesma de que queria viver como qualquer outra jovem, Sorrel o encarou.

— Você já me perguntou isso, Malik.

— E eu estou lhe dando a oportunidade de se retratar quanto a sua afirmação.

— Nós não estamos num tribunal! — explodiu ela.

Malik ignorou, debruçando sobre a mesa, na direção dela.

— Você está falando a verdade. Sorrel? — Os olhos negros vidrados. — Você ainda é virgem?

Os olhos dos dois travaram uma batalha de fúria, até que Sorrel percebeu a insensatez. Qual seria o sentido de fingir uma experiência que tristemente lhe faltara, se aquilo a depreciaria ainda mais na opinião dele?

— Sim — admitiu ela. — Sou. E uma coisa que não sou, Malik, é mentirosa!

Ele estava despreparado para a chama de triunfo que o invadiu, ardendo em fogo por suas veias, mas não demonstrou, apenas inalou o ar, como um intempestivo garanhão ao ser chicoteado. Percebeu que tinha de lidar com aquilo com muito cuidado, pois ela não estava sendo obediente. Longe disso. Mas Sorrel teria de se dobrar à sua vontade, sem sequer saber! Em silêncio, ele fez uma prece fervorosa de agradecimento, sem saber a razão de ser tão importante para ele. Seria pelo receio de ter falhado na missão como seu tutor?

— Então, por que a ânsia de modificar essa condição? — perguntou ele, numa voz tranqüila, que estava a milhões de quilômetros de seu verdadeiro estado interior. Mas ele era bom ao disfarçar seus sentimentos. Quando criança, havia sido uma necessidade, e no papel de assistente do sheik ele logo aprendeu que era inadequado *ter* sentimentos. E aquele não teria sido seu aprendizado mais valioso para sua nova posição? — Parece uma decisão um tanto impetuosa — disse Malik.

Que olhos frios! E que postura castradora! Fazia Sorrel se sentir como uma garota desajeitada, ou seria essa a intenção? Subitamente, Sorrel quis que ele ouvisse a verdade, não uma versão maquiada para proteger seus preciosos ouvidos de realeza.

— Porque... porque eu tenho 25 anos e me sinto como se tivesse passado a vida toda num convento!

— Quer dizer que foi protegida dos desejos carnis dos homens? — rebateu ele, ferozmente.

Sorrel molhou os lábios, nervosamente. Será que ela estava esperando uma resposta tão raivosa? O fato era que não havia pensado bem a respeito.

— Quero dizer que quero viver como outras mulheres de minha idade! — declarou ela. — Ou melhor, quero *viver*. Estou farta de seguir os parâmetros de outras pessoas. Quero poder mostrar minhas pernas sem sentir que estou infringindo alguma lei moral, dançar até tarde e tomar bebidas alcoólicas, e... e...

— Fazer sexo?

Por que diabos ele estaria transformando uma coisa perfeitamente saudável e natural em algo tão errado?

— O que há de errado com isso? — ela suspirou — Outras mulheres da minha idade fazem.

— Outras mulheres da sua idade não são você.

Sorrel sacudiu a cabeça de frustração.

— E o que é isso, Malik? Hein? Quem sou eu? Alguém que é uma estranha na terra natal e que nunca consegue se encaixar no país de adoção?

— Por que não? — perguntou ele, friamente.

— Porque... porque... — *Porque eu te adoro e jamais terei um futuro com você, mesmo que você se desse ao trabalho de me olhar como uma mulher, em vez de alguém que apenas se encaixa aos seus caprichos.* — Porque jamais terei uma verdadeira independência em Kharastan.

— E é isso que você quer? É isso que importa para você? Vestir roupas provocantes e fazer sexo?

Ela nunca o percebera tão... estrangeiro... Maseb também jamais o vira tão alterado. E a verdade em que essas coisas não eram exatamente o que Sorrel queria, e sim o que elas representavam. Se ela tivesse continuado a viver em Kharastan, teria passado a vida inteira sob a sombra de um homem que um dia se casaria com outra. E Sorrel sabia que só estaria ali para ver isso acontecer.

Malik era tão egoísta que nem sequer levava em consideração que isso poderia magoá-la. Ora, ela podia até vê-lo lhe pedindo para ajudar a nova esposa a se adaptar. Talvez até lhe pedisse para ajudar com a prole que viessem a ter. E ela não poderia fazer isso, não mesmo. Partiria seu coração se tivesse de lidar com os lindos filhos de olhos negros de Malik, nascidos de outra mulher.

— Talvez essas coisas importem, sim — disse Sorrel, esperando outra reação furiosa. Mas, para sua surpresa, não aconteceu. Apenas aquele olhar estreito, dos olhos inteligentes de Malik.

— E você acha que se me acompanhasse em minha turnê eu a impediria de fazer essas coisas? — questionou ele.

Ele estaria brincando? Ou seria apenas mais um dos planos diabólicos que o tornaram um dos monarcas mais temidos de sua região, em apenas dois anos? Sorrel decidiu aceitar seu blefe.

— Você está me dizendo que me daria sua bênção para começar uma vida liberal se eu decidisse acompanhá-lo?

Pela primeira vez, ele comeu um pouquinho, tirando um pedaço de pão com a mão e comendo avidamente, Malik comia pouco e Sorrel percebeu que sempre fora assim e isso provavelmente explicava a rigidez do corpo delgado esguio dele, muito mais do que dos outros homens. Era a diferença entre um gato doméstico e um felino selvagem e predador, vivendo na floresta. Ele pegou o copo de água e tomou um

gole, e quando largou o copo seus lábios brilhavam, assim como seus olhos.

— Isso depende.

Sorrel piscou, largando o garfo, que ainda tinha um pedaço de peixe espetado. A situação era tão bizarra que ela havia perdido completamente a fome.

— Depende? — A voz dela tremia ao olhá-lo, assim como o corpo.
— Depende de quê?

— De quem você irá eleger para ser o sortudo a receber seus favores sexuais.

— Malik, você faz isso soar tão...

— Vulgar?

— Bem, sim.

Ele deu de ombros.

— Eu concordo inteiramente. Mas você por certo só pode condenar a si mesma. Você não expressou desejo de ganhar chocolates e flores, que imagino ser a vontade de toda jovem, ao perder a inocência. Apenas fez soar como um ato mecânico.

Agora ele a estava humilhando.

— Não quero mais falar nisso! — vociferou ela — Vamos simplesmente esquecer.

Malik sacudiu a cabeça num movimento resolutivo o que Sorrel já vira muitas vezes.

— Não posso esquecer — disse ele, tão somente. Não mesmo, pois agora ele ficaria assombrado pelas imagens vívidas de seu corpo claro emaranhado com um homem. Sendo penetrado por outro... seu rosto lindo e inocente ao gritar pela primeira dor, seguida pelo primeiro prazer. Suas pernas longas e torneadas que vira pela primeira vez aquela noite, enlaçadas nas costas de um intruso. Alguém que a fosse fecundar com sua semente... Ele se contorceu de dor e prazer, tendo que conter a raiva. — Mas eu tenho uma solução que creio poder se adequar a nós dois.

Os sentidos de Sorrel estavam em alerta, e algo mais, algo que ela não tinha certeza se reconhecia.

— Não estou entendendo.

Ele sorriu, mas foi um sorriso calculista, quase cruel.

— Você quer um amante? — perguntou ele, suavemente. — Bem, eu também. Quer aprender os deleites de fazer amor? Então, deixe-me ser seu professor; pois você não encontrará ninguém melhor.

O coração dela batia a ponto de ensurdecê-la e milhões de sonhos nebulosos explodiram num sentimento de medo, ao se tornarem uma possibilidade real.

— Você quer dizer que... você... seria?

Com um sorriso de satisfação, Malik percebeu o rubor surgindo em seu rosto, enquanto ouvia suas palavras hesitantes. *Como ela era inocente! Como ela esperava lidar com o mundo dos predadores sexuais?* Com seus cabelos louros e seu rosto corado Sorrel parecia inocente a ponto de parar o coração. Ora, ele deveria jogá-la aos leões e deixá-la descobrir sozinha o quanto estava sendo tola. Mas logo sentiu o peso de sua ereção pressionando junto à perna e soube que não suportaria que outro homem a tocasse. Hã antes dele...

— Sim, eu serei o seu professor — concordou ele, suavemente, tragando o azul confuso dos olhos arregalados. — Isso seria um gesto tão repreensível assim?

Sorrel estava prestes a dizer sim, quando ele falou daquela forma, isenta de sentimentos, como se estivesse lendo uma lista de compras. Exceto que Malik jamais precisaria *olhar* uma lista de compras lembrou a si mesma.

— Eu simplesmente não havia... — Mas as palavras foram sumindo. Ela sabia que ele veria a mentira se dissesse que nunca pensara nele como amante quando havia passado anos a fio fantasiando sobre isso.

— Não havia o quê, Sorrel? — disse ele. — Não parou para escolher um candidato? Bem, então, você tem o melhor à disposição. — Seus olhos negros cintilavam pela expectativa dos prazeres por vir. — Porque todas as mulheres que levei para a cama me disseram que sou o melhor amante de todos — murmurou ele completamente isento de vergonha.

Aquilo era tolo e não fazia sentido, mas magoou. Magoou mesmo. Claro que Sorrel imaginara, de alguma forma, que ele havia tido amantes, provavelmente muitas. Malik certamente não era nenhum inocente. Ele exalava um ar de sexualidade que lhe era tão natural quanto respirar. Nascera para ser sensual assim como o falcão tinha o instinto assassino, mas ela nunca o ouvira dizer isso e a imaginação fértil a fez visualizá-lo com outras mulheres. *Quantas?* Pensou ela, enciumada. *Quantas!*

Ele percebeu sua hesitação e, estranhamente, aquilo o agradou, pois um homem tem pouco prazer ao ganhar um prêmio de modo fácil.

— O que estou lhe oferecendo é um cenário que a maioria das mulheres ansiaria — disse ele, passando a ponta do dedo no lábio inferior, sabendo que os olhos dela seguiam cada movimento, e vendo perfeitamente o efeito que estava causando nela. — Você será levada aos lugares mais encantadores do mundo ficará no ápice do luxo, onde receberá a mais completa instrução que existe quanto à arte da sedução.

Era um itinerário a sangue frio para algo tão significativo, e Sorrel sabia que deveria dizer algo quanto a idéia absurda, mas ela estava distraída pelo gesto erótico de Malik, passando o dedo na boca, daquela

forma. Será que ele estaria fazendo aquilo de propósito? Sabendo que seus olhos estavam hipnotizados pelo movimento lento e provocador, que ela o estaria imaginando mexendo em seus lábios daquele jeito... Mas será que Sorrel suportaria tê-lo como amante? Dando-lhe o corpo, quando já lhe dera o coração? Não seria arriscado demais? *Diga não*, pedia-lhe a voz da razão, mas a razão foi vencida por um motivo súbito e inesperado.

Uma ruiva bonita estava sentada do outro lado do restaurante, numa mesa que tinha uma visão perfeita do rosto de Malik.

Sorrel notou que a mulher não parava de olhar, mas aquilo não era grande coisa, e ela não deu muita atenção. Por sua pele morena e sua beleza perigosa, era comum que as pessoas estivessem sempre olhando para Malik.

Mas algum tipo de transformação havia acontecido diante de sua sugestão de preencher o lugar de professor sexual de Sorrel, e aquilo dava uma terrível sensação de posse. Como se ele fosse seu, ou melhor, como se pudesse ser seu. E isso não seria quase tão perigoso quanto o sentimento não correspondido que ela vinha mantendo por ele há anos? Pois Malik jamais poderia ser dela, de forma alguma. Era orgulhoso e frio demais para se dar emocionalmente, mesmo que o severo costume kharastani significasse que teria de se casar com uma mulher que não fosse de seu próprio sangue.

Case com ele! ...Ora, vamos, de onde veio essa idéia? A idade não parecia ter lhe ensinado nada que ela estava tendo esse tipo de fantasia bizarra, não seria compatível nem com uma garota de 10 anos!

Malik a estava observando com o ar desinteressado de um cientista diante de um tubo de ensaio aguardando por sua resposta, mas Sorrel tinha um novo foco no olhar, na direção da ruiva, o que o fez franzir o rosto, ao olhar para a beldade de cabelos vermelhos.

A mulher obviamente consultara um especialista em cores que a aconselhara a usar verde. Suas curvas femininas estavam cobertas por um vestido colante que dispunha de um generoso decote nas costas adornado pelos vastos cabelos. Seus lábios escarlates eram carnudos e ela não parecia estar ouvindo uma palavra sequer do que seu companheiro de jantar lhe dizia.

Por um instante, como uma espectadora invisível Sorrel observou a troca de olhares entre a estranha e o sheik. *Eu o quero*, diziam os olhos da mulher, como se ela berrasse as palavras, a plenos pulmões.

Sorrel deu uma olhada para Malik, que se permitia um ar de sorriso, franzindo o canto da boca perfeita.

Estaria ela imaginando, ou ele exibia um ar radiante, silencioso de reconhecimento, expressando *eu também a quero!* Ou ela estaria ficando louca? Louca ou não, Sorrel sentiu uma pontada de sentimento tão forte que, por um instante, quase não pôde respirar. Ela viu o desejo estampado no rosto da beldade e soube, no mesmo instante, que ela aceitaria a oferta de Malik sem pestanejar.

Malik não tinha necessidade alguma de escolher mulheres estranhas em restaurantes, independentemente de quanto fossem atraentes, mas ele já tinha mencionado querer uma amante.

Sorrel mordeu o lábio, perplexa. Então, ela deveria declinar sua proposta e tomar a decisão sábia de dar as costas e ir embora?

Ou cedia ao próprio coração e ao desejo de seu corpo e aceitava o que estava sendo lindamente oferecido, mesmo que significasse pôr em risco a destruição completa de seus sonhos?

Será que talvez os sonhos tivessem de ser esmagados para lhe permitir prosseguir vivendo com algum nível de contentamento no mundo real?

— Está bem — disse ela, sacudindo os ombros como uma estudante desajeitada, desejando que estivessem em algum outro lugar para que o acordo pudesse ser selado da forma tradicional.

— *Está bem?* — Malik franziu o rosto. Não foi a aceitação exultante como ele esperava, e ela, com certeza, não tinha idéia da grande honra que lhe estava sendo oferecida. *Mas logo caberia*, pensou ele.

Sorrel se remexeu na cadeira ao pensar nas considerações práticas.

— O que... Bem, o que Fariq poderá pensar desse acordo?

Malik deu uma risada breve.

— Não estou exatamente pensando em ir à televisão para anunciar.

Seu sarcasmo deveria tê-la alertado quanto a brincar com fogo e todos sabiam o que acontece com quem faz isso. Mas agora era tarde demais para voltar atrás, mesmo que ela quisesse fazê-lo. Mas se o acordo sexual fosse, de alguma forma, se assemelhar a algum tipo de negócio, então eles realmente deveriam estabelecer as regras básicas logo de início.

— Você quer dizer que terá de ser segredo? Fariq não vai saber?

— Claro que ele saberá — respondeu ele, serenamente. — Mas, como sempre, fará vista grossa e será discreto.

Suas palavras deixavam bem evidente que essa era a forma como as coisas funcionavam. — É claro.

Os lábios dela tremiam e ele se viu sufocado pela vontade de beijá-los. Malik se virou na direção do segurança sentado em outra mesa e, apenas lançando um olhar, toda a engrenagem da retirada do sheik do restaurante entrou em ação.

Ele sinalizou para que Sorrel o seguisse, mas suas mãos estavam molhadas de nervoso, enquanto a pequena equipe do hotel os acompanhavam até o elevador.

— Deixe-nos agora — Malik ordenou aos guarda-costas, quando a porta da cobertura se abriu e Fariq, que surgira lá dentro, curvou-se

ligeiramente, e os seguiu. Sorrel não deixou de notar o leve ar de choque e reprovação de seu rosto.

Malik fechou a porta e pôs as mãos nos ombros dela.

— Então, enfim estamos sós — murmurou ele, com a voz embriagada de desejo. — Sua lição deve começar.

Ela percebeu as mãos queimando sobre a camiseta que vestia, e subitamente se sentiu despreparada, indigna de seu amante sheik.

— Você quer dizer... agora?

O rosto dela estava a um palmo de distância e ele jamais vira a intensidade do tom de azul-safira que cintilava como seu amado Mar de Balsora, num dia de verão.

— Agora? — ecoou ele, embargado, sem entender bem.

— Você quer ir para a cama agora?

A boca de Malik se contraiu, primeiro de raiva, depois de determinação. Ela fora esperta em tomá-lo como professor! Porém, será que ele logo se arrependeria pela tolice de ter se oferecido?

— Esse, claro, é o problema das mulheres modernas — disse ele, seco. — Elas querem devorar o banquete sem saborear a comida, como beliscar na geladeira. E, francamente, qual é o prazer de fazer algo assim?

Aquilo soou como uma repreensão, e na verdade foi. Sorrel o encarava, esperando que pudesse ocultar seu sentimento de mágoa, mas ela retrucou.

— Você não pode esperar que eu seja uma especialista nessas questões, Malik.

— Não. — Estranhamente, ele queria beijá-la mesmo que ela não tivesse se preparado para ele. E apesar de suas descrições e da certeza de que devia deixá-la se banhar, Malik cedeu ao desejo. — Venha — ordenou ele, puxando-a para seus braços, enquanto Sorrel deixava a bolsa cair ao chão, virando o rosto na direção do dele, como uma flor rumo ao sol. — Venha, deixe-me beijá-la — murmurou ele, baixando os lábios com uma avidez que não lhe era comum.

Sorrel tinha sabor de flores, assim como o cheiro e o corpo dela tremia, entoando sua pureza. Malik se viu trêmulo também, enquanto ela se derretia, diante da insistência dele.

— Oh, Malik! — disse ela, ofegante, enlaçando o pescoço dele com os braços, como às vezes se viam as serpentes enlaçarem os encantadores, no mercado da praça de Kumush Ay.

Ela se apertava avidamente junto a ele, e seu corpo macio se encaixou aos contornos rijos do dele, deixando Malik surpreso, mal conseguindo respirar pela receptividade que ela demonstrava. Por uma fração de segundo ele imaginou seu doce calor, e a rigidez de seu corpo pareceu perto demais da tortura para ser suportável.

Malik poderia tomá-la ali, naquele instante. Beijá-la até que facilmente cedesse, deitando-a no carpete. Ora ele nem precisaria despi-la, pois nenhum de seus seguranças se atreveria a entrar, a menos que tivesse permissão. Ele poderia levantar aquela saia cigana, rasgar a calcinha e...e...

— Malik.! — arfou ela, mais uma vez. Ele deu um pequeno gemido e a afastou, encarando-a enquanto a soltava.

— O que acabei de lhe dizer? — perguntou ele.

Tonta, Sorrel o olhou. E agora? Achou que ele estivesse gostando do beijo, tanto quanto ela.

— Eu fiz... fiz algo errado?

— Sim! Não! — Ele sacudiu a cabeça, frustrado. — Esses deveriam ser exercícios de controle sensual, um lento acúmulo para os deleites posteriores, não essa demonstração de frenesi. — Uma demonstração que fez sua fanfarronice como amante soar ridícula. O melhor amante de todos? Ora, ele reagira feito um estudante!

Bruscamente, Malik se afastou e seguiu pelo corredor rumo ao vasto salão. Sorrel olhou para suas costas por um instante, antes de ver que não havia escolha a não ser segui-lo.

Ele estava diante da janela, perdido em pensamentos, olhando o mar que tinha o azul profundo da noite, exceto nos lugares onde a lua iluminava as ondas de prateado. Ouviu o som dos passos dela e se retesou para demonstrar o equilíbrio entre o controle e a avidez que seriam necessários para conduzir aquele relacionamento tão incomum.

Providências precisavam ser tomadas rapidamente, pois eles partiriam para Madri quase de imediato.

— Há muitos preparativos a serem feitos mencionou ele. — Mas não essa noite. Essa noite você precisa ir para a cama. — Ele esticou a mão e passou-a sobre os olhos dela, que exibiam um ar de perplexidade, assumindo um tom inebriado diante da resposta à pergunta que não havia sido feita.

— Sozinha.

Sorrel deu um olhar de mágoa, que tentou disfarçar ao sorrir e pegar sua bolsa. Ela quase perguntou — *E qual é a novidade ?* Pois já não havia passado a vida toda sozinha?

CAPÍTULO SEIS

NA MANHÃ seguinte, Sorrel imaginou se teria sonhado aquilo tudo. Malik invadindo a festa, depois a levando embora e lhe dizendo que a ensinaria tudo o que ela precisasse saber sobre o amor. Depois ela passou a mão nos lábios beijados e soube que havia sido real.

Acordou com o perfume do sheik em sua pele, o gosto de sua boca nos lábios, e se arrepiou ao tomar banho com uma estranha sensação de ansiedade. Ao vestir a calcinha e pegar uma das túnicas longas de seda kharastani que trouxera da Inglaterra, ela pensou se estaria fazendo a coisa certa.

Mas para quem poderia perguntar?

Não havia ninguém. Sorrel estava, como sempre estivera, sozinha. Mesmo quando os pais eram vivos sentia-se um tanto em segundo plano. Eles a amaram da melhor forma que puderam, mas foram tomados pela paixão e aventura por um terreno inacessível, o da cultura estrangeira.

Olhou ao redor do apartamento alugado. Numa pilha organizada sobre a escrivaninha, estavam seu passaporte e alguns papéis. Suas roupas estavam em duas malas. Numa mochila, havia iogurte e frutas, para serem jogados fora. Não muito que demonstrasse a nova vida independente, não é? E a qualquer momento...

A campainha tocou e Sorrel foi atender. Provavelmente outro guarda-costas.

Mas não era. Era o próprio Malik. E era Malik oferecendo o homem que ela conhecia. O homem moreno e rude do deserto, mais a vontade no dorso de um cavalo, ou empunhando o braço de ferro para saudar o falcão regressante.

O terno ocidental do dia anterior fora dispensado e, naquele momento, ele vestia o traje tradicional de Kharastan. Uma túnica esvoaçante feita da melhor seda, que adería ao corpo conforme ele se movimentava, realçando as formas musculosas que abrigava por baixo. Ele parecia tão deslocado quanto uma ave do paraíso que surge no meio de uma praça no centro da cidade.

— Malik... — suspirou ela.

— Vejo que você está trajada mais apropriadamente hoje — murmurou ele. No entanto, não era mesmo da natureza humana sempre querer algo que não se tem? No dia anterior, ele se sentira afrontado ao ver aquelas coxas longas e esguias de fora, no entanto, naquele instante, ao vê-las cobertas, sentiu falta delas.

Sorrel passou a mão alisando o tecido sobre os quadris.

— É a única que eu trouxe comigo, é bem antiga.

— Sim, estou vendo. — Ele franziu o rosto. — Mas você tinha os serviços da estilista do palácio. Por que não a utilizou?

Sorrel cruzou com os olhos negros estreitos.

— Eu não achei apropriado.

— Por que não?

Ficaria patético se ela lhe dissesse que não se sentia à vontade em se arrumar para os eventos do palácio.

— Eu estava lá como uma funcionária, Malik. Para me envolver nos bastidores, não para sobressair.

Um ponto de vista tão modesto nunca lhe ocorrera, mesmo antes de ser coroado ao trono. Malik conhecera poucas mulheres, além de suas amantes, que fizeram uso ininterrupto da estilista. Sua mãe falecera no parto e ele havia sido mimado pelas empregadas do palácio, mas não tivera uma figura como modelo. Se lhe fosse pedido para escolher uma mulher com quem tivesse maior proximidade, ele teria apontado Sorrel, porém, já não parecia mais conhecê-la. Será que isso tinha a ver com sua súbita transformação dessa maneira? Uma mulher que prestava pouca atenção à moda, repentinamente sendo atirada na cultura moderna? Malik franziu o rosto. Por que estava perdendo tempo se preocupando com isso?

— Se por um lado sua modéstia é admirável, você irá precisar de um novo guarda-roupas para a viagem. Você fará o papel de um tipo de embaixatriz de Kharastan.

— Farei?

Ele concordou.

— Por muito tempo, nosso posicionamento internacional esteve exposto à crítica. A imagem que se tem é que nossas mulheres são oprimidas. E uma de suas tarefas será demonstrar o contrário.

— Você supõe que eu não compartilhe desse ponto de vista?

Os olhos negros a perfuraram.

— Compartilha?

Sorrel sacudiu a cabeça e suspirou. Como seria mais fácil se assim fosse. Mas, de certa forma, ela podia ver que as mulheres tinham espaço para florescer numa cultura como a de Kharastan. Era verdade *que* não dava para sair de minissaia, mas Sorrel vira de perto a extensão dos problemas que isso podia acarretar. Mesmo que se declarasse que as mulheres tinham direito de mostrar as pernas, os homens eram programados para reagir de uma determinada maneira se você o fizesse.

— Não, não compartilho — Confessou Sorrel. — Apesar de não estar dizendo que a sociedade de Kharastan seja perfeita...

— Nenhuma sociedade é — disse ele, com um pequeno sorriso nos lábios, até lembrar que havia três carros aguardando lá fora e Fariq estaria carrancudo como vinha se mostrando, desde que Malik expressara seu desejo de ter Sorrel na viagem. — Mas estamos perdendo tempo.

Malik deu um passo em sua direção e ela, sob a luz plena do dia, se viu temerosa da expressão sexual que ele exibia. Sorrel deu um passo para trás. O que diabos tinha se deixado convencer a fazer?

— Você... quer dizer... que terei de fazer compras?

Ele esticou a mão para capturar a cintura fina e a trazer para perto.

— Compras? — ele riu baixinho. — Acho que não, ou você imagina que as ruas de Brighton podem ter o melhor que Kharastan tem a oferecer? Não, Sorrel, você não precisa se preocupar com roupas.

Pensativo, passando o dedo em sua cintura, ele imaginou que um corpo como o dela ficaria bem melhor sem roupa alguma. Mas isso não seria parte da sensação para ele... ter uma mulher a quem ele estava sendo forçado a esperar? Viver a expectativa, em vez de ter algo que lhe fosse oferecido com tanta facilidade? Ele a sentiu estremecer com seu toque e sorriu.

— Eu já encomendei o que quero que você vista.

Contente por ter algo com que se distrair além de seu toque provocador, Sorrel o encarou.

— Como pôde?

— A estilista real desenhou uma coleção de roupas para você, com um toque de modernidade.

— Eu continuo não entendendo, Malik.

— Bem, a estilista sabe seu tamanho, ela tem suas medidas em arquivo. — Os olhos negros varriam seu corpo lentamente, com uma aprovação quase insolente — E não me parece que você tenha ganhado peso. — Ele franziu o rosto. — Talvez tenha perdido um pouquinho. Vejo que terei de alimentá-la Sorrel, pois nós, homens de Kharastan, gostamos que nossas mulheres tenham formas.

Sorrel balançou a cabeça impacientemente. Ele estava sendo muitíssimo obtuso.

— As roupas já estão prontas? — Quando ele acenou a cabeça concordando, ela continuou — Com podem estar, se eu só concordei em acompanhá-lo ontem à noite?

— Porque tomei a decisão de que a queria há várias semanas.

O coração dela se encheu de esperança, que *logo* se transformou em dor ao lembrar a si mesma que ele estava pensando de forma prática, não sentimental

— Mas e se eu... não tivesse concordado? — quis saber Sorrel.

Malik encolheu os ombros largos e nem tentou esconder o sorriso arrogante e complacente.

— Eu sabia que você concordaria — disse ele — Veja, eu sempre consigo o que quero.

Sorrel sentiu o coração revirar por ele a ter manipulado tão engenhosamente, mas também por não demonstrar qualquer arrependimento em tê-lo feito.

— E o que você faria se eu lhe dissesse que tenho vontade própria? — disse ela, com fervor. — E que apesar do acordo de ontem à noite eu mudei de idéia. E se eu dissesse que pretendo desistir agora mesmo? O que faria?

— Ora, eu faria isso — murmurou ele, avidamente. — Isso é o que eu faria. — E ele baixou os lábios até os dela.

Ela quis lutar, tentou lutar, batendo os punhos no peito musculoso dele, virando a cabeça, afastando-se da boca quente e tentadora que roçava na sua. Atiçada por aquele sorrisinho provocador, ela tentou se desvencilhar. Mas o movimento se tornou algo totalmente diferente, fazendo-a ter contato com a inconfundível rigidez de sua virilha.

Os olhos dela se arregalaram e ficaram vidrados, parecendo um antiga boneca que sua mãe lhe dera quando criança, e ela novamente viu deboche nos olhos dele.

— Sim, Sorrel — disse ele, baixinho, vendo a percepção nos olhos dela. — Você pode me sentir. Sentir o quanto estou rijo por você. Como a teria agora, pudesse, da forma mais selvagem possível. — Ele viu o rubor corar seu rosto. — Mas essa não é a minha intenção. Este será um despertar maravilhoso e lento, mesmo que tenhamos desentendimentos ao longo do caminho, nada disso irá impactar em sua educação sexual. Venha, me beije.

Os lábios agora estavam tão próximos que Sorrel podia sentir o calor do hálito dele. Uma distância muito curta, mas, psicologicamente, era um salto rumo ao desconhecido. Sorrel sabia que ele dizia a verdade, que sempre tinha o que queria. No entanto, sabia que Malik podia ser um soberano absoluto, que governava uma sociedade predominantemente masculina, mas nem mesmo ele a arrastaria e manteria prisioneira se ela *quisesse* mesmo desistir. Se *quisesse* desistir...

Como poderia fazer isso? Havia ultrapassado um limite invisível e não tinha como voltar atrás.

— Beije-me Sorrel — pediu ele, e, pela primeira vez, um tom de súplica descarada surgiu em sua voz.

— Oh, Malik! — Instintivamente, ela se entregou ao momento, mergulhando junto a ele como em câmera lenta, a doce expectativa de seus lábios, contrastando com a rigidez de seu corpo e a sensação poderosa de ter selado o destino.

Malik provocava os lábios dela com a ponta da língua, aumentando o desejo. Sorrel podia sentir aquilo aumentando, enquanto ele a instigava, passando a mão por seus cabelos, puxando-a para mais perto dele, encaixando-a ao corpo.

Era como se ele estivesse orquestrando os movimentos através de uma força invisível e poderosa. Como ela poderia saber o que seria esperado dela? Aquele pequeno gritinho havia sido dela? E seu quadril circulava junto ao dele daquela forma, fazendo com que ele gemesse

em resposta? Sorrel imaginou se ele poderia ler pensamentos. De que outra forma teria entendido seu apelo para que aprofundasse o beijo? No entanto, ela se sentiu rasgada quando sua língua adentrou-lhe a boca, pois cada apelo se transformava em outro e ela queria mais. Oh, muito mais!

— Pela tempestade do deserto! — ele rugiu.

Ele a soltou. Bruscamente. Um movimento rápido dos olhos foi o único sinal demonstrando que Malik estava perturbado. Por um instante, ele não se moveu, nem falou. Não se atreveu. Uma palavra, ou um toque e ele se esqueceria de tudo o que dissera a ela sobre as lições de controle e espera, e as demonstrações de finesse. Ele a queria como jamais quisera nenhuma outra!

Por ela ser pura, pensou ele, não o tipo de mulher que geralmente dá tudo o que se quer, sem perguntas ou exigências.

Sorrel abriu os olhos, percebendo que sua respiração estava acelerada, assim como a dele. Os olhos dele cintilavam como se ele estivesse febril, e sua pele estava ruborizada por baixo do bronzeado. Por uma fração de segundo, ela viu o desejo que ardia dentro de seus olhos negros, mas este logo se foi, e o alerta habitual voltou.

— O que foi? — perguntou Sorrel, querendo que a paixão voltasse.
— Por que você parou?

— Você é uma pupila muito ávida — declarou Malik, hesitante.

Pela primeira vez, ela começou a perceber que talvez tivesse feito a barganha mais tola de todos os tempos. Ao concordar em ser ensinada por Malik, não estaria correndo perigo de se submeter a uma vida na qual todos os outros homens simplesmente caíam sob a imposição da sombra do sheik? Pois como alguém poderia chegar perto de fazê-la sentir o que de fizera?

— E você é um excelente professor — respondeu ela.

Ele a percorreu com o olhar de forma crítica, sabendo que a expressão sonhadora que Sorrel demonstrava não era adequada, não naquelas circunstâncias. Ela teria de aprender que sua posição significava que regras diferentes deveriam ser aplicadas, e ela precisava estar preparada para voltar à normalidade de uma hora para outra. Para sair rumo à limusine que aguardava, como se os dois não estivessem fazendo nada além de discutir a agenda.

— Vá lavar o rosto e escovar os cabelos — instruiu Malik, de forma mais áspera que pretendia para seu constrangimento, a viu estremecer e baixar os olhos para esconder a mágoa. Mas será que Sorrel não percebia que o olhar inebriado que demonstrava o fazia ansiar com tanta força, a ponto de querer mandar o carro embora? De levá-la para a cama como se fossem um casal normal, um homem e uma mulher se permitindo os prazeres da carne?

Claro que ela não percebia, disse ele a si mesmo. Pois ela não era inocente apenas em relação aos homens, mas, também, quanto ao seu próprio encanto e ele precisava ensiná-la a canalizá-lo.

Malik tocou seu queixo com um dedo.

— Sorrel? — chamou ele, numa voz quase gentil — Olhe para mim.

Ela piscou, afastando as lágrimas e ergueu o rosto para encontrar seu olhar, imaginando o que teria feito de errado, o que o teria feito falar daquela forma tão áspera e impaciente.

— Eu não o satisfaço? — quis saber ela, sem jeito Naquele instante, ele quis esquecer de todo o acordo. Não queria fazê-la duvidar de si mesma. Queria de volta a Sorrel que conhecia, a mulher inteligente e espirituosa que viu se tornar uma beldade. Mas agora tinha feito o acordo e ela o enfeitiçara, o fazendo querê-la. Malik jamais ficaria satisfeito até conhecê-la intimamente. Talvez, fazer amor com ela fosse estragar o relacionamento que haviam tido, porém, era um risco que ele teria de correr.

— Você me satisfaz mais do que poderia imaginar — disse ele com delicadeza. — Mas eu não posso simplesmente me entregar ao desejo quando ele se apossa de mim. E preciso manter minha compostura frente da equipe que trabalha comigo. O sexo enfraquece um homem Sorrel, e eu não posso me permitir ser visto como fraco, de forma alguma. E é por isso que você precisa aprender a ligar e desligar a sua paixão.

— Como melhor lhe convém?

Ele balançou a cabeça.

— Como for melhor para nós dois. Pois, assim como preciso sempre aparentar ser invulnerável, você também precisa de proteção. Se deixarmos transparecer que você é amante do sheik, isso dará munição aos meus inimigos para me atacarem.

— Você tem inimigos. Malik? — perguntou ela, baixinho, e a dor que sentiu foi por *ele*.

Como ela era ingênua!

—Um monarca sempre tem inimigos. — Ele riu, foi um riso estranho, sem humor. — Principalmente um que teve uma ascensão tão incomum ao cargo, como eu. Agora não fique tão apreensiva, pequenina, ou não vou conseguir me concentrar no meu trabalho. Vá e se acalme, e depois enfrentaremos Fariq. Temos um avião abastecido e pronto, além de uma delegação nos aguardando em Madri.

Sorrel sorriu para ele e se afastou, com o coração alegre, rumo ao banheiro. *Ele não me chama de pequenina há anos!* Mas ela apagou o pensamento, lembrando a si mesma que, desde o início, Malik deixara claro que esse era um relacionamento prático, não emocional.

Então, comece a agir dessa forma, disse Sorrel, jogando água fria no rosto quente, e escovando os cabelos.

Próxima parada, Espanha, pensou ela, dando a última olhada em seu reflexo no espelho.

Depois, foi de encontro ao sheik que a aguardava.

CAPÍTULO SETE

— AINDA irá precisar de mim, Sua Alteza? — No calor da noite espanhola, Malik assinou os últimos papéis oficiais e os entregou a Fariq. O assistente taciturno entregava um documento após o outro, desde que haviam chegado do jantar, mas até mesmo as mais tediosas tarefas não conseguiam desviar Malik de sua crescente empolgação.

— Não. Obrigado, Fariq, é só isso. Vou tomar um drinque no terraço e depois vou dormir. — Ele bocejou um tanto exageradamente, como se tentasse impressionar o assistente, fazendo crer que estivesse bem mais cansado do que estava. Não que se desse ao trabalho de subterfúgios no que dizia respeito a uma amante, mas essa era diferente, e era apropriado que ele fosse discreto em relação a ela.

— Como quiser, Sua Alteza. — O rosto de Fariq não demonstrou qualquer tensão quando ele se curvou, antes de deixar a suíte. — Eu lhe desejo uma boa noite.

Malik recebera o último andar inteiro do luxuoso hotel em Madri, e suas dependências particulares consistiam numa vasta suíte de dois quartos, ligados por uma sala. Havia um escritório separado onde ele podia trabalhar, dois quartos de vestir e dois banheiros. O local fora escolhido conforme seu gosto. No prédio, havia painéis mouriscos e pisos em mármore, com imensas almofadas espalhadas pelo chão do salão e sândalo pendurado.

A túnica de seda tremulou quando ele se espreitou, saindo rumo ao terraço. Era um lugar de conto de fadas, repleto de laranjeiras que perfumavam suavemente o ar noturno. Imensas velas cintilavam na brisa e estrelas brilhavam no céu como lanternas celestiais. As luzes da cidade vinham ao longe, mas Madri sempre fora uma cidade que nunca dorme.

Olhando o relógio, seus olhos faiscavam de expectativa, e ele caminhou de volta ao apartamento a tempo de ouvir uma leve batida à porta.

— Venha — murmurou ele, e Sorrel entrou, exatamente como Malik dissera que fizesse, durante o jantar. Sob a luz fraca, seu rosto não estava nítido, porém, era possível ver sua expressão atribulada.

Ele franziu a testa no meio das sobrancelhas negras.

— O que foi?

Sorrel tentou sorrir, mas não conseguiu. Seu coração batia forte no peito.

— Eu me sinto meio culpada, entrando escondida assim. De alguma forma, parece errado.

O franzido do rosto de Malik se acentuou.

— O que parece errado?

— Todo esse segredo.

— Você sabia que teria de ser segredo.

A voz dele soou repreensível e Sorrel engoliu suas reservas.

— Eu sei. É apenas... bem...

— Bem, o quê, Sorrel? — perguntou ele, seco.

Não seria insensato dizer a ele que, desde o final , suntuoso jantar oferecido pelo embaixador de Kharastan, ela ficou andando de um lado para outro, nervosa e aflita, imaginando como levaria isso até o fim? Pensando se teria perdido o juízo por ter concordado com algo desse tipo?

Eu *estou com medo*, era o que ela queria dizer, exceto que imaginava que isso fosse colocar um peso muito grande sobre os ombros de Malik. Havia sido decisão dela se tornar sua amante. Se agisse feito criança, ele a trataria como tal. E toda a questão era querer que ele a tratasse como uma mulher.

— Eu não sabia o que fazer — admitiu ela. — Nem o que vestir.

Isso era melhor. Nervosismo de primeira noite era perdoável, contanto que ela não mudasse de idéia, pois Malik certamente não havia mudado. Seu olhar negro a varria com eficiência, ao lembrar da noite passada.

Durante o jantar, Sorrel o atendera muito bem, dando um excelente exemplo de como uma mulher ocidental se adaptara à vida em um país como Kharastan.

E ela estava magnífica. Mais magnífica do que Malik podia imaginar, uma beldade estonteante. Houve um momento de silêncio e incredulidade quando ela adentrou o salão repleto da recepção, logo atrás dele, como parte de sua comitiva. Obviamente, a embaixada recebera o comunicado de que Sorrel participaria da festa, mas ele desconfiou que sua vaidade e sua beleza loura tomaram todos de surpresa.

Seu vestido vermelho longo e bem talhado com bordados prateados, causou rebuliço e ele viu olhares invejosos das mulheres que pareciam imaginar o preço das presilhas de esmeralda que ela usava nos cabelos e nos brincos que pendiam das orelhas, como cascatas verdes junto ao seu rosto. Malik chegou a ver um político britânico, em visita, tentando cantá-la durante os drinques que antecederam jantar.

— Eu não imaginava que as mulheres de Kharastan vestissem vermelho — Malik o ouviu dizer.

E a resposta tranqüila de Sorrel:

— Talvez não saiba que sou inglesa, como o senhor. E em Kharastan o vermelho não tem a mesma conotação do Ocidente. Para nós, essa cor representa coragem e fertilidade, não uma moral duvidosa.

Malik ficou olhando encantado, observando o homem ficar com cara de tacho, enquanto ela se afastava graciosamente, indo de encontro ao duque Castelhana e sua esposa, que haviam acabado de entrar no salão de recepção da embaixada.

Sim, *Sorrel havia sido um acréscimo valioso à delegação do sheik*, pensou Malik, com satisfação. Até Fariq deve ter visto isso e, embora seu assistente claramente reprovasse a situação, Malik sabia que ele não se atreveria a expressá-lo.

— Você foi muito bem essa noite — disse Malik, suavemente.

— Fui? — Ela havia se sentido um pouco como foca amestrada, equilibrando uma bola na ponta do nariz, sem deixá-la cair. Sorrel havia sido criada por pais diplomatas e freqüentara festas semelhantes. Não se preocupava quanto ao que dizer, ou beber, ou mesmo fazer, pois para ela aquilo era natural com respirar.

O diferente, dessa vez, eram as circunstâncias em que ela se encontrava. Estava ciente do interesse que despertou ao entrar, e os olhares de inveja que as outras mulheres da sala lhe lançaram. Malik era conhecido na imprensa como um dos solteiros mais cobiçados do mundo e Sorrel desconfiava que muitas daquelas mulheres haviam se produzido imaginando se teriam sorte o bastante para fisgar o belo sheik.

— Você sabe que foi — insistiu Malik, com um renovado senso de impaciência. Será que ela iria precisar ser tranqüilizada a cada passo do caminho, quando ele estava ocupado com os papéis que precisavam ser assinados e as negociações que sua equipe estava fazendo durante aquela viagem? Sorrel tinha de aprender rapidamente que, como amante do sheik, precisava tornar sua vida mais fácil, não complicá-la com suas próprias questões. — Agora pare e venha até aqui.

A timidez momentânea foi superada por um sorriso dele, e pelo longo tempo que ela o queria. Sorrel foi até ele com a avidez de alguém faminto que ia ser alimentado. Malik não a tocara desde que deixara Brighton, e ela tivera de lidar com toda a formalidade da chegada em Madri, pensando se havia apenas imaginado o pacto bizarro que haviam feito.

— Oh, Malik... — sussurrou ela, enlaçando seu pescoço com os braços.

A forma ofegante como ela disse seu nome disparou algo em sua mente, e Malik a pegou pelo braço para detê-la. Sua exuberância era ótima, mas inapropriada.

— Vá com calma — murmurou ele. — Não vou a lugar algum.

A cabeça dela se inclinou para trás diante da suave repreensão, e ela mordeu o lábio, impensadamente e isso tampouco o agradou.

— Não faça isso — ralhou ele. — Seus lábios só devem ser mordidos por um homem, quando o sexo se tornar selvagem e excitante, o que às vezes acontece. Mas eles são macios, doces e convidativos demais para isso. Principalmente essa noite, não. Então, isso é melhor... — Malik encostou a boca na dela, acarinhando gentilmente, de leve, o que fez Sorrel estremecer de forma tão violenta quanto uma folha prestes a ser arrancada por uma tempestade. Malik sorriu junto a ela. — Ah, sim, assim é bem melhor. Agora relaxe. Me abraça, mas, dessa vez, devagar.

Lentamente, ela ergueu as mãos e as pousou sobre ombros largos, sentindo os contornos dos músculos através da seda da túnica, depois a pele. Foi um gesto cuidadoso, sem a impulsividade anterior.

Foi por isso que ele a recompensou ao aprofundar o beijo? Dando um pequeno gemido quando as bocas abriram juntas, para que a perfeita sintonia do beijo parecesse zombar dela? Como se ele dissesse "não demonstre nenhuma emoção e eu a recompensarei assim"?

Então, está certo, pensou ela. — Não o farei. Ficarei tão calma quanto você quer que eu fique, Malik. Guardarei minhas palavras de adoração.

No entanto, embora o beijo tivesse parecido rápido diante das esperanças de seus sonhos de menina, ele a deixou inebriada. Pois ele era tudo o que ela queria. Malik, moreno e poderoso, estava ali, incitando uma reação nela, que vinha com a facilidade de respirar, e ela colocou a língua em sua boca, como se tivesse nascido para isso.

A reação de Sorrel o pegou de surpresa, tirando-lhe o controle por uma fração de segundo, o fazendo sentir como se ele fosse o pupilo e ela fosse a professora.

— Sorrel... sussurrou ele, hesitante, afastando a boca, olhando a beleza de seus olhos e os lábios entreabertos.

— Eu o agrado, Malik? — perguntou ela, baixinho.

Ela o agradaria mais se o tocasse onde ele estava rígido. MAS Malik sabia que não podia pedir tal intimidade. Pelo menos, ainda não. Nunca antes algo tão familiar havia sido proibido para ele por seu autocontrole, e isso também era insuportavelmente excitante.

— Oh, sim, sim. Você me agrada — concordou ele trêmulo. — E vai me agradar mais. Venha comigo.

Ele a pegou pela mão, como se fossem apenas *um* homem e uma mulher que pudessem ir aonde quisessem. Mas não eram. Aquela suíte,

com toda opulência e luxo, era uma gaiola onde se confinava a paixão. E Malik também a confinava, Sorrel disse a si mesma, conforme deixavam o terraço rumo ao quarto dele. Com o segredo e o comportamento apropriado Sorrel queria dizer a ele que estava aterrorizada o que realmente estava, mas não se atreveu, por medo que ele achasse ter perdido o juízo e resolvesse parar aquela loucura antes que fossem mais longe.

Porque era loucura. No entanto, era Malik sob as únicas condições que ela poderia tê-lo, e por certo seria uma loucura maior ainda abrir mão de uma oportunidade como aquela.

— Agora, deixe-me olhar para você. — Ele virou o rosto dela para ele. Seus olhos negros a fitavam. Inesperadamente, ele puxou a presilha de esmeralda de seus cabelos claros, deixando-os cair, cuidadosamente, depois tirou a outra, olhando, como um voyeur, a cascata abundante e loura que se espalhava sobre o vestido vermelho que ela estava usando. — Você tem de estar sempre de cabelos soltos para mim, quando estivermos sozinhos, assim — disse Malik, em tom embargado. — Você me promete isso?

Ela queria dizer que iria até o fim do mundo por ele, mas achou que isso seria um crime ainda pior do que se atirar em seus braços.

— Eu prometo — respondeu Sorrel.

— E você promete inclinar a cabeça para um dos lados? Assim. Isso. Para que eu possa beijar seu pescoço. Assim. — Ele sentia o arrepio da pele dela, o ligeiro tremor de seu corpo, como o dele. — Você me promete isso também?

Sorrel fechou os olhos, sentindo o peso das pálpebras, assim como o peso das batidas de seu coração.

— Sim — sussurrou ela.

— Seu pescoço parece o de um cisne, Sorrel — confessou Malik, ofegante. — Longo e gracioso.

Ela se sentiu um manequim da vitrine de alguma loja, ali, em pé, com os braços pendurados, enquanto ele a tocava suavemente, passando a boca em seu pescoço, fazendo-a tremer.

— Malik... — sussurrava Sorrel, ofegante, sem conseguir evitar, imaginando se seu tremor ultrapassaria os parâmetros do comportamento que ele parecia ter estabelecido.

Malik a puxou para seus braços e começou a beijá-la, e Sorrel fez tudo para não gritar de puro deleite. É somente um beijo, dizia ela, a si mesma. Mas dava a sensação de ser muito mais. Um doce aperto surgia no coração, enquanto ele cobria sua boca com a dele. Num minuto, o beijo era ansioso e ávido, e, quando as labaredas subiam, ele abrandava, dando a sensação de uma exploração no limite do suportável.

E, de repente, ela já não se importava quanto ao que era ou não adequado em seu comportamento, pois o beijo acendera uma paixão que ela havia ocultado por anos a fio. Sorrel ergueu os braços e os enroscou ao redor do pescoço de Malik, ouvindo seu gemido em resposta, enquanto se apertava junto a ele, que logo depois afastou a boca.

Os olhos dele estavam ardentes e negros e sua respiração estava irregular. Malik inalou o ar com força, dizendo a si mesmo que precisava recuperar o controle. O acordo era que ele a ensinaria sobre a arte de fazer amor e as melhores lições eram sobre as preliminares. Sobre desfrutar cada novo prazer ao longo do caminho em vez de saciar o apetite imediatamente. Ele não a repreendera por ser gananciosa? Engolindo o instinto de possuí-la, Malik foi até o ouvido dela.

— Eu quero tirar o seu vestido — rosnou ele.

— Então, ti... tire — disse ela, trêmula.

Na verdade, ele queria rasgar o maldito vestido e arrancá-lo de seu corpo, mas se não levasse as coisas com calma se perderia e Malik jamais se perdia. Precisava demonstrar autocontrole, para provar a si mesmo, assim como para Sorrel, que estava no comando.

Ele levou a mão à lateral do vestido dela e abriu o zíper, lentamente e, apesar da sensação maravilhosa de fantasia ao passar os dedos sobre a curva de sua cintura, ela sentiu que algo havia mudado. Agora aquilo parecia tão... tão... casual, enquanto os beijos frenéticos pareciam mais...

Mais o quê?

Mais como se realmente significassem alguma coisa para ele? Oh, Sorrel, não se deixe persuadir rumo ao mundo da fantasia, disse ela, a si mesma, silenciosamente.

— Deixe-me vê-la — pediu ele.

Mal havia terminado de abrir o vestido e o estava tirando por cima da cabeça dela, como se despisse mulheres todos os dias da semana, depois o colocou de lado e deu um passo atrás, para olhá-la, como alguém numa galeria de arte, que estuda uma pintura.

O instinto de Sorrel foi o de corar e passar os braços protetores ao redor de si mesma, mas algo nos olhos negros a impediram.

— Não. Você não pode ser envergonhada com seu amante — disse ele. Pois a timidez não tem lugar no quarto. Nem fora dele. — Os olhos dele cintilavam.

— Agora afaste as mãos, Sorrel, e deixe-me vê-la direito.

Atendendo ao que Malik pediu, ela afastou as mãos, como se fosse uma marionete e ficou diante dele, lembrando uma pintura que vira antes, no palácio de Kumush Ay, de uma escrava sexual diante de seu amado sheik. *Seria essa a aparência que deveria ter?* — pensou ela. *De uma escrava ávida por satisfazer todos os seus desejos?*

Ao ver seu rosto, ela encontrou uma expressão indecifrável, mas continuou ali, enquanto os olhos negros a varriam, com seu sutiã de renda combinando com a calcinha, e ele deu um sorriso severo.

— Vá ver lá dentro do quarto de vestir.

— O que devo procurar?

— Você verá.

A timidez não tem lugar no quarto, Sorrel lembrou a si mesma das palavras e se virou, indo em direção ao quarto de vestir, sentindo o olhar negro a queimando, como se emanasse fogo.

Malik a observou, se deleitando com cada movimento de suas nádegas dentro da calcinha de algodão, e da forma contida como ela caminhava, apesar do que ele a pedira. Se tivesse duvidado de sua inocência, todo o seu comportamento desde que entraram na suíte confirmaria o de uma mulher não habituada a homens.

Ela não voltou logo. Mas quando voltou Sorrel tinha uma expressão que ele jamais vira no rosto de uma mulher. De alguém que acabara de descobrir seu poder sexual. Um despertar de sensualidade. Ela havia passado no primeiro teste, fazendo exatamente como ele esperava que fizesse, pensou Malik, satisfeito.

— Eu imagino que você queria que eu vestisse isso? — perguntou ela.

— Oh, sim — concordou ele, depois engoliu em seco. — Sim, é verdade.

No lugar das peças de algodão, Sorrel vestia sua lingerie francesa que Malik havia encomendado, da mesma cor do vestido que ela usara no jantar. Mas o vermelho não simbolizava a coragem e a fertilidade das quais ela havia falado. Não. Na verdade, tinham um sentido mais ocidental, uma cor que tinha tudo a ver com a luxúria. Seus seios transbordavam sobre a renda delicada e a calcinha cavada fazia suas coxas parecerem mais longas do que nunca. Malik se sentiu tonto de desejo.

Era como se ele nunca tivesse visto uma mulher vestida, ou melhor, *quase despida*, de uma forma tão provocante assim. E talvez isso fosse verdade. Suas amantes já haviam se despido para ele muitas vezes, mas nunca houvera essa sensação nova, inexplorada.

Somente para meus olhos, pensou ele, com uma forte sensação de posse.

— Venha até mim — disse ele, com a voz embargada.

Sorrel obedeceu, vendo que era impossível fazer qualquer outra coisa a não ser rebolar naquele par de saltos vermelhos altíssimos, que a faziam se sentir como se estivesse sobre pernas de pau. *Isso é uma loucura*, disse ela a si mesma, porém uma excitação deliciosa a tomou, ao ver a expressão de admiração nos olhos dele. E daí que era loucura? *Por que você simplesmente não faz o mais sensato e aproveita?*

— Assim? — ela foi sensualmente em direção a ele.

— Sim — respondeu Malik, ofegante. — Isso mesmo.

Mas ele via a mistura de sensações que lhe estampava o rosto, a incerteza e apreensão, e subitamente foi tomado por uma onda de dúvida. Ele estaria errado ao fazer isso? Pegando a doce e inocente Sorrel para esses jogos sensuais? Ele a estaria corrompendo, em lugar de ensinar-lhe como deleitar um homem e a si mesma simultaneamente? Sabendo que isso poderia não levar a lugar algum? Sorrel chegou até Malik e deu um sorriso, jogando os cabelos louros e sedosos sobre os ombros.

— Então, aqui estou eu — sussurrou ela. Naquele instante, ela pareceu tão doce que a dúvida ameaçou sufocá-lo. Até que ele lembrou a si mesmo que se não fizesse isso outro o faria... Uma pontada de ciúme invadiu a consciência. *Porque se não a tivesse, outro teria!* Malik a pegou nos braços, numa demonstração de força e domínio, e a carregou até a cama. Sorrel fechou os olhos. Isso realmente se assemelhava à fantasia, os sonhos de milhares de garotas, mas a maioria dos sonhos terminava na porta do quarto e agora o pânico entrava em cena.

Ela estava prestes a perder a virgindade da forma mais casual possível, para um homem que sempre amara, mas jamais poderia retribuir seu amor.

E de repente, sentiu a maciez do colchão quando ele a soltou, Sorrel o olhou e tocou seu rosto com as pontas dos dedos, mas se perguntou se a ternura estaria fora de cogitação, já que o viu recuar. — Vai... doer? — ela perguntou. E Malik deu um pequeno gemido, reconhecendo a confiança implícita na pergunta. A mesma confiança com a qual ela deixara que ele a colocasse sobre o garanhão mais irascível do palácio, dizendo que a única forma de se livrar do medo era superá-lo.

Mas aquela mulher, deitada em sua cama, era uma Sorrel diferente, não a linda garotinha que fora sua protegida durante todos esses anos. Aquela era uma Sorrel crescida que estava firmemente decidida a perder a virgindade. Ele procurou se livrar das lembranças do passado e se concentrou no glorioso presente, em todas as curvas da pele clara acentuada pela tenda vermelha e inclinou a cabeça para beijar o mamilo por baixo do sutiã.

— Não — respondeu ele, provocando a pele sensível com os dentes — não vai doer.

Sorrel estremeceu com uma onda de êxtase que quase doeu.

— Mas eu pensei...

Ele sentiu a tensão aumentar em seu próprio corpo.

— Então, não pense — disse Malik, com a voz rouca ao reconhecer o quanto isso seria difícil. — pensar destrói o prazer, Sorrel, apenas sinta.

Sorrel recostou a cabeça no travesseiro enquanto procurava se concentrar nas ondas de prazer do tom de alerta da voz dele, que ecoava ao redor e por dentro de sua cabeça, impossível de esquecer. Seria porque pensar levava a querer fazer perguntas que a deixariam louca, se fossem respondidas honestamente?

Mas nada acabava sendo da forma como se pensa. Em sua inocência, Sorrel pensara que perder a virgindade para Malik seria algo terno, sob a noite perfumada pelas laranjeiras de Madri. Mas a realidade da noite era diferente. Ele nem sequer a despiu. Bem, não totalmente. Só levou as mãos à parte de trás de seu sutiã vermelho e lentamente o tirou, arremessando-o ao chão, como se fosse um trapo.

Ele deu um suspiro longo, quando seus seios se revelaram, dizendo algo suave, uma palavra que ela julgou ser em kharastani, mas nunca ouvira antes.

— O que quer dizer isso? — sussurrou Sorrel tentando esquecer que estava ali deitada sem nada, exceto a calcinha vermelha.

Mas Malik sacudiu a cabeça, passando a *língua* nos lábios secos, tragando a beleza rosada de seus mamilos.

— É uma palavra que uma mulher jamais deve usar — disse ele, circulando um dos mamilos com a ponta do dedo e indo de encontro ao seu olhar interrogativo. — Significa que você está pronta a ser guiada pelos muitos caminhos que levam ao prazer — disse ele, com um ar de promessa. — Pronta para ser amada.

Sorrel fechou os olhos para esconder o súbito temor que sentia. Malik quis dizer *fazer* amor, disse ela a si mesma, veementemente.

— Por que está franzindo o rosto. Sorrel? — perguntou ele, baixinho.

Ela abriu os olhos e pensou no quanto deveria lhe contar. O quanto deveria uma mulher expor de si mesma? Pois, subitamente, a idéia de deixar as emoções à vista para ele pareceu mais reveladora do que seus seios nus.

— Não sei o que fazer — disse ela, com honestidade.

Ele acenou a cabeça, satisfeito.

— Mas é exatamente assim que deve ser. Não espero que saiba. É natural que um homem tenha habilidades superiores e ensine à mulher tudo o que sabe. — Um sorriso lento estampou seus lábios. — E, francamente, é um alívio ter uma mulher que não comece demonstrar todo o seu repertório sexual para me pressionar.

Sorrel achou que aquilo não foi a coisa mais diplomática a se dizer num momento como aquele, mas a mulher dentro dela ficou curiosa.

— Então, é isso que elas fazem?

— Agora que me tornei um sheik acontece mais ainda — admitiu Malik. — Pois acham que os homens podem ser fígados apenas pela experiência sexual.

— E não podem?

Ele afastou uma mecha de cabelo de sua pele clara, junto ao rosto. Como Sorrel era inocente!

— Claro que não. Malandragem sexual é como brincar com comida, acaba estragando. Por outro lado, a simplicidade tem seu charme próprio. — Agora foi a vez dele de franzir o rosto. Afinal, o que estava fazendo, falando com ela sobre tais coisas? Isso não seria intimidade demais? Principalmente numa hora como aquela? Pois essa era Sorrel e ela o conhecia mais do que qualquer outra pessoa. E isso significava que poderia ter poder sobre ele?

Nunca!

Malik voltou a acariciar seu seio, mas agora estava decidido a demonstrar a habilidade com a qual ela estava lidando. Os dedos dele a excitavam, provocavam, acariciavam, e sua boca fazia o mesmo. Ele traçava linhas por seu rosto, pálpebras, a ponta do nariz, alinha do queixo, de um jeito que Sorrel relaxou, imergindo num mundo onde tudo era sensação. E, através daquele transe, ela pressentia que algo maravilhoso estava por vir.

O calor começou a invadi-la, conforme o ritmo do coração aumentava, e seus braços enlaçaram o pescoço de Malik, enquanto ele lhe beijava a boca suavemente.

— Malik! — arfou ela.

Ele pôde sentir o aumento da tensão no corpo dela e sorriu ao deslizar a mão até o meio de suas coxas começando a acariciá-la sobre a calcinha, sentindo começar a...

— O que foi?

Sorrel queria perguntar se era possível estar sentindo como... como...

— Algo está... Os olhos dela se arregalaram enquanto as ondas aumentavam. — Algo está...

Ele a observava como se fosse um falcão alçando seu primeiro vôo, pois ali, o instinto era tudo.

— Não pense — disse Malik, deleitando-se com a umidade do prazer em seus dedos. — Apenas sinta.

Sorrel fez como ele dizia, embora não parecesse haver outra alternativa, pois, a essa altura, as ondas da sensação de prazer dominavam tudo, levando-a a um lugar quase inimaginável.

— Oh, Malik! — ela chorou, ao chegar lá.— Malik, Malik, Malik!

— O que foi? — provocou ele, instintivamente rindo diante de seu deleite óbvio.

Por um instante, toda a inibição a deixou, e ela olhou o rosto do homem que dominara sua vida desde a primeira vez em que o vira e seu coração se entregou.

— Eu amo... — Ela viu os olhos negros se estreitarem e todo o riso ir embora. Bem na hora, Sorrel sentiu seu recuo gélido, e transformou a frase num testemunho sexual radiante. — Eu amo isso — disse ela triunfante, percebendo que, naquele momento, não parecia nem um pouco com ela mesma.

CAPÍTULO OITO

No ENTANTO, quem era Sorrel?

Seria ela a mulher que estava recebendo uma educação sexual exclusiva, sendo levada ao orgasmo delirante todas as noites, por um sheik taciturno, de olhos negros? A mulher que continha as palavras que sabia que ele jamais desejaria ouvir, ao menos não dela, e as transformava em suspiros de satisfação?

Ou essa era apenas uma Sorrel temporária, que estava descobrindo o prazer sexual pela primeira vez como alguém que morasse em outro planeta que tivesse a chance de experimentar chocolate pela primeira vez?

Mas o presente não a incomodava tanto quanta aquilo que estava por vir. Pois quando tivesse terminado e, um dia, inevitavelmente, seria ela capaz de se afastar sem qualquer receio, como num estalar de dedos?

Ela nem suportava pensar nisso.

— Sorrel!

Apenas o som da voz de Malik fazia seu coração disparar, como sempre fizera, mas ela recompôs o rosto, tentando demonstrar calma.

Agora os dois estavam em Paris, a última escala da viagem, e ela começava a ler os jornais, alguns noticiários franceses, outros de periódicos internacionais. O sheik havia sido bem recebido, pensava ela, deixando seus próprios sentimentos de lado diante do som de seus passos.

— Estou aqui dentro!

Malik surgiu antes que ela tivesse tempo de arrumar os cabelos, parando na soleira da porta da suíte com seus olhos cintilantes, o rosto severo. Era um lindo dia parisiense e o clima estava glorioso, porém Sorrel achou que podiam estar em qualquer lugar, pelo pouco que viam das cidades por onde passavam.

Eles foram levados de um lugar para outro, passando de um hotel para uma embaixada, em limusine de vidro escuro, impedindo toda a luz natural. Portanto, mesmo que porventura ocorresse, como ontem, de passarem pela Champs-Élysées, seria como ver num cartão-postal.

Eles estavam desconectados do resto do mundo e da realidade, de diversas maneiras. Às vezes, a experiência toda dava a Sorrel a

sensação de que ela havia entrado num sonho por engano, principalmente agora, que a seda dourada da túnica dele aderira-lhe ao corpo que ela ainda estava por descobrir.

Sorrel se arrepiou diante da expressão de seus olhos.

— Você deseja... algo?

— Eu quero você — respondeu Malik, baixinho. Oh, e ela também o queria muito e, sem dúvida, ele sabia disso. Assim como também esperava que Sorte! deixasse tudo de lado para se apressar até ele. Direto aos seus braços. Para erguer avidamente seu rosto de encontro ao dele por um beijo e tremer de expectativa pelo prazer garantido. Em parte, ela queria fazer exatamente isso, mas o orgulho a fez manter seu território e enfrentar a questão que ardia em sua mente, sempre que Malik não estava presente para apagar tudo com seus beijos.

Quanto tempo mais levaria até que ela perdesse totalmente a identidade como pessoa, tornando-se exclusivamente um brinquedo de Malik, que ele pudesse pegar e largar, sempre que quisesse? Ao menos quando ela estava ocupada ajudando nas providências da viagem, isso a fazia sentir como a *antiga* Sorrel. Aquela que existia antes de colocar seus sentimentos em espera, enquanto o sheik de olhos negros se deleitava em mostrar as inúmeras formas de dar prazer a uma mulher...

— Bem, aqui estou — disse ela. Pois o papel de assistente combinava muito mais com ela do que o papel de amante. — Eu estava ocupada com esse itinerário. — Ela deixou os papéis na mesa onde estava.

— Fale para Fariq resolver isso — retrucou ele, insolente.

A voz dela tinha um tom de teimosia.

— Prefiro eu mesma lidar com isso.

Ele caminhou até o lugar onde Sorrel estava e colocou as mãos em seus ombros, curvando-se para passar os lábios em seu pescoço nu.

— Mas eu não quero que você lide com isso. Seu lugar é comigo. Fazendo o que eu quero que faça. Para experimentar o prazer em meus braços. Sabe disso, não sabe, Sorrel?

Ah, sim, ela sabia. Aprendera em seus lábios e seus braços. Ela fechou os olhos rapidamente, deitando que o calor dos lábios dele a convencesse da promessa do que vinha adiante. O *que será hoje?* — pensou ela. Em que zona erógena ele iria se concentrar, demonstrando seu poder e habilidade de levá-la silenciosamente a orgasmos repetidos e ofegantes, enquanto se mantinha física e emocionalmente distante dela?

A distância emocional não a surpreendia, pois não esperava nada além disso de Malik. Mas a outra distância, sim, essa a chocava profundamente, e a fazia imaginar se haveria algo de errado com ela. Algo a seu respeito que não o satisfizesse, pois mesmo com todos os ensinamentos sexuais ela ainda permanecia virgem. Mo começo, Sorrel

achou que ele estivesse agindo por considerar seus sentimentos, imaginando que ela receasse por ter 25 anos e ainda ser virgem. Mas ela não estava com medo, estava na expectativa de que Malik fizesse amor com ela, no sentindo pleno. No entanto, ele não fazia.

Ele lhe dava prazer com as mãos e a boca, a língua, depois beijava seus cabelos e abrigava seu corpo trêmulo junto ao dele até aquietar-se dentro da força dos seus braços. E quando Sorrel estava totalmente satisfeita, ele lançava um olhar faiscante e deixava o quarto bruscamente, deixando-a saciada, porém ansiosa. Querendo mais, sem saber por que ele não lhe dava. Nem pedia mais. *Seria algo sobre o controle?* Já que tudo na vida dele tinha a ver com controle?

Bem, ela certamente não iria implorar. Ela abriu os olhos e levantou da escrivaninha, lentamente, olhando para ele.

— Seu irmão ligou — disse ela.

— Meu irmão? — Houve uma pausa. — Quer dizer, meu meio-irmão — corrigiu ele, friamente. — Qual deles?

Qual deles ele imaginava?

— O que vive em Paris, Malik — respondeu ela carinhosamente. — Xavier.

Malik não reagiu, mas foi até a janela olhara vista da cidade, estreitando os olhos diante da claridade do dia, mas mantendo a linguagem corporal neutra.

Ele tinha dois meio-irmãos mais novos, Xavier que era francês, e Giovanni, que era italiano. Um pai os unia, mas as mães eram diferentes. Era uma história complicada, que às vezes Malik preferia esquecer.

Até dois anos antes, pensava ser órfão e ter tido sorte o bastante para ganhar um emprego no palácio, sob a proteção real de Kharastan. Mas o falecido sheik fizera revelações explosivas antes de sua morte: Malik não era somente seu filho, era também o herdeiro do trono de Kharastan, além de possuir dois meio-irmãos.

No final, Malik acabou achando que ganhar o reino era mais fácil do que assumir uma família instantaneamente. Ela fora o braço direito do sheik por muitos anos e, provavelmente, sabia mais sobre Kharastan do que qualquer outra pessoa. Além disso, era primeira mão, a forma como deveria governar.

A questão dos irmãos era outra. Tanto Xavier quanto Giovanni eram mais jovens. Portanto, não houvera qualquer questionamento quanto a herança do trono. Mesmo que fossem mais velhos, estava escrito na constituição do reino que apenas um homem de puro sangue Kharastani poderia assumir o reinado.

A discórdia entre os três esteve presente, mas, para seu alívio, se dissipara. Entretanto, Malik resistira às ofertas de Xavier e Giovanni

para visitá-los, e "se conhecerem" . Ele não precisava de uma família. Nem queria uma.

Em seu papel solitário na corte, Malik viu que a vida se complica quando envolve outras pessoas. Eram os relacionamentos que faziam brotar a inquietude e a disputa. Os relacionamentos o deixam vulnerável, exposto à dor.

Se Malik não fosse rei, talvez pudesse se contentar com a vida solitária, como sempre fora e com a qual aprendera a lidar. Mas tal escolha não estava em seu destino. Ele não podia se dar ao luxo dessa opção. Um dia teria de se casar e gerar um herdeiro, mas até que esse fardo pesado recaísse sobre seus ombros, não perderia tempo pensando nisso.

Ele se virou da janela, pensando em como Sorrel estava magnífica naquele dia, com os cabelos claros caindo sobre os ombros, da forma como ele gostava, vestida com um vestido longo de seda, acentuando a curva de seus quadris, de forma que lembrava uma deusa grega. Malik sentiu a garganta se contrair de desejo, mas viu que Sorrel o olhava com um ar interrogativo. Ele suspirou.

— E o que Xavier queria?

Será que ele está se fazendo de sonso?, pensou Sorrel. Ela inclinou a cabeça para o lado e colocou um dedo no rosto.

— Vamos pensar — disse ela. — Xavier vive em Paris, onde, por acaso, você está. Alguma idéia do que ele possa querer, ou devemos ligar para o responsável pela logística no palácio?

Os olhos negros se estreitaram.

— Você está tentando ser engraçada?

— Achei que você estava. — Sorrel pensou em como os olhos dele pareciam proibitivos e agora a boca se contraía. Mas se recusava a ser intimidada por um homem que conhecera por toda a vida, independentemente do quanto isso fosse conveniente para ele. Sabia muito bem que ele preferia evitar assuntos como aquele, e, por se importar com ele, não permitiria. — Malik, é bem óbvio que Xavier e Laura queiram encontrá-lo, já que você está em Paris! Vocês não se vêem desde a festa de Giovanni.

Ele não precisava dela para lhe dizer quando fora a última vez que vira o irmão!

— Não acho que haja tempo suficiente — resmungou Malik.

— Oh, há tempo, sim. — disse Sorrel, de maneira delicada, apontando para a agenda. — A recepção com o ministro de Relações Exteriores termina cedo. Você pode tranquilamente jantar. — Ela suspirou, ao ver que a contração de seu maxilar não relaxou nem um pouquinho. — Olhe, Malik, nós dois sabemos como é perder a família, mas, pelo menos, você descobriu uma família nova! Por que não aproveita essa chance para conhecer Xavier um pouco melhor?

Ela ficou ali em pé, à vontade, dizendo-lhe calmamente o que fazer, e isso fez com que Malik sentisse uma dor terrível ao pensar em outra vida, com a qual não poderia lidar. Onde mulheres davam sugestões de modo a manter a paz e atuavam nos bastidores para aproximar irmãos distantes.

— Você quer parar de tentar fabricar uma situação que coincide com a sua idéia de famílias felizes? — estrilou ele.

— Eu não estava fazendo isso!

Os olhos escuros assumiram um ar de desdém.

— Ou talvez você esteja pensando em sermos apresentados como um casal? Ganhando a aprovação da minha família antes de me persuadir a contar ao resto do mundo que estamos juntos? É esse o seu plano?

Foi uma acusação tão absurda que, por um instante Sorrel pensou que Malik estivesse brincando. Mas, ao ver a expressão sombria em seu rosto, ela percebeu que ele não estava.

— Como se atreve a dizer algo assim, Malik? Isso nem passou pela minha cabeça!

— Porque não somos um casal! — disse ele. — Você sabe e eu sei, e, além disso, jamais poderemos ser!

— É claro que sei disso! — Isso era óbvio pela forma como ele a vinha escondendo e... e... A respiração dela vinha em arfadas de ar. — Você deixou isso perfeitamente claro!

O conflito disparou o coração dele e fez sua pele se arrepiar, o rubor do desejo surgiu em seu rosto. Não era estranho, pensou ele, como a desarmonia podia acelerar o desejo? A raiva era como um trampolim para a paixão. Por isso, o sexo ao fazer as pazes era o melhor de todos.

A evolução de seus pensamentos foi contemplada com o pulsar de sua ereção, junto à coxa, porém como sempre, a evidência física de seu desejo o lembrava que aquele caso era diferente de qualquer outro. Ele o fizera diferente, simplesmente por ser Sorrel. Ele vinha se segurando, se contendo, até achar que ia enlouquecer, mas imaginava por quanto tempo mais conseguiria negar aquilo tudo.

— Venha até aqui — disse ele, suavemente.

— Não — respondeu ela, insolente, mas seu coração estava disparado. — Você acha que pode falar comigo como se eu fosse uma idiota, depois estalar os dedos e eu virei correndo?

Era exatamente isso o que ele pensava. Bem, não que ela fosse uma idiota, mas o restante, com certeza. Mas Malik achou que aquilo não fosse a coisa mais diplomática a se dizer.

— Você não sabe o quanto eu gosto quando você se opõe a mim? — murmurou ele. — Não sabe o quanto isso me excita?

Colocando uma mecha de cabelo atrás da orelha, Sorrel olhou para ele. Ele havia tecido uma trama tão complicada que ela já não tinha certeza de nada. *Então pergunte a ele.*

— Malik...

Ele ouviu o tom de apreensão em sua voz, algo que habitualmente lhe seria familiar, mas jamais convivera de forma tão próxima com alguém do sexo oposto. Estava acostumado a lidar com mulheres que reagiam de forma receptiva, perfumadas e prontas para o amor. Mas, no instante em que se deixara uma mulher entrar em sua vida, se tornara ciente de seus humores, de sua visão irreal da vida.

— Venha até mim — ordenou ele, baixinho, e dessa vez Sorrel foi para os braços dele, com seu corpo delgado, se encaixando ao dele de forma perfeita. Sem ser visto, Malik fechou os olhos junto aos seus cabelos dourados, respirando o aroma sutil que ela exalava, antes de baixar a cabeça e olhar para ela, com uma expressão austera nos olhos. — Agora me diga, o que está te perturbando?

— Você. — De forma audaciosa, Sorrel levou as mãos ao rosto dele. — Você está me deixando louca com perguntas sobre como... — Ela hesitou, depois tomou coragem para falar. — Porque não quer fazer amor comigo.

Malik traçou uma linha provocadora com o dedo, ao longo de seus seios.

— Não é isso que venho fazendo na última semana?

Certamente parecia loucura se sentir envergonhada ao falar de sexo quando estivera suspirando sob a maestria de seus dedos e lábios em todas as grandes cidades da Europa. Pois naqueles momentos ela não se sentira envergonhada, não é? No entanto, se deixar levar no calor dos momentos era bem mais fácil do que confrontar as questões na luz fria do dia, cora um homem que sempre fugia de qualquer coisa que lembrasse sentimentos.

— Eu quis dizer, da maneira certa — sussurrou ela, com o rubor começando a queimar seu rosto.

— Ah! — Ele passou a mão em seus cabelos, pensando que a pergunta o fizera lembrar de uma borboleta aprendendo a voar. Ele via sua confiança crescendo a cada dia, mas aquele rubor era da mais profunda inocência e aquilo lhe tocou o fundo da consciência, e ainda o preocupava.

Será que ele pensava em acordar numa bela manhã e ver que seus temores quanto a ela haviam desaparecido? Que seria capaz de possuí-la, de entrar até seu âmago? E depois? A deixaria de lado para seguirem busca de uma noiva kharastani?

Seria ele capaz de tirar sua virgindade mesmo a esse preço? Essa não era a forma de tratar mulher alguma, principalmente Sorrel. Não depois de tudo o que representavam um ao outro.

No entanto, a alternativa era entregá-la para um outro homem!

A boca de Malik se contraiu. *Jamais!* Seu destino real lhe chegara tarde, mas agora ele já tinha dois anos de reinado e aquilo inevitavelmente o influenciara. Ele tinha por Sorrel uma avidez que superava qualquer coisa que já experimentara. Mas sabia que não podia deixar que o sentimentalismo interferisse em seu bom senso.

Como rei, ele estava acima das regras dos homens comuns e isso era um fato, não arrogância. Naquele momento, ele não conseguia ver uma saída para o dilema que se apossara dele, mas até encontrar uma, Sorrel estaria em seus planos, conforme seus desejos. Ela não o questionaria, mas teria de ser grata por ele se dispor a ensiná-la!

— Você não deve questionar meu julgamento, nem meu comportamento — disse ele, friamente. — Jamais. Pois eu sou o sheik, cuja palavra não deve ser questionada!

Talvez, quanto a quem ele era, mas ela sabia um pouquinho mais sobre as questões sentimentais do que seu rei de coração gélido. Sorrel respirou fundo.

— Muito bem, não irei contestar nossa vida sexual outra vez, e me curvarei diante de sua superioridade no assunto. — Os olhos azuis faiscavam. — Mas eu estarei falhando se permitir que tome uma atitude que possa ser prejudicial ao trono — argumentou ela.

— O que quer dizer, exatamente? — estrilou ele. — Apenas que acho muito ruim não encontrar seu irmão durante sua estada aqui. Se não o fizer pelo sentimento de amor, então faça ao menos pelo senso de dever. Imagine que se os jornais descobrirem que você o evitou, irão transformar o fato num estardalhaço. Você sabe, vai ser aquele tipo de coisa: *A rivalidade do sheik ameaça a estabilidade de Kharastan. A história completa dos motivos de Malik para esnobar seu meio-irmão!*

Por um instante, ele chegou a ameaçar um sorriso mas logo o apagou e a encarou.

Como ela se atrevia a dizer isso? Para ele?

— Você não é nada além de uma manipuladora — disse Malik.

— Ou uma boa mediadora? — respondeu Sorrel sentindo que, sim, ela estava fazendo a coisa certa mas era mais isso. Estava tirando um pouquinho do controle de Malik, pois certamente não podia fazer bem a ele ter tudo exatamente como queria.

Os olhos de Malik se estreitaram. Talvez ela tivesse razão. Depois de sua escalada meteórica rumo ao poder, a mídia ainda estava se empenhando em saber tudo a seu respeito, querendo criar algum escândalo do nada.

— Muito bem, eu verei meu irmão — concordou ele. — Tome as providências de segurança e nos reserve uma mesa para jantar.

Sorrel concordou e pegou o telefone, falando rapidamente, ciente de que Malik caminhara até a porta que ligava a suíte ao corredor,

certificando-se de que estivesse trancada, antes de voltar caminhando lentamente em sua direção, com os olhos negros cintilando.

— Agora me beije — ordenou ele, suavemente. Os lábios dela estavam secos e Malik não teve que pedir pela segunda vez, pois ela estava faminta por ele e seu triunfo quanto à questão do irmão a encheu de coragem. Se ela podia ser influente nas questões de Estado, então, por que estava sendo tão passiva quando ele vinha fazer amor com ela?

Ela ficava cada vez mais frustrada emocionalmente por esses encontros unilaterais. Malik parecia saber exatamente quais botões sensuais acionar e Sorrel simplesmente reagia como se tivesse sido programada para fazê-lo. Mas o tempo todo ele se mantinha distante, desconectado.

Talvez ele tivesse algum tipo de prazer perverso em apenas observá-la chegando ao clímax, para depois se afastar. Quase como se fosse um observador do ato, em vez de participante.

E talvez essa fosse a melhor coisa, dizia uma voz em sua cabeça.

Por que você o ama, não ama, Sorrel?

Você o ama, e ele não sente a mesma coisa, jamais sentirá e talvez esteja lhe fazendo um favor ao se manter frio emocional e fisicamente. Ao menos, não está nutrindo falsas esperanças. *Maldito*, pensou ela, ao enlaçar seu pescoço, conforme ele a pegava pela cintura. A essa altura, Sorrel geralmente suspirava e deixava que ele a beijasse sem parar, até que não houvesse outra alternativa a não ser ceder.

Por que sempre deixava que Malik assumisse o controle? Bem, havia uma alternativa! Sim, ela chegara a ele sem qualquer conhecimento, mas certamente iria depor contra o professor se sua pupila nunca tomasse nenhuma iniciativa.

Sorrel embrenhou os dedos nos cachos negros dos cabelos de Malik e ergueu o rosto em sua direção. Os lábios dela foram de encontro aos dele lentamente se aprofundando num beijo ardente, enquanto encostava os quadris junto a ele, num movimento que vira as dançarinas da corte fazendo. Não era o movimento mais sutil, mas funcionou, pois ela sentiu a rigidez de Malik, que se retesou, agarrando-a firmemente pela cintura.

— O que pensa que está fazendo? — perguntou ele.

Ela se esfregava nele feito uma gata, as mãos descendo por suas costas, massageando os músculos contraídos, pegando nele como queria fazer havia muito tempo, sem jamais ter se atrevido a tal.

— Acho que você sabe a resposta!

— Pare com isso, Sorrel — gemeu Malik, fechando os olhos, enquanto ela assumia o controle total empurrando-o para baixo, sobre

as almofadas do chão, como se ele fosse seu prisioneiro. — Oh, por favor... pare.

— Você sabe que não quer isso — murmurou ela levando as mãos por baixo da túnica e desamarrando a calça que todos os nobres kharastani vestiam. Os movimentos dela eram precisos, pois não queria dar nem um segundo para que ele a impedisse.

Malik lhe ensinara muito, que seu corpo havia sido feito para ter prazer e que um homem e uma mulher podiam ter o céu na terra, juntos.

Como era fácil tocá-lo e fazê-lo gemer! Não apenas porque ele demonstrara tanta consideração por ela, mas porque Sorrel queria satisfazê-lo como ele fizera com ela, tantas vezes.

Queria dizer o quanto o queria, como fazia parte de sua vida e de seu coração, mas, em vez disso, se comentava em beijá-lo e acariciá-lo, esperando ocultar suas dúvidas crescentes, enquanto tirava-lhe as calças. Mas que visão provocante a imagem dele totalmente excitado! Magnífica!

— Sorrel — suspirou Malik, deitado, quase sem ação, mais fraco do que jamais se sentira. Não era a primeira vez que uma mulher o provocava com a boca, nem a primeira vez que era tocado por mãos de fada, mas ele geralmente mantinha os olhos fechados, pois a fantasia sempre superava a realidade. Daquela vez Malik não os fechou.

Ele viu o movimento da cabeça de Sorrel, e os cabelos louros espalhados como seda, sobre as coxas dele e sentiu que ia chegar ao clímax. Considerando que ela nunca tivera feito aquilo antes, ele não conseguia se lembrar de jamais ter se sentido tão... tão...

Depois, Malik ergueu a cabeça dela, e ver sua imagem maravilhada pelo que fizera quase o arrebatou como o ato em si. O sorriso dela era quase tímido, contrastando eroticamente com a mágica que acabara de fazer com ele.

Sinos de alerta começaram a tocar em sua cabeça, enquanto Sorrel se inclinava à frente para beijá-lo na boca, e ele gemeu, pois sentia seu próprio gostonela, e subitamente sentiu que a intimidade havia ido longe demais.

— Sorrel... — gemeu ele.

Endurecendo o próprio coração contra o desejo poderoso de mergulhar nele, ela se levantou, graciosamente, e seguiu em direção ao banheiro, antes que Malik percebesse o que estava acontecendo e pudesse seduzi-la a ficar.

Deixe que ele veja como é, pensou Sorrel, ao deixar escorrer a água fria da torneira sobre os punhos.

CAPÍTULO NOVE

O RESTAURANTE ficava no topo de um edifício alto, encimado ao lado do rio Sena, e tinha um corredor repleto de flores e fotografias de políticos e astros do cinema que já haviam jantado ali. Havia mais fotos dentro do elevador que os levou ao sexto andar.

— Você parece pequeno em comparação cora ele — falou Sorrel, ao passar pela foto de um ex-presidente com o dono do restaurante.

Não houve qualquer expressão no rosto de Malik.

— Muito engraçado — disse ele, suavemente, inibido pela presença dos guarda-costas. Se não fosse isso, ele a teria beijado. Ou algo assim. Ele não tinha certeza. Pela primeira vez na vida, Malik se sentia tonto e confuso. E zangado também. Será que aquela cena extraordinária no hotel teria sido uma demonstração da nova descoberta de Sorrel quanto ao seu poder sexual? — pensou ele. Ou de controle? Ela fizera um jogo sexual com ele!

Por que você brincou com ela?, provocava a voz da consciência.

As portas do elevador se abriram e o guarda-costas saiu primeiro, fazendo os procedimentos básicos de segurança. Malik aproveitou a chance para se inclinar até o ouvido de Sorrel.

— Pode apagar esse sorriso de triunfo de sua doce boquinha — disse ele, entre dentes. — Você pode ter se livrado durante o encontro com Xavier e a esposa mas eu não esqueci do que aconteceu mais cedo — De alguma forma, ele duvidava que conseguiria esquecer, mas isso não abrandava sua raiva. — E nós vamos discutir a respeito mais tarde. A sós.

As palavras dele estavam repletas de uma raiva sombria que fez com que o coração de Sorrel disparasse, mas ela manteve a leveza da voz.

— Você faz soar como uma ameaça, Malik.

Os olhos negros cintilaram diante do desafio silencioso.

— Faço? Certamente é uma interpretação sua — respondeu ele, e houve um ligeiro burburinho quando ele adentrou o restaurante, com Sorrel vindo logo atrás.

Será que havia feito algo de que se arrependeria pelo resto da vida?, pensou ela, enquanto o seguia. Estava jogando com um homem que gostava de estar no controle absoluto?

Ela via as cabeças virando, embora naquela noite Malik tivesse optado por vestir um de seus ternos bem talhados. Teoricamente, o vestuário ocidental o faria se misturar com as outras pessoas, mais do que com suas túnicas. Porém, de alguma forma, não aconteceu. Sua figura alta e imponente era arrebatadora, independentemente do que vestisse. Os cabelos negros e a pele morena, ainda mais. E a forma como ele se movia atravessando o salão dizia ao espectador mais distraído que se tratava de um homem de grande poder e autoridade.

Xavier e Laura já estavam sentados, mas se levantaram quando Malik chegou, e todos se cumprimentaram com a familiaridade que surgira das circunstâncias extraordinárias em que se conheceram.

Sorrel conhecera Xavier na primeira vez em que ele fora ao Palácio Azul, o primeiro dos três filhos a ser apresentado ao pai. Laura era a advogada inglesa que o acompanhava. Sorrel não o via havia muito tempo, e percebeu como Laura parecia cansada.

Ela se viu observando Xavier, comparando as semelhanças familiares, mas, na realidade, os dois eram bem diferentes. A pele de Malik era mais escura do que a de Xavier, mas ele tinha o sangue puro de Kharastan, e somente a alta estatura e os olhos negros revelavam a semelhança entre os dois.

Como se tivesse sido ontem, Sorrel lembrou de quando o casamento de Xavier e Laura foi anunciado para um país ávido pela continuidade de sua família real, e para um mundo que queria o inevitável glamour de um casamento da realeza.

O povo de Kharastan se alegrara com a união do francês com Laura, a moça dos cabelos da cor do sol poente, e muitos torceram para que os recém-casados fossem fazer seu lar ali.

Em vez disso, os dois voltaram à França nativa de Xavier, onde agora residiam, na região cosmopolita de Paris, embora estivessem construindo uma casa em Kardal, no mar de Balsora. Como Laura dissera, eles queriam manter laços com Kharastan.

— Por que você não veio até nosso apartamento em vez desse restaurante sofisticado, *mon frère*? — perguntou Xavier, com um sorriso radiante, olhando o ambiente formal. — Eu poderia ter preparado *moules*, e Laura poderia ter mostrado como ela está mestre em fazer *tarte aux pommes*. Ela está muito orgulhosa da dona de casa francesa na qual se transformou, não está, *chérie*?

— *Mais, bien sûr!* — disse Laura, com o sotaque cuidadoso e correto de alguém que aprendeu francês já adulto.

Como aquilo soava muito caseiro e aconchegante pensou Sorrel, incapaz de suprimir uma pequena pontada de inveja. Mas viu Malik franzindo ligeiramente o rosto, e pensou se a familiaridade de Xavier o estaria deixando inquieto. Será que seu reinado e a barreira glacial que erguera ao redor não permitiriam que ele se aproximasse sequer do irmão? *Ao menos não é só de mim que ele se mantém distante*, pensou ela, com amargura. Malik sacudiu os ombros se desculpando.

— Isso teria sido maravilhoso — disse ele, polido. — Mas, infelizmente, a minha segurança acabou escolhendo esse lugar.

— Só porque isso justifica seus salários e eles adoram o ritual do tapete vermelho sempre que você vai a algum lugar público — argumentou Sorrel, lançando seus olhos azuis a ele. Pois ela sabia, e ele também, que poderia ter superado essas objeções quando quisesse.

Houve um breve silêncio e Malik viu a troca de olhares entre Xavier e a esposa. Será que estavam surpresos que o sheik permitisse que uma assistente agisse de maneira tão íntima? Ele certamente não podia condená-los, se estivessem.

Como Sorrel se atrevia a expressar uma crítica como aquela, diante de sua equipe? Quem diabos ela pensava ser? Seria por isso que ela o seduzira absurdamente, mais cedo, indo contra seu julgamento, pensando que o sexo dava a uma mulher o poder sobre um homem, como Dalila, cortando os cabelos de Sansão? Ora, ela receberia uma bela lição de quem era o mestre!

Eles se entreolharam, enquanto o maitre se aproximava.

— Então, como é acompanhar Malik em sua viagem, Sorrel? — perguntou Laura, rompendo o silêncio desconfortável, e sacudindo a cabeça quando uma garrafa de champanhe lhe foi mostrada. — Não, obrigada, só água para mim. Ele é um homem fácil de se lidar?

Os lábios de Sorrel franziram, quando os olhares das duas se cruzaram, num instante de perfeito entendimento.

— O protocolo diz que não devo responder honestamente, diante do homem em questão — respondeu ela, fazendo Xavier e Laura rirem.

Por outro lado, Malik, não riu. Ele apenas recostou em sua cadeira olhando em silêncio, com uma expressão que a deixava cada vez mais desconfortável.

Bem, se ele pretendia que Sorrel ficasse muda, deveria tê-la dito de início!

— E como vai a vida em Kharastan? — pergunta Xavier, depois de comerem algumas ostras com vinagre de framboesa e as famosas trufas daquele restaurante.

Malik sorriu.

— O país continua a se desenvolver cultural e financeiramente — disse, pensativo. — Todos estão radiantes quanto ao novo campo de petróleo, mas há uma expedição arqueológica americana com a qual eu particularmente estou muito empolgado. Eles encontraram vasos e potes raros. Esperamos abrir um novo museu na entrada da região de exploração, mas primeiro, é claro, precisamos melhorar a estrada de acesso.

— Parece que você está trabalhando bastante afirmou Laura. — E como vai a vida com as mulheres agora? Alguma mudança significativa desde que estive lá?

O olhar de Malik pousou no rosto rosado de Sorrel ele sentiu uma pontada terrível de excitação ao lembrar onde ele estivera mais cedo. Surpreso, ele percebeu ser a primeira vez em sua vida que saía, numa ocasião como aquela, com familiares, acompanhado por uma mulher com quem estava sendo íntimo, ou quase íntimo.

Ele geralmente separava as coisas. As mulheres eram para o sexo, para relaxar. Eram para a diversão. Ele tentou imaginar, sem sucesso, alguma outra que o traria para uma ocasião como essa.

— Sorrel está mais qualificada a responder isso, do que eu — disse Malik.

Sorrel olhou em seus olhos, sabendo que, apesar da tensão que havia por baixo da superfície, ela o admirava profundamente como governante de seu país.

— Estamos iniciando as provas de direção para as mulheres — disse ela, suavemente. — O que já não sem tempo. Malik... bem, Malik lutou muito por isso, — Ele lançou um olhar de deboche ao elogio, pois ela falou com sinceridade e teve de conter uma onda de tristeza ao ver Xavier pousar a mão sobre a de Laura. Eles estavam tão apaixonados! — pensou Sorrel, sem medo de demonstrar.

Enquanto eles...

Não. Pare com isso, ela se corrigiu, porque era tudo uma fantasia. Não havia *eles* entre ela e Malik. Fez só ela. Ela. Ela era apaixonada por ele e sempre fora, e fora ela quem havia entrado arrogantemente naquela situação que ameaçava destruí-la. Como um gatinho desafiando um leão voraz, Sorrel lhe dissera que queria um amante e Malik julgara um blefe. Mas nada dera certo. Ora, nem eram amantes!

Ela desconfiava que Malik estivesse se contendo quanto ao sexo completo para que ela recuasse no acordo e mudasse de idéia, por ele, em parte, a querer para sempre como a doce e pura Sorrel.

Ele se continha com uma resistência determinada como jamais vira em ninguém. Mas agora ela provavelmente havia estragado tudo, ao seduzi-lo. Um homem tão orgulhoso e viril, agora com certeza se apropriaria do que julgava ser seu de direito. Ela podia decifrar isso em seu olhar inquieto. Aquela noite ela pretendia finalmente aceitar o desafio e fazer a com ela em toda a plenitude.

Mas, em vez de se sentir excitada e ávida para que isso acontecesse, por dentro os nervos a devoravam. Pois, no fundo, Sorrel desconfiava que a intimidade final pudesse significar o fim para eles. Uma vez que ela lhe desse isso, não haveria nada para dar. Sua virgindade estaria entregue. Seu relacionamento com Malik estaria terminado. Sua mística teria acabado e ela seria apenas mais uma amante em sua longa lista.

— Sorrel? — uma voz interrompeu os pensamentos.

— Hein? Oh, desculpe, Laura, eu estava longe.

— Assim como *les toilettes*. — Laura lançou um olhar interrogativo. — Vamos procurar juntas e dará esses homens uma chance de conversar?

Sorrel concordou, levantando, percebendo o olhar fulminante de Malik sobre ela, imaginando se o vestido longo e negro de seda que ela vestia estava de acordo com sua aprovação.

Olhares ao redor, assim como o de Malik, as acompanhavam enquanto atravessavam o restauram. Numa sala cheia de belas mulheres vestidas rica-mente, Sorrel se sobressaía como a beldade natural que era, embora ele não gostasse dela vestida com aquela cor sombria.

Malik se virou e deu de cara com Xavier o olhando atentamente e de repente, sentiu uma pontada de culpa, reconhecendo que Sorrel estava certa. Ele teria preferido se esquivar do encontro, agindo como se não tivesse família alguma. Ainda assim, ressentia-se um pouco por não ter conhecido a identidade do pai até os últimos dias de sua vida. Será que não se arrependeria ainda mais se não tentasse ter um relacionamento melhor com os irmãos? E o fato de estar ali havia sido por causa de Sorrel, lembrou ele, a si mesmo. Ela havia batalhado para fazê-lo estar ali.

Ele ergueu a taça.

— É bom vê-lo de novo, Xavier. — E, para sua surpresa, percebeu que havia dito aquilo honestamente.

— *Et toi aussi, monfrère.* — Seu meio-irmão estava recostado na cadeira com os olhos interrogativos. — Aliás, quero muito lhe fazer uma pergunta que não convém tanto ao protocolo — murmurou ele.

— Pergunte o que quiser — disse Malik. — Não somos irmãos?

Por uma fração de segundo, os olhares se cruzaram com total afinidade e Xavier acenou a cabeça em silêncio, grato, reconhecendo a ligação.

— É sério? — quis saber ele. — Com Sorrel?

— *Sério.* — Malik foi pego de surpresa. — Como poderia ser sério? Xavier sacudiu os ombros.

— Eu apenas senti que há algo... entre vocês.

— Mas estamos trocando farpas a noite toda — contestou Malik.

— Por isso mesmo — disse Xavier. Ele olhou na direção do banheiro e hesitou. — São amantes, talvez?

Malik suspirou e balançou a cabeça.

— Isso depende da sua definição da palavra. Não pois ela é virgem — respondeu ele, lentamente, quase como se tivesse esquecido que Xavier estava ali

Os olhos negros de Xavier se estreitaram ao olhar para o meio-irmão.

— Ah, sim, entendo — disse ele. Baixou o olhar para as mãos, por um instante, e ao voltar os olhos novamente, eles estavam claros e puros. — Então você deve deixá-la agora — concluiu. — Ou se casar com ela.

— Eu sei disso — disse Malik, impaciente — Acha que não sei disso?

As mulheres voltaram para a sobremesa e o café embora Laura tivesse recusado a famosa mousse de chocolate do restaurante, optando por apenas um chá de frutas.

No lobby, eles se despediram e Malik concordou em visitá-los em Kardal, quando a casa de praia estivesse pronta. Em meio aos planos futuros, Sorrel ficou de fato, sentindo-se deixada de fora, imaginando quando veria o casal outra vez, se isso acontecesse.

Não melhorou nada depois que eles adentraram a limusine, pois Malik parecia preocupado e Sorrel sentiu que algo havia mudado durante o jantar. Ele não a tocou, sequer a olhou, e não houve o flerte habitual que ela esperava. Sem saber como, nem por quê, Sorrel imaginou que o fim chegaria, antes mesmo de ter começado.

Mas você sabe, sim, o porquê, pensou ela, infeliz. Você ultrapassou o limite invisível. Ao seduzi-lo, você descartou sua identidade pura e virginal e ele perdeu o respeito por você. E apesar de dizer a si mesma que ela estava agindo da melhor forma, em vez de ser uma mulherzinha que só diz sim, isso a magoava, e ela desejou poder voltar o tempo para que jamais tivesse acontecido.

Malik virou a cabeça para olhar pela janela e ver turistas que passeavam pela rua como se fosse dia. O carro passou pela Champs-Élysées e pelo Arco do Triunfo, mas Malik não viu nada.

Sua cabeça estava repleta de pensamentos conflitantes, enquanto ele ponderava sobre sonhos e realidade, desejo e moralidade. Por se envolver em joguinhos sexuais com Sorrel, Malik agora estava em águas turbulentas, sem saber para que lado estava a terra firme. Se tirasse sua virgindade, teria de se casar com ela. Ele não precisava ter ouvido isso de Xavier, com todas as letras, pois já sabia, em seu coração. No entanto, agora, assim como antes, a pergunta permanecia: seria um preço alto demais?

Não seria melhor para todos se ele fizesse o que faria a maioria dos homens em sua posição? Se esquecesse Sorrel, de uma vez? Se ele deixasse que alguns anos se passassem e depois se arranjasse com uma meiga esposa kharastani que lhe deixasse dominar o lar, como fazia com seu país? Não uma mulher a quem conhecia tão bem a ponto de se sentir pouco à vontade e que além disso, era irascível e manipuladora, e, devido à formação em colégio interno inglês era, por vezes, demasiadamente independente até para seu próprio bem.

Sorrel escolheu logo aquele momento para cruzar as pernas, e ele pôde ver seus contornos por baixo da seda do vestido preto. Imaginou se ela estaria usando meias por baixo e engoliu o bolo que se formou na garganta. Será que Malik conseguiria resistir e jamais penetrá-la? Não conheceria a doce sensação de ir até o fim com ela, numa comunhão dos dois corpos em ritmos contrastantes? Ele passou a língua pelos lábios secos.

— Laura está grávida, sabia? — disse ela, tentando preencher o silêncio desesperador.

Malik se contraiu e os pensamentos eróticos se foram. Ele franziu o rosto. — Ela lhe disse isso?

— No começo, não, mas nem precisava. Eu imaginei, você não? Ela não bebeu vinho e parecia muito cansada. Quando fomos ao banheiro, eu perguntei se Laura estava bem e ela me disse. — Ela não contaria que quase desabara e contara que estava apaixonada pelo sheik. — Os dois não falam nada porque estão morrendo de medo de dar azar. Ela perdeu um bebê ano passado. Você sabia disso?

— Não — disse ele. Não sabia.

— Mas Laura já passou de três meses, então parece estar tudo bem — acrescentou ela, vendo o peso que ele demonstrava no rosto. Pois para Malik não era apenas uma notícia alegre o fato do irmão estar prestes a ser pai. Quando se é da realeza, as repercussões de uma nova vida são mais significativas do que o habitual.

O bebê de Xavier se tornaria o primeiro de uma nova geração da família Ak Atyn. Ele, ou ela, seria o seu futuro, e estaria na linha de sucessão, caso Malik não tivesse um filho. Isso *o faria se sentir ameaçado?*, pensou Sorrel, *ou sob algum tipo de pressão sutil para criar sua própria dinastia?*

Ela deu uma olhada no perfil rude, mas Malik permanecia em silêncio, como se fosse esculpido em algum tipo de rocha sombria, aparentemente indiferente à sua presença.

A cabeça dele fervilhava em reflexões sobre o fato de o irmão ter um herdeiro. Será que este seria o alarme de despertar de que ele precisava para parar de evitar a questão que tinha pendente desde que a coroa de Kharastan havia sido posta sobre sua cabeça?

Ao entrarem na suíte deixando o guarda-costas para trás, Malik pensou na rapidez com que o foco muda de direção. No começo da noite sua única preocupação era lidar com o orgulho, numa batalha com a consciência. O fato de levar ou não Sorrel para a cama era algo ainda distante.

Mas, naquele momento, com as notícias do irmão se tornando pai, sua própria existência entrava em jogo. Malik levava seu reinado muito a sério. Ele não havia nascido para o poder e vestia o manto real com leveza. Tinha consciência de sua honra e de todas as responsabilidades, e estas o absorviam.

Mas sua primeira consideração não deveria ser com o povo, em vez de consigo mesmo? Será que o povo estaria preocupado com o fato de sua ausência de demonstração quanto a se estabelecer, quando suas energias vinham sendo canalizadas para se adaptar ao novo papel e colocar Kharastan ao século XXI?

Sorrel se virou para olhá-lo, ele viu o contraste entre os cabelos e o vestido. O louro da lua e o negro da noite, ambos brilhando

suavemente, como estrelas. Seus olhos eram imensos, azuis e muito bonitos e a curva dos quadris era uma prova do papel instintivo de toda mulher: amante e mãe.

Subitamente Malik se esqueceu de todas as idéias sobre o país e seu outro dilema tomou sua mente. Pois Sorrel se tornara um problema, e ele havia sido um tolo por não prever que isso aconteceria.

Ele queria Sorrel mais do que jamais quisera qualquer outra mulher na vida, mas se tirasse sua virgindade teria de se casar com ela.

Mas ele precisava de uma esposa! Como nunca antes, precisava de uma esposa! Seria o destino intercedendo, como já fizera tantas vezes antes? Seria a praticidade um bom motivo para unir o futuro dos dois?

No entanto, se não agisse, Malik a perderia. Alguém a levaria, pois ela estava no ponto de ser amada. Será que ele poderia suportar a idéia de outro homem conhecê-la intimamente?

Tomado por uma certeza do caminho a tomar, ele a pegou no fogo cruzado de seu olhar negro.

— Sorrel?

Ela franziu a testa, sentindo algo no ar.

— Sim, Malik.

Houve uma pausa antes que ele falasse. Uma daquelas pausas que parecem durar eternamente, como antes de um nascimento, ou antes da morte. Momentos que modificam a vida.

— Aceita se casar comigo?

Era a última coisa do mundo que ela esperava, e Sorrel ficou confusa. Seus olhos encontraram os dele, e ela fez sua pergunta pura.

— Por quê?

De certa forma, ela a conhecia bem demais para lhe dizer qualquer coisa que não fosse verdade.

— Porque preciso de uma esposa.

— Por causa do bebê de Laura? — perguntou ela, sem jeito, imaginando se a mágoa de seu coração transparecia no rosto.

— Essa é uma das razões, sim.

— E por causa de minha virgindade? — perguntou ela, magoada. Ele sentiu o corpo retesar.

— Esse é outro motivo, sim. Eu não posso tê-la sem lhe oferecer algo em troca e não posso suportar a idéia de outro homem sendo íntimo com você.

— Nossa, mas quantas boas razões! — debochou Sorrel. Ciúme, possessão e praticidade eram os motivos por trás do pedido. Ele não disse uma palavra sequer sobre como se sentia, mas isso talvez não a

surpreendesse. Para Malik, ela era uma mulher pronta para perder a virgindade. Ele apenas oferecera o preço mais alto.

Malik viu as feições dela se enevoando, mas agora que a idéia se formara em sua mente, ele iria atrás da realização, como tudo que fazia.

— Você me disse o quanto sentia saudades de Kharastan, Sorrel. Como foi mesmo que disse? Como se houvesse um buraco em seu coração.

Ah, mas que homem estúpido! Ele não percebia que Sorrel sentia falta dele, tanto quanto do país que adotara?

— Eu não me lembro de ter dito nada assim — disse ela, calmamente.

— Mas você sente falta da Kharastan — rebateu Malik. — Vejo isso em seu rosto toda vez que você fala a respeito. O olhar sonhador. — Ele contraiu a boca com determinação. — Não posso pensar numa mulher mais qualificada para me ajudar a governar e pense no que seu pai diria se soubesse que a estou pedindo em casamento hoje, Sorrel. Você pode imaginar?

Como ele podia ser tão esperto e calculista?, pensou ela. Ele sabia que aquelas palavras, em especial a afetariam de forma que poucas outras fariam. Os anos mais felizes de seus pais haviam sido enquanto serviam no país que aprenderam a amar, e a paixão fora transmitida à única filha. Malik presenciou o laço estreito que havia entre ela e os pais. Às vezes ele chegava a parecer saudosos, e Sorrel falara sobre isso com a mãe.

— É porque Malik nunca soube o que é ter uma família — dissera sua mãe. Essa havia sido outra das razões por Sorrel estar sempre ao redor dele? Sempre encantada quando conseguia colocar um sorriso naquele rosto austero e belo que ele tinha? Seria esse o motivo para que seu pai tivesse tornado Malik seu tutor? Poderia ele ter sonhado com uma união tão incomum?

Não. Agora Sorrel já estava divagando, mas era difícil evitar. Aquele mesmo Malik estava ali, diante dela com uma pergunta tão difícil, e um rosto que se tornara ainda mais belo ao longo dos anos.

Eu vou perguntar mais uma vez, Sorrel — disse baixinho. — E nunca mais voltarei a perguntar. Aceita se casar comigo?

CAPÍTULO DEZ

CLARO que ela disse sim, o que mais poderia dizer? Sorrel amara Malik desde que se entendia por gente muito antes que ele se tornasse sua Majestade, sheik, e continuava a amá-lo. Apesar de seu temperamento, sua arrogância e seu controle gélido, ela não podia acabar com aquele amor, por mais que tentasse.

No entanto, o que poderia ser como um conto de fadas era bem diferente. Não havia romance, nem comemoração de alegria associada à ocasião. Eles discutiam o assunto com o mesmo tipo de emoção com que falavam de negócios.

A primeira coisa que ele fez foi beijá-la, mas foi um beijo como que para selar um contrato. A segunda coisa que fez foi chamar Fariq, que se curvou com um ar tão contido que ela não conseguia saber se ele estava ou não contente.

— Sorrel tem de ser transferida a um novo quarto imediatamente — disse Malik, e Fariq se curvou mais uma vez, saindo para providenciar o pedido do sheik.

— Por quê? — sussurrou Sorrel. Os olhos de Malik se estreitaram.

— Porque não deve haver mais tentação antes do casamento.

Sorrel riu apreensiva. Que noite melhor que essa para consumir o relacionamento deles, e ficar mais próxima a ele? Isso só podia ser piada. Depois, ela viu seu olhar de determinação e percebeu não ser o caso.

— Mas que diferença isso pode fazer agora? — perguntou ela. — Estamos noivos!

— Faz toda a diferença do mundo, Sorrel — retrucou Malik. — Pois é um costume, uma tradição que o sheik se case com uma mulher intacta. — Ele a viu estremecer diante de sua escolha de palavras, mas era tarde demais para voltar atrás. Os olhos dela estavam arregalados, e a expressão que mostravam tinha o poder de torná-lo ávido...

— Malik...

Ele a deteve com um olhar voraz, lembrando o quanto ficara indefeso sob o toque impiedoso de suas mãos e boca, quando ela o seduziu, antes do jantar. Malik detestava aquele sentimento, da mesma forma como detestava o fato de ter sido ela a causá-lo, mesmo com seu corpo se arrepiando diante da lembrança erótica.

— Nem pense nisso — alertou ele. — Eu sei que você quer demonstrar autoconfiança, e terá todas as chances para isso, mas terá de esperar. Quero fazer isso de forma apropriada.

— E se eu o desobedecer? — Ela jogou os cabelos louros para trás. — E se eu for até aí e o pegar nos braços?

O olhar negro era fixo. Sorrel tinha de aprender duas opções: que os desejos *dele* eram imperativos e que *já* *jamais* poderia desobedecê-lo.

— Então, não haverá casamento, pois nenhum contrato será firmado a menos que eu possa apresentá-la ao meu povo de consciência limpa.

— Ninguém saberá que não sou virgem, Malik!

— Você saberá. E eu saberei. E isso é o que importa. Você virá até mim pura, na noite de núpcias.

Ele viu o olhar de mágoa e decepção e endureceu o coração. Pois os acontecimentos de repente pareciam se apoderar dele, como se a ordem que havia criado em sua nova vida corresse o perigo de mergulhar no caos, se ele não assumisse o controle. Seus sentidos estavam à flor da pele, como se as camadas atrás das quais se protegia comesçassem a se descortinar, subitamente expondo o homem que encobriam.

Malik engoliu o desejo que ela o fazia sentir, mas, acima disso, ele sentia frustração. Ao menos, não demoraria muito. Pretendia que o casamento fosse o mais rápido possível. Sua mente saltava adiante. Teria de haver algumas mudanças na lei pela noiva escolhida, mas, que diabos, ele *era* a lei!

— Confie em mim, Sorrel, a espera valerá a pena — murmurou ele. — Quando eu a tiver em minha cama, isso irá superar todas as expectativas.

Sorrel queria ser confortada, mais que qualquer coisa, porém Malik parecia pensar que aquilo era só sobre o sexo. No entanto, será que ela podia condená-lo por isso? Afinal, ela não havia se comportado de uma forma que ele tinha de reprovar? As mulheres kharastani não eram criadas para acreditar que eram usualmente iguais, e, se por um lado Malik a desejava com uma intensidade que aniquilava qualquer razão, ainda haveria um respeito verdadeiro por ela? Quando o desejo se fosse, o que restaria para manter o casamento?

Mas era tarde demais para dúvidas e noivas não tinham permissão para tê-las. Ela lhe dera sua resposta e teria de honrá-la.

E até voltarem a Kharastan, os preparativos para o casamento e os inúmeros pedidos de entrevistas da imprensa mundial afastariam as dúvidas.

Ela logo começou a perceber que seria muito diferente dali em diante.

Alguém da sua época de colégio vendera uma fotografia sua de short aos jornais e pessoas de quem Sorrel mal se lembrava começaram a surgir com "antigas frases" que ela não lembrava de ter dito.

Havia também a pressão a mais de um vazamento do fato de Xavier e Laura estarem aguardando um menino. Sorrel soube quando estava dando uma rara entrevista antes do casamento, e foi perguntada. — Você irá tentar ter logo um filho? Parecia que assunto algum poderia ser um tabu. Agora que ela era vista como parte da propriedade pública, sua vida havia mudado para sempre. E as coisas em Kharastan também mudaram, algo que Sorrel não esperava.

Durante anos, cuidara da administração do palácio e se sentira totalmente livre ali. Ela sempre nadara na piscina olímpica, e acarinhava os cavalos do haras Akal Teke, passeava pelos belos jardins e sempre se sentia em casa.

Naquele momento, ela era vigiada. Já não era apenas a Sorrel, a loura inglesa que ganhara a afeição do povo kharastani por seu longo relacionamento com a família real. Agora ela estava prestes a se tornar a rainha, e as pessoas começavam a ficar alertas quando ela estava por perto. A espontaneidade e a liberdade de sua vida se foram para sempre, e ela via o quanto custava abrir mão desses simples prazeres.

Mas aceitara Malik sem qualquer restrição. Não pedira por seu amor, provavelmente porque sabia que ele não mentiria, nem fingiria sobre algo que não sentisse. E essa alternativa, uma vida *sem* Malik, era algo que ela não estava pronta a encarar. Não naquele instante em que ela havia saboreado a tentação em seus braços...

Seu rosto estava gélido de terror ao se vestir para o casamento, e seu isolamento parecia debochar dela depois de dispensar as empregadas, temendo que a emoção pudesse fazê-la desabar, um crime imperdoável para uma futura rainha.

O silêncio profundo parecia ensurdecê-la, e fazia muito tempo que Sorrel não se sentia tão solitária como naquele momento, o que era irônico, realmente, pelo fato de que em breve teria um marido. Mas era em horas assim que se sentia a falta de uma família. E as palavras de Malik voltaram a ela. Em meio às lágrimas, Sorrel desejou que seus pais a pudessem ver assim, em todo o esplendor nupcial.

Malik estava certo. Como seu pai ficaria orgulhoso se a visse casando com o sheik!

No entanto, será que a mãe, tão perceptiva, deixaria de ver a expressão enevoada que encobria os belos olhos azuis da filha? Ou veria a verdadeira apreensão por detrás da ansiedade que a estava deixando gelada?

O medo de ter aceitado muito rapidamente a proposta de Malik, com receio de ter de viver o resto da vida para se arrepender por isso?

Sorrel gostaria tanto de ter coragem de perguntar ao futuro marido que tipo de casamento ele estava esperando!

Mas não tivera a chance de perguntar, e agora era de demais. Os convidados estavam reunidos e aguardando, e em uma hora ela já não seria mais Sorrel, que não sabia em que tipo de vida pertencia, mas ainda, casada com um homem que não a amava. Uma batida na porta interrompeu seus pensamentos e Sorrel abriu, vendo as duas cunhadas ali, trazendo um lindo buquê colhido nos jardins do palácio, naquela manhã.

As duas haviam chegado com os irmãos de Malik tinha uma semana, e Sorrel lhes mostrara os tesouros ocultos do campo, enquanto Malik se trancara no escritório para lidar com a questão da disputa da fronteira de Maraban e as mudanças constitucionais que o casamento acarretaria. Ele se assegurava que nunca estivessem sozinhos, e mesmo nos jantares formais, que aconteceram noites a fio antes de cerimônia, ela mal trocava algumas palavras com o noivo.

Laura estava radiante, em comparação à noite em que Sorrel a encontrara em Paris. Os cabelos da cor do sol poente estavam entremeados de flores e um vestido verde encobria a gravidez. Sorrel pensou como ela deveria ter se sentido quando o hospital deixou vaziar o resultado de sua ultra-sonografia mas não parecia apropriado perguntar.

— Olhe pare isso! — exclamou Alexa, a esposa de Giovanni, ao colocar o buquê em cima da cômoda entalhada. — Não são as rosas mais lindas que você já viu?

— Sim! — respondeu Sorrel, ao pegar as flores e cheirar, e olhar para Laura, pensando se ela teria visto seus dedos trêmulos.

— Esse é apenas um nervosismo normal antes do casamento, Sorrel? — perguntou Laura.

— Bem... — Sorrel abriu um sorriso que vinha treinando em frente ao espelho a semana inteira, esperando convencer Laura e o resto do mundo que aguardava. — Será que a palavra "normal" se aplica a alguma coisa que envolva a família Ak Atyn? Laura retribuiu o sorriso.

— Acho que não!

— Venha, nós viemos para acompanhá-la até a cerimônia — disse Alexa a Sorrel. — Você está pronta?

Sorrel mordeu o lábio. Estava?

Toda mulher sonha com o dia de seu casamento e Sorrel vivera essa fantasia muitas vezes. De ir lentamente de encontro a Malik, de olhos baixos e a cabeça levando o peso da coroa de flores cercada de diamantes.

Ao chegar até Malik, ela olhou em seus olhos, com o coração transbordando de amor, ao fazer uma última prece para que ele mostrasse o tipo de sorriso que sua cara-metade também tinha. Mas suas preces permaneciam sem resposta, pois seu rosto estava mais sério do que o de costume, os olhos negros fixos e gélidos.

Será que estaria arrependido? O *maulvi* começou a ler em voz alta os votos nupciais que são lidos em todas as cerimônias, independentemente da religião. Palavras muito profundas que Sorrel gaguejou uma ou duas vezes ao repetir.

Cada um deles deu um gole no cálice da vida, bebendo uma mistura doce de romã.

Ela estremeceu quando Malik passou o cordão de miçangas pretas e prateadas ao redor de seu pescoço, para proteger o casamento do mau agouro e os dois, enfim, foram declarados marido e mulher.

Os convidados se curvaram à medida que ela e o sheik passavam pela sala decorada com guirlandas, onde músicos tocavam as canções tradicionais, próximo ao chafariz.

No lado de fora, eles ficaram sob a luz do sol, e Malik levou os dedos dela até os lábios.

— Então, você é finalmente a minha rainha — murmurou ele, com o rosto sombreado pela coroa que usava. — E embora você tenha prometido me obedecer, já vi que quebrou sua promessa.

Sorrel arregalou os olhos, estarrecida, levando a mão à garganta, magoada porque as primeiras palavras do marido foram uma repreensão.

— Quebrei?

A boca de Malik se contraiu num sorriso diferente. Como se ela parecesse frágil, como se fosse quebrar se ele a pegasse nos braços.

— Eu estava brincando — disse ele, baixinho — Você prometeu sempre usar os cabelos soltos para seu sheik, se lembra? — Os olhos dele queimavam com a promessa sexual. Gostaria de pegá-la nos braços e beijá-la de verdade, mas tinha de se portar de modo decente. Pelo menos até chegarem ao quarto — Mas eu mesmo vou soltá-los, quando estivermos sozinhos.

Ela o encarou, mal podendo acreditar que já era sua esposa. Querendo se beliscar para ver se estava mesmo viva ou se estava sonhando. Querendo uma garantia de não ter feito a coisa mais tola de sua vida.

— Malik, estou apavorada com a possibilidade de ter feito a coisa errada.

— Não precisa. Eu vou ensiná-la, como ensinei todo o restante. — Ele pensou no tempo que Sorrel fora forçada a esperar para finalmente ter o prazer pelo qual ansiava, e quis tranquilizá-la. — Você é uma pupila sensual e dedicada, Sorrel.

Será que ele pensava que tudo era sobre sexo? pensou ela, desanimada. Ou talvez isso fosse a punição de uma jovem que anunciou querer um amante, jamais sendo levada a sério depois disso?

— Eu quero dizer que temo que as pessoas não me aceitem.

Malik ergueu seu queixo com a ponta dos dedos e olhou em seus olhos azuis.

— Como poderia acontecer isso? — perguntou ele, balançando a cabeça e sacudindo as flores que também o adornavam. — Se você está perfeita e todos estão felizes pelo seu casamento? — Estão, Malik? Mesmo?

— Sim. Mesmo. Todos a viram crescer e vêem o quanto você ama nosso país. Por que você tem qualquer sombra de dúvida? — ele sacudiu os ombros ao vê-la imóvel, precisando ser convencida. — Oh, sempre haverá gente que pensa que eu deveria ter casado com uma mulher de sangue puro, mas cabe a você ganhar os corações e provar que estão errados. Você pode ter a aparência de uma estrangeira, mas, com certeza, não age como uma. Você vai se sair bem. Sorrel, mas precisa aprender a disfarçar suas dúvidas e esconder seus sentimentos por trás de uma fachada de confiança. É isso que o povo espera de você.

e, na verdade, eu também. Portanto, vamos cumprimentar nossos convidados.

Ela lhe deu o braço e os dois seguiram ao banquete sob a música e a chuva de pétalas, num toque ocidental pedido por Malik especialmente para sua noiva, porém, para Sorrel o dia provou ser um teste de resistência.

Todas aquelas coisas que ele acabara de dizer quanto a esconder seus sentimentos ela já sabia que precisaria fazer. Sabia que Malik fazia isso o tempo todo, principalmente em público. Mas será que teria de continuar fazendo também em particular? Será que os dois teriam permissão para *ter* sentimentos, ou tudo deveria ser em nível superficial, onde os extremos da emoção não eram incentivados?

Mas você fez a sua cama nupcial, agora deite!

Malik não a forçara a se casar. A pedira calmamente e ela havia aceitado. Ela ingressara no casamento como uma adulta, portanto, tinha de começar a agir como tal. Ninguém tem tudo o que quer na vida, e talvez aquilo fosse o bastante.

O quarto deles estava repleto de velas acesas e aromatizado com âmbar e cedro, segundo a crença, para enfatizar a fertilidade da noiva na noite de núpcias

Conforme Sorrel tirava o vestido bege pela cabeça, começava a entender um pouquinho daqueles antigos rituais. Subitamente, compreendeu a necessidade por trás da insistência de Malik para que fosse sua de forma intocada naquela noite importante. Ela era a esposa de um rei, é claro que tinha de ser pura.

— Sorrel?

Ela ouviu a voz doce e profunda, com o sotaque que nunca deixava de provocar arrepios em sua espinha, e se virou para vê-lo ali, em pé.

— Sim, Malik — sussurrou ela.

Ele caminhou até ela e pegou seu rosto com as duas mãos, depois tocou o entremeado de seus cabelos, ainda enfeitados com a tiara de diamantes.

— Quero soltar seus cabelos — disse Malik, com a voz hesitante.

Cuidadosamente, ele tirou a coroa, depois começou a tirar os grampos de pérola, um a um, e os cabelos dela começaram a cair sobre os ombros, mecha por mecha. Foi lento e sensual, e simbolizava o que estava por vir. Era como uma fantasia, Malik, seu marido, seu lindo rosto concentrado na tarefa que tinha nas mãos. Quando os cabelos finalmente estavam soltos, ele correu os dedos por entre as mechas, ávido como um homem que acaba de descobrir um tesouro.

— Eu sonhei com esse momento — confessou ele, baixinho.

Sorrel também sonhara. Mas agora que havia chegado, ela se sentia arrebatada por uma timidez terrível. Isso já não era uma luta

erótica num quarto parisiense, mas uma submissão antiqüíssima, de uma esposa ao seu amo.

Era uma união fomentada pelo tradicionalismo e pela urgência de Malik em ter um herdeiro, mas jamais teria o fervor das chamas do amor. E isso certamente não prometia algum tipo de ternura entre eles, o tipo que nunca poderia ter surgido durante a educação sexual a sangue frio. Será que a amizade de tanto tempo não valia alguma coisa no quarto?

— Malik — sussurrou ela.

— Ah, Sorrel! — disse ele, com a voz rouca pela negação. Ele a queria tanto e há muito tempo, mas sabia que tinha de fazer isso algo memorável para ela, já que definiria sua opinião quanto ao sexo para sempre. Mas ele estava latejando!

— Você sabe o quanto ansiei por esse momento? — perguntou Malik. — O quanto pensei, noite após noite, em você, nua, nos meus braços, em minha cama? E você pensou em mim da mesma forma — disse ele, com satisfação.

— S-sim — sussurrou Sorrel, mas havia algo Voraz, quase selvagem nas feições dele, que quase o fazia parecer um estranho.

— Acho que você está muito vestida. Acho que nós dois estamos. Ah, o doce prazer de se despir! Podemos tirar isso? — Ele passou o dedo sobre o tecido do vestido dela.

— S-sim — disse ela, novamente, imaginando para onde teria ido a Sorrel super confiante, aquela que o seduzira com tanta destreza. Será que a magnitude do dia do casamento a inibira?

Ele a deitou sobre a cama e tirou o vestido, depois começou a tirar a túnica. Já vira o corpo dela quase inteiro, mas não totalmente nu, sempre insistindo para que ela usasse calcinhas francesas, como se cedesse a algum tipo de decoro. Mas, fora a noite era Paris, só houvera uma ocasião em que Sorrel vira Malik parcialmente despidido.

Foi quando ela ainda era adolescente e chegou ao jardim quando ele estava treinando esgrima. A visão de seu dorso nu e forte, molhado de suor, ficara impressa na mente, povoando suas fantasias nos anos que se seguiram.

Mas, naquele instante, ao tirar a túnica, nada se comparava ao esplendor de seu corpo nu, com toda a força provocadora e o poder latente.

Sua pele reluzia sob a luz de velas, que deixava o ambiente dourado, e os temores de Sorrel se multiplicaram. Ela queria dizer que estava fingindo quando disse querer um amante, e que jamais poderia imaginar que Malik fosse desbancar o seu blefe. Queria dizer algo brega como *Por favor, seja gentil comigo*, mas nem sabia se ele ouviria, pois agora seu rosto estava contraído feito uma máscara, como se ele nem estivesse ali com ela, ou talvez como se nem a visse. — Malik! — disse

ela, ofegante, quando ele subiu na cama e os corpos quentes se encontraram.

— Sorrel... — Ele começou a acariciar seu corpo, se controlando, enquanto seus dedos começavam a traçar a pele macia. — Sorrel... repetiu, dessa vez, com mais avidez.

Como amante, ele era de uma perfeição absoluta. Sabia exatamente quando começar e quando recuar. A primeira investida doeu, mas aquilo pareceu satisfazê-lo, pois ele riu baixinho, como se estivesse sentindo um prazer quase indulgente. Depois não doeu mais, Malik se certificou disso. Que corpo perfeitamente esculpido para o prazer, tijolo por tijolo formando uma parede de desejo, os lábios dele nos cabelos dela, sobre seus seios, em sua boca! Sorrel sentiu o corpo dele se enrijecendo dentro dela, e subitamente não podia mais suportar e ultrapassou o limite, seu corpo em espasmos repetidos junto ao dele. — Malik, oh, Malik — ela gemia. Sorrel não desconhecia o orgasmo, Malik também havia assegurado isso, mas dessa vez foi diferente, Dessa vez, foi como se ela jamais voltasse a ser a mesma pessoa. Talvez porque ele também tivesse chegado ao clímax logo depois, e ela ouviu o gemido rude que pareceu irromper do fundo de seu ser.

Depois ele recuou, a beijou nos cabelos e acarinhou sua testa molhada, mas foi o mesmo tipo de beijo com o qual selara o noivado, que o mostrava como se estivesse em outro lugar. Malik se virou, se afastando dela, deitando de barriga para cima. De repente, o espaço que havia entre eles parecia ter mil milhas. *Será que era isso que acontecia depois?*, pensou Sorrel, com uma nova onda de pânico. Os corpos unidos se separavam uma vez saciados? E por que isso a deixara com aquela sensação de vazio por dentro?

Porque ele não a ama como você quer ser amada como você o ama. E sendo Malik, o perfeccionista Malik, ele não iria passar pela pantomima de dizer algo que não sentisse.

Sorrel mordeu o lábio, sentindo o gosto de sangue, piscando no intuito de deter as lágrimas, imaginando se ele poderia percebê-las.

Malik ficou deitado olhando o teto, mas ele não via nada das luzes das velas dançando. Ele pensava na longa jornada que percorrera até chegar onde estava agora. Levado ao palácio por uma mulher de meia idade, entregue ao sheik pelos serviçais, nunca reconhecido como herdeiro até pouco tempo antes de sua morte.

Para Malik, a vida havia sido uma série de testes, de saltos que tivera de dar. Na maioria das vezes baseara-se em outros exemplos, em outras, contou com o instinto. Mas os relacionamentos eram o mais capcioso de tudo, e nenhum mais do que esse com Sorrel. No entanto, todos os minutos e meses e anos que o trouxeram até aquele ponto culminaram num momento de paz. E ele fechou os olhos e adormeceu.

Sorrel ficou ali deitada, paralisada, em descrença, até que a respiração suave e constante do homem deitado ao seu lado lhe disse que ela não estava enganada.

Malik estava dormindo!

As emoções que vinham se revolvendo dentro dela por tanto tempo, finalmente vieram à tona e ela sentiu as lágrimas começando a escorrer pelos cantos dos olhos. Ela as engolia, mas sentia que voltavam a brotar, insistentes. Em um minuto, Sorrel o acordaria e não iria suportar se Malik a visse chorando em sua noite de núpcias, querendo saber a razão.

Ela saiu da cama e tremeu um pouquinho quando seus pés descalços tocaram o chão de mármore. Desacostumada à própria nudez, não se atreveu a puxar a camisola da cama e acordá-lo.

Ao menos a noite estava quente, e Sorrel soprou algumas velas pelo caminho, antes de ir até a janela. As cortinas estavam abertas diante dos lindos jardins do palácio e a lua estava cheia no céu. O casamento havia sido planejado com base no glorioso ciclo lunar, já que a lua cheia era considerada uma previsão afortunada na cultura kharastani. Lua-de-mel.

Oh, como a palavra debochava dela! As lágrimas surgiram no fundo da garganta e ela as sufocou, mas era tarde demais, pois a silhueta morena se remexeu na cama.

Por um instante, Malik ficou meio desorientado enquanto acordava. Seus sentidos estavam sempre em alerta, pois ele passara longas noites em vigília no deserto, como parte de sua transição de menino para homem. Mas as serpentes e os escorpiões, ou o barulho de um predador maior, a distância, eram coisas com que ele podia lidar.

Sua esposa chorando na noite do casamento, não sob a meia-luz, ele franziu o rosto antes de falar

— Eu acredito que muitas mulheres chorem após a primeira vez. Dizem que é como uma pequena morte.

Sorrel não se virou, apenas sacudiu a cabeça com tanta violência que seus cabelos caíram sobre o rosto, seus ombros estavam tremendo.

— Sim, deve ser isso! — chorava ela. — Deve ser uma reação ao sexo! Porque isso é que importa, não é Malik?

Malik ficou insultado.

— Mas isso é muito engraçado, vindo de você!

Ele se sentou, com o lençol emaranhado ao redor de seus quadris e viu Sorrel sob o luar, as curvas femininas como um violino prateado, os cabelos caindo sobre as costas como ouro branco. Mas ele endureceu o coração diante do côncavo em suas costas, da forma como as nádegas se curvavam com perfeita simetria.

Ele falava rápido e perguntou, antes que Sorrel pudesse se virar e enfeitiçá-lo com aqueles olhos azuis. Embora o quarto estivesse relativamente escuro, não havia antídoto para aquele encanto particular dela.

— Você está infeliz? — perguntou Malik, entre dentes.

— Sim!

— Talvez tenha se arrependido por ter se casado comigo?

— Sim, Malik! — gritou ela, novamente, e as palavras saíram lá do fundo. — Sim, me arrependo!

CAPÍTULO ONZE

HOUVE silêncio por alguns minutos, quebrado pelo som do choro de Sorrel, que foi se dissipando aos poucos. Ela ouviu o riscar de um fósforo e viu a luz se intensificar, quando Malik acendeu uma vela atrás dela. E, por não poder continuar de costas para ele, ela se virou, esperando a fúria de seu rosto.

— Não teria feito mais sentido se você tivesse pensado nisso *antes* do casamento? — estrilou ele.

Então Sorrel se sentiu ainda mais vulnerável, nua diante do desprezo que irradiava da figura poderosa, vindo em ondas tão fortes que ela quase podia vê-las. Ela respirou fundo, ainda tremendo por entre as lágrimas, andou até um dos sofás onde estava o véu dourado que usara no casamento e o amarrou ao redor do corpo, como um sarongue. — Eu pensei... pensei...

— Não.., é simplesmente isso! — ele estourou. — Você *não* pensou! Se você tinha esse tipo de... *dúvida*... — Malik frisou a palavra exageradamente, querendo bater com os punhos contra a parede de frustração — ... deveria ter me dito!

Sorrel queria dizer que era difícil compartilhar qualquer coisa com ele, enquanto estivessem morando em lados opostos do palácio e mantidos separados pelo protocolo. Porém, mesmo que estivessem juntos, ela teria se atrevido a dizer como realmente se sentia? Desde quando Malik a convidara a partilhar suas confidências?

A mente de Malik estava em turbilhão. Havia escolhido Sorrel como esposa, apesar do fato de não ser nativa de sua terra, porque admirava a personalidade adaptável que sua criação ajudara a formar. Mas, no fim das contas, ela não era uma kharastani, e não trazia os traços profundos daquela cultura.

Pois uma kharastani andaria descalça sobre as areias escaldantes do deserto antes de abrir mão de seu casamento. Ora, uma mulher ocidental terminaria uma união sagrada com a crueldade de um falcão que mergulha para pegar a sua presa!

Como sheik relativamente novo, era seu papel seguir o exemplo. Mas que tolo ele pareceria se seu casamento fosse desfeito antes que as pétalas de rosa fossem varridas do jardim do palácio!

Porém, mais que qualquer um, Malik sabia que a melhor forma de derrotar o medo era enfrentá-lo. *Enfrente seu pior pesadelo e passe por ele. O que mais poderá feri-lo?* Ao menos, essa era a teoria.

— Então você quer cancelar o casamento? — perguntou ele.

Sorrel ficou ofegante. Era assim que ele a via? Como algo tão descartável?

— Você quer?

— Claro que não quero terminar o casamento! — respondeu ele, furioso. — Minha reputação será despedaçada se o fizer!

A esperança que surgira no coração dela teve uma morte súbita e Sorrel mordeu o lábio.

— Bem, isso não pode acontecer, não é?

O instinto dele era repudiar verbalmente, esconder sua mágoa e o ultraje por ela falar com ele de tal maneira. Porém, por trás do sarcasmo dela ouvia a voz da dor e a encarou, sentindo-se como alguém que não sabe nadar em meio ao mar de Balsora, em pleno inverno.

Pois Malik sabia muito pouco sobre as mulheres, exceto as coisas óbvias sobre como satisfazê-las na cama. As empregadas que ajudaram a criá-lo no palácio o adoravam, mas o garotinho orgulhoso se mantinha distante. Talvez, por ser fruto de uma união que sempre fora comentada com sussurros, Malik tenha sempre se sentido vagando pela escuridão. E, quando uma mãe morre no parto, as pessoas tendem a ter pena da criança e pena era a última coisa que ele queria. Sorrel não tinha pena dele. Ela fora gentil e meiga, mas, em algum ponto do caminho essa doçura desaparecera. Malik a tirara dela, deixando somente a raiva e a mágoa.

A voz dele foi sombria. — O que é que você quer, Sorrel? Ela podia dizer que queria seu amor, mas isso seria como uma criança exigindo uma carruagem de ouro, como aquela que Cinderela tinha. Só se deve pedir pelo que se pode conseguir e ninguém pode garantir que o desejo de seu coração seja alcançável.

— Receio que teremos que manter um casamento como o de seu pai — admitiu ela, expressando uma preocupação que nem percebera ter até então —, com você viajando pelo mundo, fazendo amor com mulheres diferentes e tendo bebês com elas.

Teria ela a intenção de feri-lo? Pois foi o que ela fez.

— Meu pai fez o que seu povo queria dele, naquela época — disse Malik. — Sua esposa, a rainha, era estéril, e o país precisava desesperadamente de um herdeiro.

— Ainda precisa.

Ele não disse *mas nós podemos ter nossos próprios filhos*, porque, de alguma forma, aquilo parecia inapropriado, como uma visão de um futuro que não se pode ter.

— Xavier está trazendo a próxima geração — disse ele, firmemente.

— Achei que a rivalidade quanto a *isso* fosse um dos motivos por você ter me pedido em casamento.

Vindo de qualquer outra pessoa isso poderia ter soado como uma crítica. Porém, ninguém mais teria dito, principalmente em um momento como aquele, com o casamento na corda bamba. Essa era Sorrel, em sua melhor forma. Fazendo com que ele se lembrasse do que era real e o que não era.

— E foi — respondeu Malik — mas não foi o bastante. Assim como sua virgindade também não foi.

Sorrel ficou assustada. Uma coisa era ela transmitir suas dúvidas. Outra era Malik fazer o mesmo com ela. Pois as mulheres verbalizavam, enquanto os homens agiam, e aquilo soava como se... como se ele realmente quisesse terminar tudo. Um aperto profundo tomou seu coração.

— O que quer dizer com "não foi o bastante"? Pela primeira vez na vida, ele se sentiu sem ação. Nem mesmo quando a suspeita de que fosse filho do sheik se concretizou ele se sentira assim. Como se estivesse sendo levado por uma correnteza feroz, que antes era um córrego plácido.

— Eu apenas gostaria que pudéssemos ter de volta o que tínhamos antes — disse ele, simplesmente.

Sorrel o encarou,

— E o que era? — sussurrou ela.

— Era tudo tão calmo entre nós! — disse Malik, — Eu gostava de saber que você estava ali, eu só não percebi isso até você partir. — Ele sacudiu os ombros, como um garotinho a quem fora exigido agir como um homem. Foi a primeira lição que ele aprendeu, que homens não demonstram sentimento e não houve uma mãe carinhosa ao seu redor para lhe dizer que ele podia fazê-lo.

— Talvez o sexo tenha complicado o nosso relacionamento — admitiu ele, já que Sorrel continuava em silêncio, olhando com aqueles olhos azuis imensos, com uma expressão que ele não conhecia. — Mas eu a queria muito, Sorrel. Quando entrei em seu apartamento e a vi parecendo uma qualquer... — A voz dele era rouca, os olhos estavam opacos ao lembrar, com cobiça. — Eu, de repente, percebi o quanto a queria.

— Malik — interrompeu ela, pois sabia que não conseguiria se conter se fosse magoada. Pois as meias-verdades podiam ferir do mesmo jeito. Ele podia não se sentir da mesma forma que ela, mas precisava saber o que Sorrel sentia por ele, pois certamente seria mesquinho guardar os sentimentos por querer algo somente para si.

— Eu estava chorando porque te amo — disse ela, baixinho. — Da mesma forma que sempre te amei. POR isso fui embora, porque você parecia me conhecer muito, e porque eu estava projetando um futuro insuportável, no qual você teria outra mulher como esposa e eu não

aguentaria. Eu estava chorando porque você jamais retribuirá meu amor da mesma forma e porque eu jamais seria capaz de dizer como me sinto a seu respeito.

Os olhos dele se estreitaram desconfiados, como um cavalo selvagem a quem se oferece comida, pela primeira vez.

— Então, você não quer me deixar?

— É claro que não — sussurrou Sorrel. Como ele poderia acreditar naquilo, honestamente? Mas na mesma hora ela percebeu que Malik não sabia como receber amor, provavelmente porque ele jamais passara por essa experiência. — Nunca, nunca, nunca — afirmou ela, com ardor.

Um suspiro escapou dos lábios dele e Sorrel os tocou com a ponta dos dedos. Seus olhos percorriam o rosto dele. E, sob a meia-luz, ela viu algo que não se atreveu a descrever, mas reacendeu um clamor diferente em seu coração. De certa forma, os dois eram bem parecidos: dois invasores que se ambientaram nos lugares necessários, mas jamais tiveram seu lugar próprio.

Ela amava Malik e queria que ele a amasse, mas uma coisa não dependia da outra. Ela pensava ter a maioria dos ingredientes, ele só precisava trabalhar em sua própria receita.

Mas, enquanto isso, Sorrel poderia mostrar a dela. Mostrá-la, com todo o coração, como o amor fosse capaz. Ela seria sua parceira de todas as formas, se ele a deixasse.

— Eu te amo, meu querido Malik — disse ela. — Amo muito.

E Malik sentiu o ardor das lágrimas ao reconhecer que ela fora humilde diante dele, sem temer demonstrar seus sentimentos. Foi como se um véu tivesse sido tirado dos olhos dele e tudo subitamente se tornasse claro.

Havia uma palavra para descrever a forma como ele sentira a falta dela, a forma como a queria, e o jeito de sentir seu coração se partir em mil pedaços se ela partisse outra vez.

O bolo em sua garganta dificultava a fala, mas a palavra parecia determinada a ser dita.

— Eu também te amo, Sorrel — retribuiu ele. — Eu te amo.

Havia um tom maravilhado na voz dele ao deixar que aquele novo sentimento o invadissem, como o sol entrando numa sala que sempre fora escura, e outros sentimentos se seguiram. Alegria, alívio, o pertencer. E o desejo. Oh, sim, havia desejo!

Mas até o desejo parecia diferente quando ele pesou o rosto dela com as duas mãos, e a olhou.

— Sorrel? — chamou ele, quase sem voz.

— Malik? — respondeu ela, e o tom vidrado que ouvira na voz dele agora ecoava na dela.

Ele baixou a cabeça e os lábios dos dois estavam quase encostados, os hálitos mornos se fundiam, os olhares fixos, e naquele instante, antes de beijá-la, os olhos dele reluziam de puro deleite, mesmo com o corpo se enrijecendo como nunca antes.

— Eu te amo — repetiu Malik. — E agora eu vou mostrá-la o quanto.

Ele a carregou de volta à cama e, pela primeira vez na vida, reverenciou uma mulher, passando a boca em cada centímetro do corpo dela. De repente, um ato que ele havia desempenhado incontáveis vezes na vida, com desfechos previsíveis ainda que prazerosos, se tornou algo totalmente fora de sua experiência. Foi como se ele tivesse sido levado a uma outra dimensão, como adentrar um lugar onde as cores eram mais vivas e intensas, e tudo, de alguma forma, fosse mais real.

A união dos corpos parecia tão... *profunda*... Algo tão íntimo e espiritual que desafiava a razão.

Depois, ele sentiu as próprias lágrimas, misturadas às dela. Somente então Malik descobriu que se podia chorar por todo tipo de motivo. Aquelas eram lágrimas de alegria, e não havia nada de errado nisso. Não no santuário de seu quarto, sozinho com aquela mulher extraordinária, com quem ele podia ser o homem que jamais fora com ninguém mais.

Ele a abraçou bem forte e beijou, depois levou os lábios ao seu ouvido.

— Eu jamais vou deixá-la, Sorrel — disse ele, com desejo. — Minha rainha, minha esposa, minha amante.

Sorrel o beijou no alto da cabeça, e o abraçou com a mesma força, com o coração ardendo de amor por ele.

EPÍLOGO

SORREL estava diante do espelho, escovando os cabelos até que parecessem uma cortina loura. Ela bocejou. Havia sido uma noite longa, mas bem-sucedida. Uma noite para festejar a abertura de uma nova estrada que se estendia da capital e circundava o lado oeste do país. Um dia chegaria até as belas montanhas que dividiam Kharastan de Maraban, país vizinho. Com ela, viriam a vida e o turismo, e novos empregos, tão necessários em Kharastan, embora houvesse aqueles que se opusessem a isso.

— As pessoas sempre se opõem ao progresso, Sorrel — Malik comentou, baixinho, quando ela lhe contou os rumores de descontentamento que ouvira, principalmente vindos de estrangeiros que queriam manter o país para si mesmos, como um glorioso tesouro encoberto.

— É da mudança que eles não gostam — respondeu, pensativa.

— Bem, isso é sempre um obstáculo — concordou ele, com um sorriso.

Como um casal, eles próprios tiveram de lidar com grandes mudanças, muito mais que os recém-casados comuns. A adaptação à vida de casados e a vida juntos... O aprendizado de Sorrel de como ser uma rainha... Era como andar de montanha-russa: tudo a deixava tonta e empolgada, embora, às vezes, exausta.

Para fugir do cansaço, os dois haviam contratado um arquiteto para a construção de uma casa no Mar de Balsora, a uma curta distância de onde Xavier e Laura tinham a casa deles, e onde agora Giovanni e Alexa procuravam algo para comprar.

A nova casa era repleta de luz e o som próximo das ondas era melhor que uma ida a um terapeuta! Eles iriam para lá na manhã seguinte, e Sorrel mal podia esperar.

— Ah, você ainda está acordada!

Sorrel ouviu a voz satisfeita do marido, e Malik veio até ela, que viu seu reflexo no espelho, com a túnica branca esvoaçante, e recostou a cabeça junto a ele.

— Eu sempre espero por você acordada — contestou ela, murmurando de prazer quando Malik começou a massagear seus ombros.

— Eu sei que sim, meu anjo. — Ele a beijou no alto da cabeça, depois franziu o rosto. — Mas achei que você parecia um pouco cansada essa noite.

Como ele se tornara sensível!, pensou ela, com carinho. Sim, ela estava cansada, mas havia um motivo para isso.

— Um pouquinho. — Ela sorriu, saboreando a expectativa de contar a ele, virando-se e passando os braços ao redor de seu pescoço, suavizando os olhos ao olhar seu rosto. — Você se lembra que me pediu para encontrar suas abotoaduras? Aquelas que Giovanni e Alexa deram no seu aniversário, ano passado?

Malik ergueu a mão dela e beijou.

— Sim?

— Bem, eu encontrei. Estava numa gaveta. — Ela hesitou. — E também achei mais uma coisa.

— Oh? — ele riu. — Um segredo?

— Mais ou menos. — Ela esticou a mão e pegou uma caixinha sobre a penteadeira, e mostrou a ele. Era uma coisinha barata, coberta de conchas, com a palavra *Brighton* escrita. O tipo de souvenir que milhares de crianças pequenas levam de lembrança, comprado com uns trocados.

Ele olhou e sorriu.

— Ah.

— Fui eu que comprei isso, não foi? — disse ela, trêmula.

— Sim, minha querida. Acho que você tinha uns dez anos.

— E você guardou todo esse tempo?

Os olhos de Malik se derreteram de uma forma como jamais se permitira, mas ele aprendera que não tinha problema em demonstrar seus sentimentos para a esposa, sua linda e amada Sorrel.

— Sim, guardei. Foi o primeiro presente verdadeiro que eu ganhei.

— Ele pegou da mão dela e a olhou, pensativo. — Que bom ter vindo de você!

Houve uma pausa e o coração dela disparou.

— Eu tenho... tenho um outro presente para lhe dar — disse ela, baixinho. — Algo que acho que você vai gostar mais ainda.

Os olhos de Malik se estreitaram ao ver o rosto dela corando. Ele já a conhecia bastante, mas cada dia era como uma nova viagem de descoberta impressionante, e essa Sorrel era uma que ele não vira antes.

— Sorrel?

Sentindo-se subitamente acanhada, Sorrel baixou os olhos e ao erguê-los ela se sentiu radiante de orgulho.

— Estou grávida — sussurrou ela, vendo seu olhar incrédulo e acenando a cabeça.

— Você vai ter um bebê?

— Sim! — disse Sorrel, e começou a rir. — *Sim!*

Os dois torciam por um bebê, porém, era um daqueles desejos que não expressavam em voz alta, por uma superstição. Malik jamais tivera sua própria família e Sorrel perdera a sua da noite para o dia e isso representava mais para eles do que jamais conseguiriam admitir.

— Quando?

— Eu acabo de saber... está no começo... mas...

Ele deu um grito, depois resmungou num tom de posse e largou a caixinha, pegando-a nos braços.

— Precisa descansar? — perguntou Malik.

— Não, querido.

— Precisa descansar — disse ele, firmemente, erguendo-a nos braços e carregando-a até o sofá ao lado da cama, diante da janela que dava para o jardim do palácio.

— Sim, querido. — Sorrel sorriu, pensando que podia deixar que fosse do jeito dele, e depois lhe daria seu livro sobre gravidez para ler, dando ênfase especial ao capítulo que incluía as observações sobre

'Como não embrulhar a mulher grávida em papel de seda'. Mas agora deixaria que Malik a mimasse. Pois podia entender seus motivos.

Esse bebê significava mais do que a continuidade de uma linhagem de sangue nobre. No fim das contas, os dois eram iguais a qualquer casal apaixonado, e esse bebê era uma demonstração desse amor.

Ele sentou aos pés dela e beijou as pontas de seus dedos e o sol entrou, iluminando a caixinha de conchas, o único presente verdadeiro que Malik já recebera, algo mais precioso que as esmeraldas que minavam no reino. O maior presente de todos.

A dádiva do amor.

Fim